

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras

Jean Santos Otoni

**O SISTEMA FLEXIONAL DA LÍNGUA TÉTUM-PRAÇA:
descrição das categorias Tempo e Aspecto e sua relação com marcadores e
Advérbios**

Belo Horizonte

2016

Jean Santos Otoni

**O SISTEMA FLEXIONAL DA LÍNGUA TÉTUM-PRAÇA:
descrição das categorias Tempo e Aspecto e sua relação com marcadores e
Advérbios**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Arabie Bezri Hermont

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Belo Horizonte

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

O88s Otoni, Jean Santos
O sistema flexional da língua tétum-praça: descrição das categorias Tempo e Aspecto e sua relação com marcadores e Advérbios / Jean Santos Otoni. Belo Horizonte, 2016.
138 f.:il.

Orientadora: Arabie Bezri Hermont
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Linguagem e línguas - Timor Leste. 2. Gramática gerativa. 3. Gramática comparada e geral - Sintagma nominal. 4. Semântica. I. Hermont, Arabie Bezri. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 809.59

Jean Santos Otoni

**O SISTEMA FLEXIONAL DA LÍNGUA TÉTUM-PRAÇA:
descrição das categorias Tempo e Aspecto e sua relação com marcadores e
Advérbios**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Prof^a. Dr^a. Arabie Bezri Hermont – PUC Minas (Orientadora)

Prof. Dr. João Henrique Rettore Totaro – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Eliane Mourão – UFOP (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros – PUC Minas (SUPLENTE)

Belo Horizonte, 29 de agosto de 2016.

Este trabalho é dedicado aos meus pais, Fábio e Delmira. Eles são a principal razão da minha persistência! Com eles, pude compartilhar, carinhosa e compreensivamente, todos os momentos deste estudo. É também dedicado a todos que ocupam um grande espaço em meu coração. Aos meus Mestres pela dedicação e contribuição e a todos os meus colegas pelo apoio, incentivo e convivência fraterna durante o curso.

AGRADECIMENTOS

A todos os que de alguma forma ajudaram na elaboração desta dissertação, este é o momento de agradecer.

A Deus por estar aqui e por iluminar os meus passos, tornando-se este trabalho menos pesado.

A Prof^a. Dra. Arabie Bezri Hermont, minha orientadora, merece um agradecimento especial. Sempre disponível para tirar dúvidas, sempre preocupada em seguir meu trabalho e os caminhos da pesquisa, foi uma pedra basilar dando-me sempre vontade para avançar. Seu interesse humano em ajudar pessoas que desejam vencer na vida e propagar o conhecimento e a educação será algo que irei repassar a todos os alunos que terei em minha carreira docente.

Carinhosamente, aos meus familiares, minha doce e amável Danielle pelo amor, força, compreensão e afeto durante a escrita. Aos meus pais, meus exemplos de vida e minha força motriz. *Obrigado!*

Aos mestres que colaboraram com a minha formação, pontuando caminhos possíveis para minha investigação e instigando como estudante.

A FAPEMIG, pela bolsa concedida para os meus estudos, sem a qual possivelmente não teria sido possível a conclusão desse curso.

E, como a universidade não se esgota nos professores, é necessário também agradecer aos amigos e colegas por suas intervenções e sugestões que contribuíram nesse processo de crescimento.

E claro, aos meus alunos timorenses que contribuíram para o meu crescimento profissional, além de esclarecer muitas dúvidas sobre a língua tétum. *Obrigadu barak ba imi!*

“The nascent nation of East Timor is one of those parts of the world that may be described as a linguist’s paradise or hell, depending on his appetite for hard work.”

HULL, 2001

RESUMO

Esta pesquisa, inserida no âmbito do *Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras da PUC/MG*, na área de Linguística e Língua Portuguesa, examinou o sistema flexional da língua tétum-praça, língua franca de Timor-Leste, hoje com 36,6% de falantes, de acordo com o Censo 2010 realizado pelo Ministério das Finanças da República Democrática de Timor-Leste. Para tal, objetivou-se entender, sob enfoque da Teoria Gerativa, o sistema flexional da língua tétum-praça. Para alcançar esse objetivo, procedeu-se a uma análise descritiva acerca das categorias tempo e aspecto, promovendo um estudo de verificação da relação com marcadores e advérbios em tétum-praça. Além disso, o trabalho ora realizado procurou relacionar a ordem das categorias tempo e aspecto e marcadores e advérbios em tétum-praça à hierarquia de núcleos funcionais, proposta por Cinque (1999), o qual realizou um amplo estudo, correlacionando várias classes de advérbios com núcleos funcionais, dentre eles: modo, tempo e aspecto, em diversas línguas naturais. Além desse estudo, apresentou-se a proposta de Rocha & Lopes (2015), para as quais os advérbios podem ser adjungidos à esquerda ou à direita de um núcleo funcional e haveria restrições semânticas para que um dado advérbio se unisse a um sintagma, no caso um sintagma verbal. A pesquisa realizada deu-se a partir da transcrição de algumas falas durante debate realizado em Timor-Leste entre Xanana Gusmão, na época Primeiro-Ministro da República Democrática de Timor-Leste, e Mauk Moruk. Foram selecionados dois nomes para tal análise, quais sejam: Taur Matan Ruak e Mari Alkatiri. Dessa forma, descrevem-se as categorias funcionais do tétum-praça à luz do gerativismo, proporcionando uma maior compreensão das projeções funcionais, tempo e aspecto nessa língua, e do papel que têm os marcadores e advérbios de natureza temporal e adverbial.

Palavras-chave: tétum-praça; teoria gerativa; tempo; aspecto; marcadores e advérbios.

ABSTRACT

This research inserted in the scope of the *Stricto Sensus* Post-Graduation Program in Languages from PUC/MG, in the field of Linguistics and Portuguese Language, has examined the flecional system of Tetun Prasa language, lingua franca from Timor-Leste which has been accounted for 36,6% of speakers according to 2010 census done by the Ministry of Finances from the Democratic Republic of Timor-Leste. This research has the Generative Theory as an approach to understanding the flecional system of Tetun Prasa language. In order to reach this objective a descriptive analysis was conducted concerning the categories time and aspect, promoting a study to verify the relationship with markers and adverbs in Tetun Prasa. Moreover, the research conducted has hoped to relate the order of the categories time and aspect, and markers and adverbs in Tetun Prasa to the hierarchy of functional heads proposed by Cinque (1999) who performed a wide study correlating many classes of adverbs with functional heads, among them: mood, time and aspect in many natural languages. Besides this study, it was also presented the proposition of Rocha & Lopes (2015) for which adverbs can be placed to the left or the right of a functional head, and there would be semantic restrictions for a given adverb to unite to a sentence phrase, in this case a verb phrase. The research presented transcriptions a few speeches during the debate in Timor-Leste between Xanana Gusmão, prime minister of the Democratic republic of Timor-Leste at the time, and Mauk Moruk. There have been selected two names for the analysis: Taur Matan, Ruak and Mari Alkatiri. This way, they describe the functional categories of Tetun Prasa in generative grammar, giving a higher understanding of the functional projections, time and aspect in this language and the role of markers and adverbs of temporal and adverbial nature.

Key words: tetun-prasa, generative grammar, time, aspect, markers and adverb.

LISTA DE ABREVIATURAS

COMPL – complemento
CONT – aspecto contínuo
DEF – definido
EGR – aspecto egressivo
ENF – ênfase
EXI – existencial
FEM – feminino
FUT – futuro
IND – indefinido
ING – aspecto ingressivo
IRR – modo irrealis
ITE – aspecto iterativo
NEG – negação
PERF – aspecto perfectivo
PL – plural
POS – possessivo
PROG – aspecto progressivo
PROS – aspectualidade prospectiva
PRX – proximativo
SG – singular

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Traços semânticos, fonológicos e formais.....	32
Quadro 2 – Verbos finitos e sua relação com advérbios, quantificadores, partículas de negação em inglês e francês, segundo estudo de Pollock (1989)	41
Quadro 3 - Relações entre os momentos de fala, evento e referência.....	49
Quadro 4 – Representação dos tempos verbais.....	50
Quadro 5 – Classes aspectuais semânticas dos predicados.....	53
Quadro 6 - Traços caracterizadores de noções aspectuais, conforme Vendler.....	56
Quadro 7 - Traços e noções aspectuais	57
Quadro 8 – Resumo das ideias de Comrie (1976) e de Smith (1983)	60
Quadro 9 - Pronomes pessoais e o verbo “falar” em tétum-praça	62
Quadro 10 – Noção de Tempo em Tétum-praça	69
Quadro 11 - Marcadores Verbais em Tétum-praça	70
Quadro 12 - Os usos do marcador <i>tiha</i>	73
Quadro 13 - Os usos do marcador <i>tiha</i>	73
Quadro 14 - Os usos do marcador <i>ona</i> de acordo com Costa.....	74
Quadro 15 - Os usos do marcador <i>ona</i> de acordo com HULL e ECCLES	74
Quadro 16 - Os usos do <i>dadauk, dadaun</i>	75
Quadro 17 – Os usos de <i>hela</i>	76
Quadro 18 - Usos do <i>hela</i> ou <i>lerek</i>	76
Quadro 19 - Os usos do marcador <i>sei</i>	78
Quadro 20 - Advérbios e locuções adverbiais mais utilizados em Tétum-praça agrupados semanticamente	89
Quadro 21 – Tabulação dos dados.....	126
Quadro 22 – Configuração dos marcadores de nosso corpus.....	130

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sistema Computacional	29
Figura 2 – Concatenação	34
Figura 3 – Estrutura a partir da seleção do DP carteiros.....	34
Figura 4 – Seleção de T(empo).....	35
Figura 5 – Representação a partir da atuação da operação <i>move</i>	36
Figura 6 – Hipótese da flexão cindida	42
Figura 7 – Arquitetura da árvore sintática	43
Figura 8 - Representação de tempo segundo Comrie (1985)	46
Figura 9 - Classificação e definição dos tempos	48
Figura 10 - Classificação das oposições aspectuais segundo Comrie (1976)	58
Figura 11 – Representação de um núcleo qualquer e sua seleção.....	81
Figura 12 - Representação de estruturas intermediárias	82
Figura 13 – Projeções máximas	83
Figura 14 – Categoria Funcional	83
Figura 15 - Projeções dos sintagmas de categorias funcionais.....	84
Figura 16 - A Hierarquia Universal das Projeções Funcionais	85
Figura 17 – Representação arbórea das possibilidades de adjunção.....	88

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Língua mais falada por aldeia, bairro.....	19
Imagem 2 - Porcentagem de falantes de tétum-praça por distrito	21
Imagem 3 – Faculdade da Linguagem em sentido amplo (FLA) e Faculdade da Linguagem em sentido restrito (FLR).....	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 TIMOR-LESTE	19
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.1 Princípios e Parâmetros	26
2.1.1 <i>Categorias lexicais</i>	29
2.1.2 <i>Categorias Funcionais</i>	30
2.2 A camada flexional em Teoria Gerativa	38
3 AS CATEGORIAS TEMPO E ASPECTO	45
3.1 A categoria tempo	45
3.2 A categoria aspecto	51
4 TÉTUM-PRAÇA – CATEGORIAS GRAMATICAIS GERAIS E AS CATEGORIAS TEMPO E ASPECTO	61
4.1 Tempo e aspecto em tétum-praça	64
4.1.1 <i>Marcadores verbais</i>	71
4.1.1.1 <i>Marcador perfectivo tiha</i>	71
4.1.1.2 <i>Ação não acabada no passado</i>	72
4.1.1.2 <i>Marcador inceptivo ona</i>	73
4.1.1.3 <i>Marcador gressivo daudaun</i>	75
4.1.1.4 <i>Daudaun como marcador verbal</i>	75
4.1.1.5 <i>Marcador estativo hela</i>	75
4.1.1.6 <i>Marcador recentivo foin</i>	76
4.1.1.7 <i>Marcador prospectivo sei</i>	77
4.1.1.8 <i>Marcador iminentivo atu</i>	78
4.1.1.9 <i>Marcador aproximativo ba</i>	79
5 ADVÉRBIOS	81
5.1 Advérbios em posição de especificador	81
5.2 Advérbios como adjunção	86
5.3 Advérbios na língua tétum-praça	88
6 METODOLOGIA	93
6.1 A amostra	93
6.2 Pessoas selecionadas	93
6.2.1 <i>Taur Matan Ruak</i>	94
6.2.2 <i>Mari Alkatiri</i>	95
6.3 Forma de análise dos dados	98
7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	99
7.1 Descrição dos dados	99
7.1.1 <i>Fala de Taur Matan Ruak (Falante 1)</i>	99
7.1.2 <i>Fala de Mari Alkatiri (Falante 2)</i>	117
7.2 Análise dos dados	125

7.3 Discussão dos dados	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135

INTRODUÇÃO

A história da nação timorense é marcada por ocupações que se iniciam no século XVI com a chegada dos portugueses. Os colonizadores portugueses permaneceram por mais de quatrocentos anos em Timor. Chama-se a atenção para essa colonização pelo fato de a introdução da língua ter sido o primeiro elemento de imposição ao povo timorense. Assim, a língua portuguesa passa a fazer parte da cultura local e disputa espaço com as línguas nativas. Nesse contexto, configura-se uma nova língua, o tétum-praça, que estabelece relações de poder e domínio em detrimento das línguas locais. Timor-Leste é uma nação que ainda apresenta uma complexa situação linguística pouco estudada. Trabalhos sobre tal podem contribuir significativamente para a compreensão da linguagem de um modo geral e da língua tétum-praça mais especificamente. Nesta perspectiva, este trabalho visa a estudar alguns fenômenos linguísticos da língua tétum.

À luz da teoria gerativa, que adota o modelo de Princípios & Parâmetros e a noção de Gramática Universal, muitos estudos foram feitos observando-se a categoria funcional “flexão”, ou seja, aquela que demonstra tempo e outras noções, tais como concordância, modo e aspecto. Cinque (1999) nos apresenta que projeções verbais, de um modo geral, trazem traços gramaticais nas diversas línguas naturais, os quais são em número bastante limitado e que apresentam uma ordem mais ou menos rígida entre as línguas estudadas no mundo. O autor, em 1999, apresenta um amplo estudo, relacionando várias classes de advérbios com núcleos funcionais, dentre eles: modo, tempo e aspecto. Cinque verificou que vários tipos de advérbios em línguas distintas estão dispostos em uma sequência rigidamente ordenada e, nesta perspectiva, adota uma “hierarquia dos núcleos funcionais”, em que parece haver uma relação entre advérbios e nódulos temporais e aspectuais, dentre outros. Além de Cinque (1999), há uma proposta de Rocha & Lopes (2015), que fizeram um estudo dos advérbios em português, à luz da Teoria Gerativa, e verificaram que tais constituintes podem ser adjunjugidos à esquerda ou à direita de um sintagma verbal que resguarde relação semântica.

Dentro deste cenário, delineou-se o objeto da pesquisa ora proposta, qual seja: as categorias funcionais tempo e aspecto no tétum-praça. Assim, o objetivo

geral desta pesquisa é entender, sob o enfoque da teoria gerativa, as categorias tempo e aspecto da língua tétum-praça, tendo como objetivos específicos:

- a) realizar um trabalho descritivo acerca das categorias tempo e aspecto da língua tétum-praça;
- b) promover um estudo que vise a verificar a relação de marcadores e advérbios em tétum-praça com as categorias: tempo e aspecto.
- c) relacionar, à luz da teoria gerativa, os resultados obtidos no estudo do tétum-praça à hierarquia de núcleos funcionais, proposta por Cinque (1999), e o estudo de Rocha & Lopes (2015).

O interesse em analisar o sistema flexional da língua tétum-praça teve origem na minha experiência de trabalho vivida na nação timorense como professor cooperante no ensino da Língua Portuguesa Instrumental pelo Programa de Qualificação de Docente da CAPES e, em uma segunda participação, pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC), acumulando dois anos e sete meses de contato com a língua tétum-praça. Além disso, a escolha dessa língua deve-se ao fato de ela ser a mais falada no Timor Leste.

Minha opção em procurar uma melhor compreensão acerca das categorias de tempo e de aspecto se deve ao fato de não estarem claros quais são os marcadores de tempo e de aspecto na língua e qual é a relação de tempo e aspecto nos ditos marcadores e advérbios. Muitos autores, tais como Hull e Eccles (2001), afirmam que, no tétum-praça, não há marcador de tempo e, sim, de aspecto. Isso nos motivou a pesquisar tais categorias nessa língua, cujos trabalhos de natureza gramatical ainda são poucos. Esta pesquisa justifica-se, portanto, pela necessidade de haver melhor entendimento acerca do tratamento gramatical de determinados marcadores e advérbios na configuração de tempo e aspecto na língua tétum-praça.

Ademais, há escassez de materiais relacionados à língua. A proposta neste trabalho foi partir (a) da *Gramática da Língua Tétum*, em circulação e discussão no território timorense escrita por Hull e Eccles (2001) e revisada por timorenses que compõem o Instituto Nacional de Linguística de Timor-Leste, como também (b) da *Língua Tétum - Contributos para uma Gramática*, escrita pelo timorense Costa (2015), e comparar as duas obras com outros textos que refletem sobre o assunto.

A metodologia adotada para esta pesquisa baseia-se na análise da gravação da fala espontânea por parte de dois falantes nativos com prestígio social do tétum-praça, que buscou verificar (a) se há categoria marcadora de tempo e de aspecto em relação ao verbo; (b) qual é a posição de tal categoria na sentença; (c) se há advérbio; (d) qual é a relação deste com o tempo e o aspecto. Após isso, verificou-se a relação da ordem de tais categorias funcionais e seus respectivos marcadores e advérbios com a hierarquia de núcleos funcionais, proposta por Cinque (1999), sobre a qual discorreremos na parte teórica deste trabalho. Os dados desta pesquisa também foram analisados à luz da proposta de Rocha & Lopes (2015)

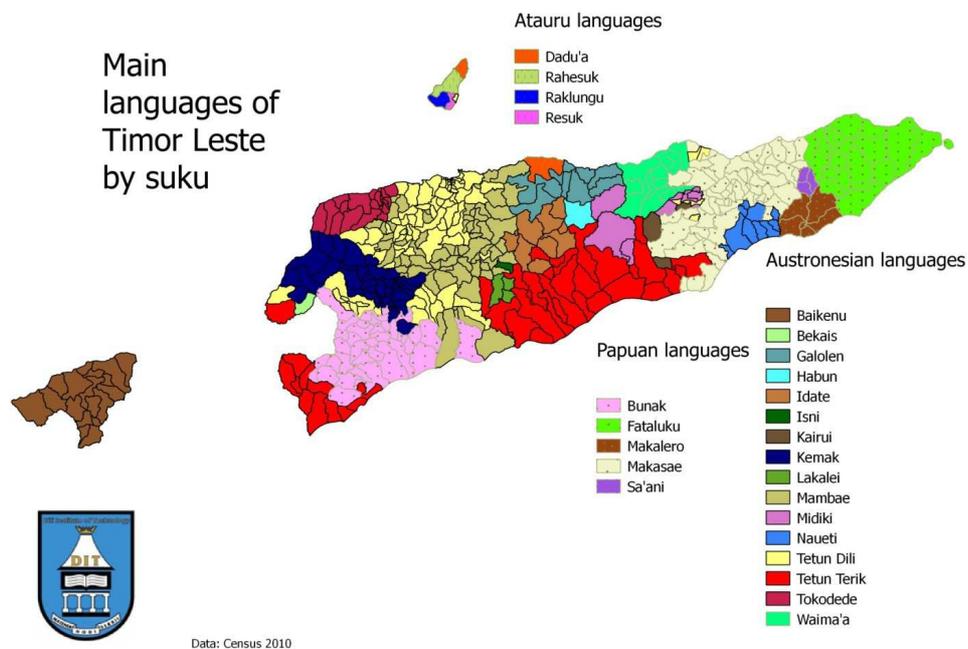
Este trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente faremos uma apresentação do cenário linguístico atual de Timor-Leste, no capítulo 1. A seguir, no capítulo 2, apresentaremos os pressupostos teóricos da teoria gerativa. Nos capítulos 3 e 4, abordaremos as noções de tempo e aspecto. Após esses capítulos iniciais serão apresentados, no capítulo 5, pontos importantes para esta pesquisa sobre os advérbios. No capítulo 6, apresentamos a metodologia empreendida para a pesquisa realizada. No capítulo 7, demonstramos a descrição dos dados e as análises feitas nesta dissertação e, por fim, apresentamos as considerações finais.

1 TIMOR-LESTE

Timor-Leste, embora tenha uma extensão geográfica pequena, apresenta uma grande variedade linguístico-cultural, decorrente de seu processo histórico, no qual houve um grande fluxo de diferentes povos em seu território. Grande parte desses grupos é de origem austronésia e papua e eles se organizaram em Timor-Leste de maneira que se dividiu a ilha em dois territórios distintos: Timor Oriental e Timor Ocidental. A parte de Timor Oriental teve maior influência dos povos austronésios, que ocuparam a maior parte da ilha propagando sua língua e cultura. Na parte de Timor Ocidental, temos as línguas do grupo indonésio e de melanésio, que derivam de uma origem comum.

No ano de 2010, o Ministério das Finanças de Timor-Leste realizou o segundo censo do país que levantou alguns indicadores, dentre eles, as línguas faladas em território nacional. No mapa abaixo, pode-se verificar as diversas línguas faladas no país.

Imagem 1 - Língua mais falada por aldeia, bairro.



Fonte: Censo 2010, Ministério das Finanças da República Democrática de Timor-Leste.

O mapa anterior apresenta os locais onde cada uma das línguas de Timor-Leste é falada. Destaca-se, no Censo, aquela mais falada para cada *suku* (aldeia, bairro). Com base nos nomes de idioma no censo de 2010, se ignoram erros óbvios, pois existem cerca de dezoito línguas nativas em Timor-Leste, bem como cinco línguas classificadas como papua.

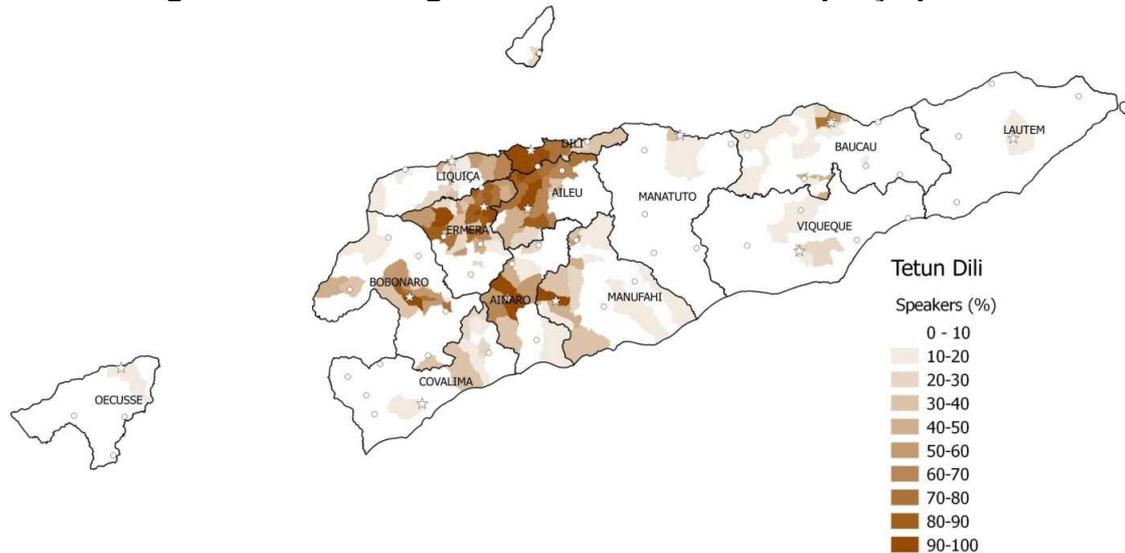
Dessa forma, hoje, Timor-Leste apresenta um cenário linguístico bem complexo com uma variedade que totaliza pelo menos dezoito línguas diferentes pertencentes às duas grandes famílias austronésia e papua. São austronésias as línguas bekais, tétum, galoli, wetar, kawaimina, habun, makuva, tukudede, kemak, mambae e idalaka. As línguas papuas são bunak, makasae, fataluku e makalero, sendo que parte dessas apresenta diferentes dialetos. Um exemplo disso é o tétum e o mambae, línguas que têm três dialetos diferentes cada uma. (HULL, 1998 *apud* ENGELENHOVEN, 2006).

Diante dessa complexa situação de multilinguismo, o tétum-praça surgiu como língua franca entre os diferentes grupos etnolinguísticos que habitavam a parte leste da ilha de Timor. Primeiramente, importa referir que, quando mencionarmos a língua tétum, ao longo deste estudo, bem como de toda a dissertação, nos referimos à variedade do Tétum de Díli, também reconhecido como tétum-praça. Tal como aponta Hull (2005), o Instituto Nacional de Linguística: (...) reconhece o tétum-praça (o dialeto tétum de Díli, agora considerado segunda língua em todo Timor-Leste) como a base da língua literária nacional, hoje em dia apelidado tétun nasionál. (HULL, 2005, p. 15)

Embora reconheça a existência de outras variedades de Tétum no território de Timor-Leste, como Térik (falado nas regiões de Soibada, Suai, etc.) ou o Tétum Ocidental ou “Belunês” (que é de influência malaia e é falado na região oriental do Timor indonésio e nos distritos de Balibó e Suai), é ao Tétum-Díli (tétum-praça) que damos relevância no presente texto, por se assumir como língua franca, nacional e cooficial.

O mapa apresentado a seguir representa a porcentagem de falantes de tétum-praça (Tétum-Díli) por distrito de Timor-Leste, de acordo com o Censo de 2010.

Imagem 2 - Porcentagem de falantes de tétum-praça por distrito



Fonte: Censo 2010, Ministério das Finanças da República Democrática de Timor-Leste.

A língua tétum-praça, de acordo com o Censo realizado em 2010 pelo Ministério das Finanças, tem 36,6% de falantes do país. Competem com o tétum-praça outras línguas, como *Mambae* com 12,5%, *Makasae* com 9,7%, *Tétum-térik* com 6%, *Baikenu* e *Kemak* em que ambos contam com 5,9% e *Bunak* com 5,3%.

O quadro a seguir mostra o número total de falantes para cada idioma no Censo 2010 de Timor-Leste, juntamente com a porcentagem da população a que isso equivale.

Tabela 1 - Número de falantes para cada idioma em Timor-Leste

Língua	Número de falantes	% de falantes	Língua	Número de falantes	% de falantes
Austronésias			Papuas		
Baikenu	62,201	5,9%	Bunak	55,837	5,3%
Bekais	3,887	0,4%	Fataluku	37,779	3,6%
Galoli/Galolen	13,066	1,2%	Makalero	7,802	0,7%
Habun	2,741	0,3%	Makasae	101,854	9,7%
Idate	13,512	1,3%	Sa'ani	4,763	0,7%
Isni	703	0,1%	Ilha de Ataúro		
Kairui	5,993	0,6%	Adabe	181	0,0%
Kemak	61,969	5,9%	Atauran	147	0,0%
Lakalei	3,250	0,3%	Dadu'a	3,146	0,3%
Lolein	1,130	0,1%	Rahesuk	1,015	0,1%
Makuva	56	0,0%	Raklungu	2,220	0,2%
Mambae	131,361	12,5%	Resuk	1,691	0,2%
Midiki	9,586	0,9%	Não nativas		
Nanaek	297	0,0%	Chinês	722	0,1%
Naueti	15,045	1,4%	Inglês	773	0,1%
Tetun Dili/Prasa	385,269	36,6%	Indonésio	3,045	0,3%
Tetun Terik	63,519	6,0%	Malaio	107	0,0%
Tokodede	39,483	3,7%	Português	595	0,1%
Waima'a	18,467	1,8%	Outras	495	0,0%

Fonte: Censo 2010, Ministério das Finanças da República Democrática de Timor-Leste.

As línguas que passaram a ser conhecidas como maternas de forma mais corrente no contexto timorense atual são uma parte fundamental de uma rede de relações culturais que emerge a partir da relação do homem com a terra. As línguas não desapareceram simplesmente porque as pessoas continuaram a usá-las em seus âmbitos familiares. Assim, deflagra-se uma constituição do indivíduo como parte de uma *knuu*, palavra em tétum que pode ser traduzida como ‘aldeia’. Essa palavra está vinculada à sua localidade física, ou seja, ao espaço territorial que uma determinada família ocupa. Naquele contexto, o significado de *knuu* é estendido ao conceito de família. Desse modo, o que se entende hoje genericamente por “tétum” em Timor-Leste remete a uma história de cruzamentos de um conjunto de diferentes repertórios linguísticos e identitários que tem uma longa trajetória no território timorense.

A língua principal - o tétum - deu origem ao tétum-terik e ao tétum-praça. O tétum-terik é falado nas regiões mais ao Sul do país e em regiões na fronteira com a Indonésia. O tétum-praça é hoje falado no país inteiro e notadamente na região de Díli.

Para fazer um breve histórico do surgimento do tétum-praça, remetemo-nos aos 24 anos (1975-1999) de opressão indonésia na região. Havia uma proibição do uso da língua portuguesa, que “fornecia” um largo léxico aos timorenses. Como era proibido falar português, o grupo de resistência à opressão passou a inserir palavras do português principalmente no tétum-terik. Além disso, o tétum-praça teve grande influência da língua indonésia, denominada `bahasa indonésia`. Assim, surge o tétum-praça falado na região administrativa do país. Isso pode ser ilustrado em:

É conveniente não identificar o tétum-veicular¹ com o chamado tétum-prasa. Diz-se tetun-prasa porque foi Díli, quando ainda era prasa da soberania portuguesa, o principal centro deste tétum. O tetun-prasa, bastante simplificado, invadido por termos e expressões portuguesas, privado de expressões idiomáticas, de enfeites eufônicos, de ornatos sintáticos e de figuras de estilo, tende a afastar-se das suas origens e a fundir-se, num falar típico, com o português (antes da ocupação indonésia) e com o bahasa indonésio (durante vinte e quatro anos de ocupação). Numa palavra, o tetun-prasa tende a transformar-se, no futuro, num dialeto crioulo que usa, abusiva e desregradamente, léxico português e alguns léxicos do bahasa indonésio e até do inglês. (COSTA, 2015, p. 135)

¹ Tétum-veicular, de acordo com Costa (2015, p. 135), é o “tétum falado por todos quando interagem sob o ponto de vista comercial e social, com os outros grupos estranhos ao seu grupo étnico linguístico. Apresenta-se simples e com a introdução de vários vocábulos oriundos de português e de outras línguas.”.

O australiano Geoffrey Hull, no dia 25 de agosto de 2000, durante uma conferência no Congresso Nacional do Conselho Nacional da Resistência Timorense (HULL, 2001), defendeu que o tétum deveria ser considerado a língua cooficial do Timor-Leste. Hull utilizou de sua autoridade como linguista e pesquisador das línguas timorenses para defender tal ponto de vista sobre a política de línguas. O linguista baseou-se em um olhar para o processo social de desenvolvimento das línguas de Timor-Leste, apontando o desenvolvimento histórico do tétum e sua relação forte com o português: esse foi um dos fundamentos para a defesa da adoção do tétum como língua cooficial, ao lado do português, no território timorense.

Este capítulo teve, como objetivo, apresentar, de forma breve, o quadro linguístico e histórico do Timor-Leste. Constatou-se que no país são faladas inúmeras línguas, além de dialetos. Verificou-se, também, o processo histórico no qual surge o tétum-praça, língua objeto desta pesquisa. Conforme já dito na introdução desta dissertação, o estudo ora implementado tem como foco as categorias gramaticais tempo e aspecto e sua relação com marcadores e advérbios na língua em questão. Desta forma, no próximo capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentarão nossas análises.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dentre as teorias cognitivistas está a Teoria Gerativa, de Chomsky, que defende a linguagem humana como inata e biologicamente determinada, peculiar da espécie humana. Neste quadro teórico, um dos problemas levantados está relacionado ao período normalmente curto em que a criança é capaz de adquirir a língua de sua comunidade linguística. Isso sem esforço nenhum e com o domínio de um conjunto complexo de estruturas, regras ou princípios básicos que constituem a gramática internalizada do falante.

Nessa perspectiva, Chomsky defende a impossibilidade de explicar a linguagem humana a partir de moldes puramente comportamentalistas – empiristas. Ou seja, a linguagem humana não é puramente aprendida. Parece haver uma faculdade que predispõe o ser humano à aquisição da linguagem. Essa tomada de posição diz respeito a um dos postulados mais importantes da Teoria Gerativa: a Gramática Universal (de agora em diante, GU). O que sustenta esse pensamento é a incapacidade de explicarmos a seguinte indagação: como nós, falantes das línguas naturais, atingimos o estágio maduro de nossa língua, expostos a “sentenças” fragmentadas e incompletas apenas em um curto período? A pressuposição de uma GU explicaria a rapidez com que a linguagem é adquirida.

Vale dizer que, a despeito de haver uma faculdade da linguagem, o processo de aquisição deve, de acordo com Radford (2004, p.7), se dar a partir da observação da linguagem do outro, por parte da criança, somada à habilidade de compreender e ao contexto em que se dão as experiências linguísticas.

Nessa perspectiva, a faculdade da linguagem incorporaria, segundo Radford: i) um conjunto de princípios gramaticais universais; ii) um conjunto de parâmetros que imporá várias restrições na forma de variação gramatical permitida em línguas naturais (talvez limitando variação em escolhas binárias). Assim, para a Teoria Gerativa, a GU consiste de um sistema de princípios altamente estruturado e restritivo com determinados parâmetros abertos a serem fixados através da experiência. Dessa forma, à medida que esses parâmetros são fixados, uma gramática é estabelecida.

2.1 Princípios e Parâmetros

Dentro do espírito da proposta dos Princípios e Parâmetros, as variações entre as línguas não seriam derivadas somente de questões de natureza social. Hermont (2010) nos explica sobre os “Princípios” e “Parâmetros”:

(..) a faculdade da linguagem inata incorpora um conjunto universal de princípios e um conjunto de parâmetros gramaticais que impõe restrições à quantidade de variação gramatical permitida em línguas naturais. Desde que os princípios universais não devem ser aprendidos, pois eles são inatos, a tarefa da criança deve ser a de fixar parâmetros. (HERMONT, 2010, p.74)

A adoção da noção dos Princípios e Parâmetros é interessante aos estudos gerativistas, pois estes procuram alcançar uma dimensão explicativa da linguagem. Ou seja, os estudos empreendidos dentro do quadro da teoria gerativa não devem ter como objetivo determinar simplesmente as regras de formação de sintaxe de uma determinada língua (isto é, prover somente de adequação descritiva) e, sim, o de oferecer um meio de análise em que se leve em conta o nível subjacente da estrutura.

Em Hermont & Lima (2010), temos o seguinte excerto que nos mostra a diferença entre uma adequação descritiva e uma adequação explicativa:

Partindo-se do pressuposto de que a Gramática Universal (GU) corresponde à teoria que versa sobre a natureza de gramáticas possíveis das línguas humanas, considera-se que a GU deve fornecer todas as ferramentas necessárias para se proceder à adequação descritiva de todas as línguas humanas. De nada adiantaria uma teoria da Gramática Universal que conseguisse explicar fenômenos linguísticos de línguas como o português, o inglês e o francês, mas não o fizesse em relação a outras línguas naturais. Entretanto, uma teoria da Gramática Universal não deve apenas se prestar a fornecer um rol de propriedades universais das gramáticas das diversas línguas naturais, devendo, antes, se propor a explicar as propriedades relevantes da faculdade da linguagem. Dentro desse espírito, pode-se dizer que uma teoria da GU deve responder às perguntas: Quais são as características definidoras das gramáticas das línguas humanas? Por que as gramáticas das línguas humanas têm as propriedades que têm? Quando uma teoria se propõe a explicar tais perguntas, está propondo-se a fazer uma adequação explicativa. (HERMONT & LIMA, 2010, p. 33)

Ainda dentro do arcabouço da Teoria Gerativa, temos duas noções importantes: língua-E e língua-I. Chomsky (1994) explica tais noções da seguinte forma:

[...] uma língua é usada por uma população [...] por um interesse comunicativo. Vamos referir-nos a esse conceito como instância de uma “língua externa” (Língua-E), no sentido em que o construto é compreendido independentemente das propriedades da mente/cérebro. (CHOMSKY, 1994, p. 39)

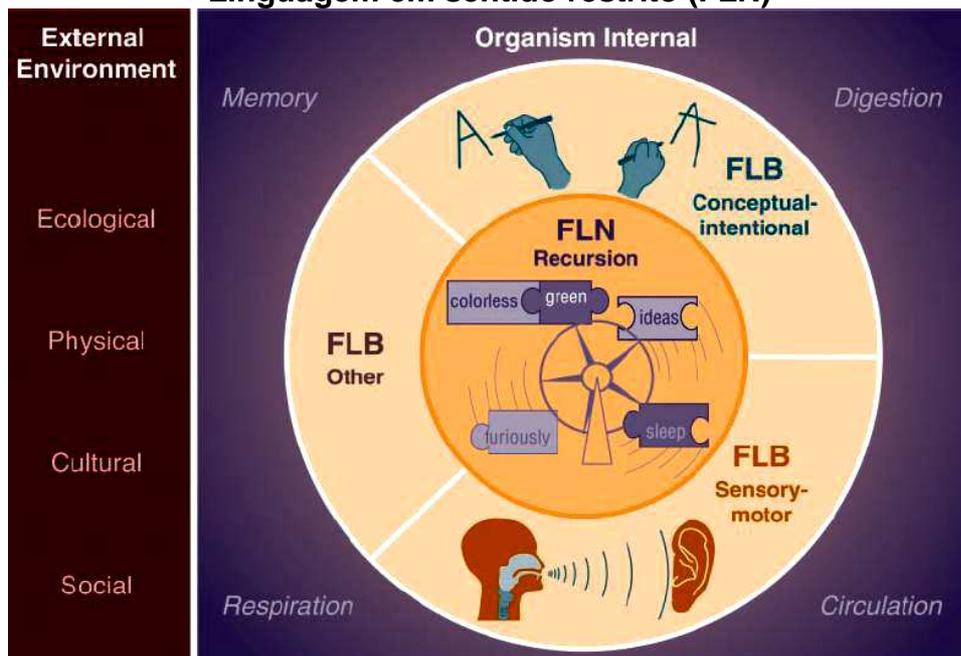
A língua-E, nesta perspectiva, coincidiria com o que pensamos ser o idioma. Já a língua-I é assim definida por Chomsky (1994):

[...] [sobre] a existência da língua na mente do falante [...]. Vamos referir-nos a esta noção como “lingual interna” (Língua-I). A língua-I é, pois, um elemento que existe na mente da pessoa que conhece a língua, adquirido por quem aprende e usado pelo falante-ouvinte. (CHOMSKY, 1994, p. 41)

Assim, a língua-I diz respeito ao conhecimento linguístico que Maria tem quando produz e compreende a língua portuguesa ou ao conhecimento linguístico que John tem quando produz ou compreende a língua inglesa.

Em Hauser, Chomsky e Fitch (2002), os autores discutem linguagem a partir do seguinte modelo:

Imagem 3 – Faculdade da Linguagem em sentido amplo (FLA) e Faculdade da Linguagem em sentido restrito (FLR)



Fonte: Chomsky, Hauser e Fitch (2002, p. 1570)

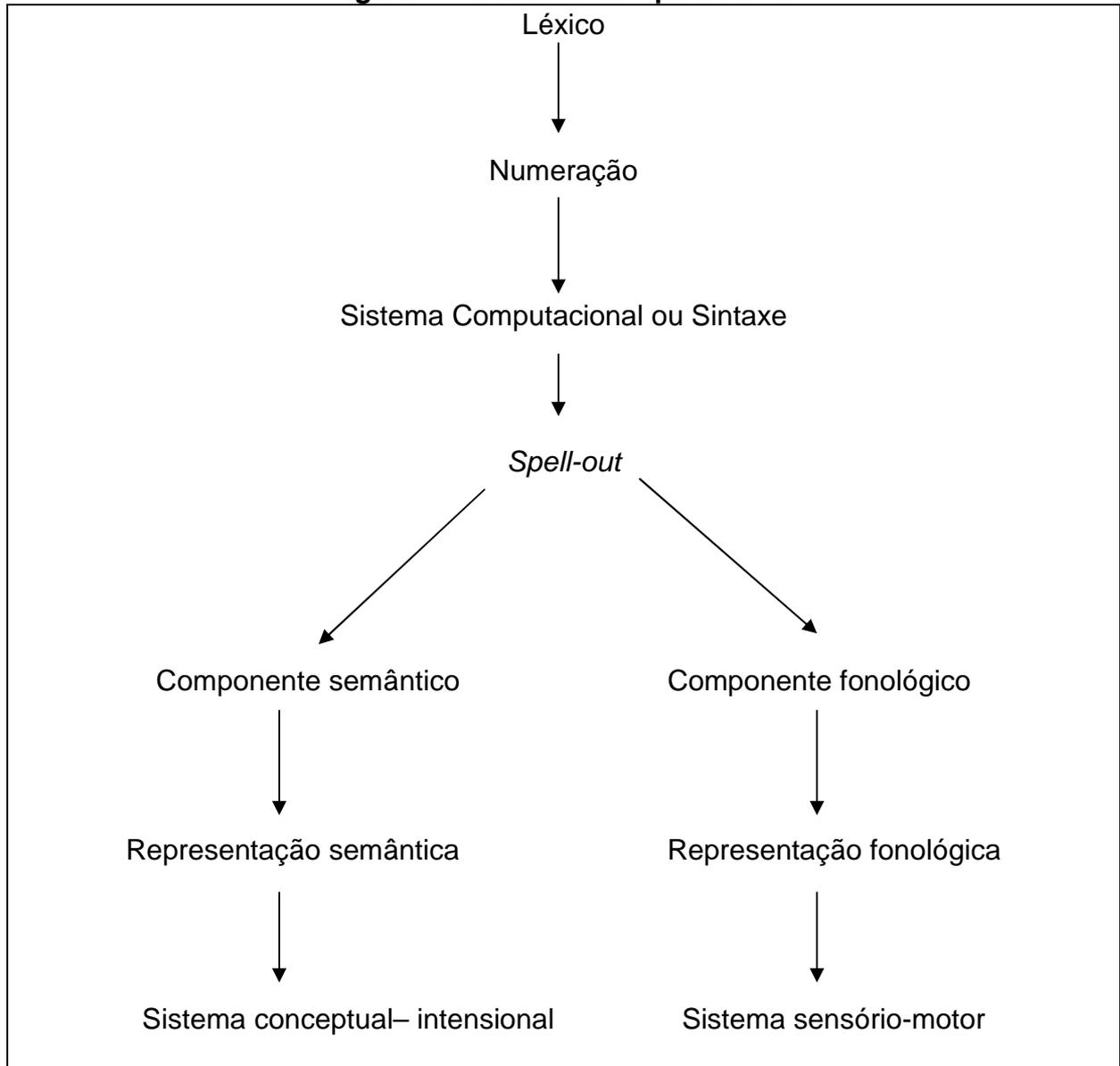
Neste modelo, a faculdade da linguagem requer cooperação interdisciplinar e pode ser entendida como Faculdade em Sentido Amplo (*Faculty of language — broad sense* ou FLB) e Faculdade em Sentido Estrito (*Faculty of language — narrow sense* ou FLN).

FLB inclui, de acordo com Hauser, Chomsky e Fitch (2002): (a) um sistema sensorio-motor, (b) um sistema intensional-computacional e (c) um sistema computacional e mecanismos computacionais para recursão, proporcionando a capacidade de gerar uma quantidade infinita de expressões de um conjunto finito de elementos.

Esse sistema computacional é que corresponderia à FLN. Ou seja, seria uma faculdade em sentido estrito porque diz respeito ao sistema computacional linguístico abstrato e é independente de outros sistemas com os quais interage e faz interface. Assim, a FLN seria um componente da FLB e os mecanismos subjacentes de FLN são um conjunto subjacente daqueles de FLB.

Em FLN, é que se inclui a recursão. De acordo com Hauser, Chomsky e Fitch (2002, p. 1571), recursão é a “característica mínima” que distingue a linguagem humana da comunicação animal. A capacidade de encaixar estruturas de forma recursiva tem dado à nossa espécie uma capacidade sem limites de criar sentenças para expressar um conjunto sem fronteiras de significados possíveis. Pelo menos dentro dos limites da memória de trabalho e da capacidade de processamento, nós podemos combinar sintagmas para fazer sentenças longas e complexas.

A fim de tornar esta discussão mais clara, apresentaremos a concepção de uma gramática de uma língua. Na gramática de uma língua, teríamos o léxico, ou seja, a lista de todas as palavras de uma língua e suas propriedades linguísticas. Tais palavras seriam escolhidas e combinadas por uma série de computações sintáticas que seriam realizadas no sistema computacional, derivando uma estrutura sintática e esta, por sua vez, seria enviada para *Spell-out* e serviria como *input* para dois outros componentes da gramática. Um deles é o componente semântico, que gera uma representação semântica dessa estrutura sintática. O outro componente é o componente fonológico, que gera uma representação fonológica dessa estrutura sintática. A representação semântica faz interface com o sistema do pensamento ou sistema conceptual-intensional. Já a representação fonológica faz interface com o sistema da fala ou o sistema articulatório-perceptual. O diagrama a seguir resume esse raciocínio:

Figura 1 – Sistema Computacional

A seguir, explicaremos a natureza do léxico e do sistema computacional, incluindo as operações que neste ocorrem. Do léxico, conforme já explicitado, viriam as categorias lexicais e as categorias funcionais. Lista-se abaixo a definição de cada categoria.

2.1.1 Categorias lexicais

Substantivo ou Nome (N): para Radford (2004), o substantivo ou nome, usado como núcleo de um termo, tem, conforme o autor, a propriedade semântica de denotar entidades. Assim, utiliza as palavras ‘garrafa’, ‘cavalo’ e o nome próprio

'John' para comprovar que esses são substantivos justamente porque denotam um objeto ou um ente - animal e uma pessoa específica -, respectivamente.

Verbo (V): conforme Radford (2004), identificam-se os verbos devido à sua morfologia flexional, pois, normalmente, possuem diferentes formas flexionadas.

Preposição (P): Radford (2004) afirma que, em razão de seu teor lexical intrínseco, a preposição pode ser modificada por intensificadores. Para o autor, a categoria de preposição é invariável e denota localização.

Adjetivo: de acordo com Radford (2004), os adjetivos denotam estados (doente, feliz, rico).

Advérbio: Para Radford, advérbios são palavras que denotam maneira, tais como mal, devagar, cinicamente.

Por fim, pode-se dizer que as categorias lexicais se definem como classes abertas e combinam-se por traços formais N (síntese do conjunto de propriedades definidoras de nomes) e V (síntese do conjunto de propriedades definidoras de verbos), nos termos de Chomsky (1970). Ao se combinar os traços formais N e V, juntamente com os valores positivos e negativos, têm-se as seguintes categorias lexicais: nome [+N e - V], verbo [-N, +V], adjetivo [+N, +V], e preposição [-N, -V]. Vale dizer que Chomsky (1970) não considera os advérbios nesta classificação.

Caracterizadas as categorias lexicais, passemos à explicitação das categorias funcionais.

2.1.2 *Categorias Funcionais*

Determinantes (D, ou DET): conforme Radford (2004), a categoria funcional determinante é aquela que apresenta característica referencial ou “quantificadora”, acompanhando o nome. Os chamados determinantes pré-nominais (como o artigo “o” em “o menino”). Ou “o” para recuperar o seu conteúdo em um enunciado, o chamado determinante pró-nominal (como o segundo “um” na frase seguinte: em “Jonh tem um carro vermelho e Jim tem um azul”.

Complementizadores (Comp): os complementizadores são outro tipo de categoria funcional, que, para Radford (2004), são termos utilizados com a finalidade de “descrever o tipo de palavra que é usada para introduzir cláusulas do complemento”, como o *that*, *if* e *for*². De forma geral, os complementizadores estão localizados antes do sujeito e marcam se as sentenças são declarativas (com o complementizador “that” (que)), interrogativas (com o complementizador “if”(se)) ou hipótese (com o complementizador “for” (para)). Por exemplo, na sentença “Acho [que os meninos compraram doce]”, a cláusula entre colchetes é um complemento da sentença anterior “acho” e a sentença expressa declaração. Sendo assim, os complementizadores podem reunir propriedades funcionais, como: (a) se a sentença é finita ou infinita, (b) introduzir uma oração encaixada e (c) indicar força ilocucionária.

Flexão: a categoria funcional flexão diz respeito às noções de modo, tempo e aspecto, noções estas que são codificadas, de um modo geral, no morfema verbal ou, em alguns casos, em advérbios. Por exemplo, em língua portuguesa, na forma verbal “amava”, temos o morfema “-va-“ que designa modo indicativo, tempo pretérito e aspecto imperfectivo. Podemos, ainda, verificar na frase “Em 1986, nasce Jean”, que a noção de tempo não está codificada exatamente na forma verbal, mas, sim, na expressão adverbial “Em 1986”. Estudaremos, conforme já delineado, a noção de tempo e de aspecto no tétum-praça. Sendo assim, em uma próxima seção, discorreremos sobre a categoria flexão sob os moldes da teoria gerativa e, em capítulo posterior, traremos um aporte teórico sobre as noções de tempo e aspecto de um modo geral e, mais especificamente, em tétum-praça.

Em suma, as categorias funcionais são agrupadas em: complementizador (C), a flexão (I de *inflection*, em inglês, ou F de Flexão em português) ou tempo verbal (T) e determinantes (D), as quais delimitam o domínio oracional, verbal e nominal, respectivamente. Essas categorias são classes fechadas e seus elementos são feixes de traços predominantemente formais. Os traços semânticos dessas categorias não atuam nas relações temáticas, todavia transportam informação

² Sintagma Complementizador (CP) tem, como núcleo, palavras do tipo “que”, “se” e “para”;. Está situado acima de IP (Sintagma Flexional) ou, como se concebe mais atualmente, acima de TP (Sintagma de Tempo) na árvore sintática.

relacionada à referência (no caso dos determinantes), ao tempo (no caso da flexão) ou à força (no caso dos complementizadores).

A seguir, explicitaremos o que ocorre para que haja uma derivação estrutural, ou seja, uma sentença.

Do léxico, adviriam não só as categorias lexicais e funcionais, bem como os traços ligados a tais categorias. Chomsky (1995) postula que cada item do léxico é um composto de traços, os quais são: semânticos, fonológicos e formais. Vejamos, no quadro a seguir, as definições de tais traços:

Quadro 1 - Traços semânticos, fonológicos e formais

Traços semânticos	Estabelecem relações entre a língua e o sistema conceitual-intencional.
Traços Fonológicos	Estabelecem relações entre a língua e o sistema articulatório-perceptual.
Traços Formais	Estabelecem relações sintáticas que um dado item lexical deve estabelecer com os outros itens no interior da sentença em que venha a ser inserido.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das discussões de Kenedy (2013)

Por exemplo, para a sentença “O carteiro entregou a carta”, teríamos as diversas palavras que aí se encontram, conjuntamente com seus traços semânticos, fonológicos e formais.

O artigo “O” teria os traços semânticos [+definido] e [+masculino], por exemplo. Teria, ainda, como traços fonológicos, [+soante], [+contínuo], [+recuado], [+arredondado], [+vozeado], [+tenso]. Teria, como traço formal, [+singular]. A palavra “carteiro” teria, como traços semânticos, [+agentivo], [+humano], [+masculino]. O som inicial seria [+consonantal], [+alto], [+recuado], [+tenso] e esses seriam traços fonológicos. Em relação aos traços semânticos, temos, por exemplo, [+animado] e, quanto aos traços formais, podem ser intrínsecos ou opcionais.

Os traços intrínsecos já viriam explicitamente marcados do léxico; os traços opcionais seriam acrescentados no momento em que um dado item linguístico fosse acrescentado na numeração. Por exemplo, o nome “carteiro” teria, como propriedades intrínsecas, o traço categorial [nominal], o traço de pessoa [3ª pessoa] e o traço de gênero [+masculino]. Ou seja, o item linguístico sempre vai ser assim:

um nome, na 3ª pessoa e que é masculino. Como propriedades opcionais, teríamos, para o nome “carteiro”, os traços não categoriais de número: o nome “carteiro” pode se encontrar no singular ou no plural, além dos traços de caso: o nome “carteiro” pode ter caso nominativo ou acusativo. No caso, os traços seriam singular e caso nominativo, caso designado à posição de sujeito.

Enquanto o léxico comporta toda essa informação, o sistema computacional é sensível à informação fornecida pelo léxico, que, em suma, é uma informação paramétrica de uma dada língua. A codificação paramétrica é possibilitada pela concepção de que os itens lexicais constituem conjuntos de traços que evidenciam tanto propriedades fonéticas e semânticas, como formais, conforme explicitado. Antes de as categorias lexicais e funcionais entrarem no sistema computacional, eles iriam para a Numeração, onde ficariam somente os itens necessários para a formação de uma dada sentença. Em seguida, ocorreria uma operação denominada seleção (do inglês, *select*) que selecionaria somente os itens linguísticos para entrar no sistema computacional ou sintaxe.

Da numeração é que viriam os constituintes para o sistema computacional ou sintaxe e é neste módulo que ocorrem as derivações estruturais. É também no sistema computacional que atuam duas operações: *Merge* e *Move*. *Merge* (que pode ser traduzido como concatenação), de acordo com Radford (2004, p. 462), “é uma operação pela qual dois constituintes são combinados conjuntamente para formar um constituinte maior³”. A outra operação é *Move* que movimentava constituintes na derivação de uma sentença.

A seguir, exemplificaremos a derivação de uma sentença, como “Carteiros trouxeram cartas”. Na numeração teríamos o seguinte:

Num = {Carteiros₁, trazer₁, cartas₁, T₁}.

A primeira atuação é, conforme já dito, da operação Seleção. Teremos, portanto:

a) Seleção **trazer**

b) Seleção **cartas**

A concatenação desses dois elementos resulta em:

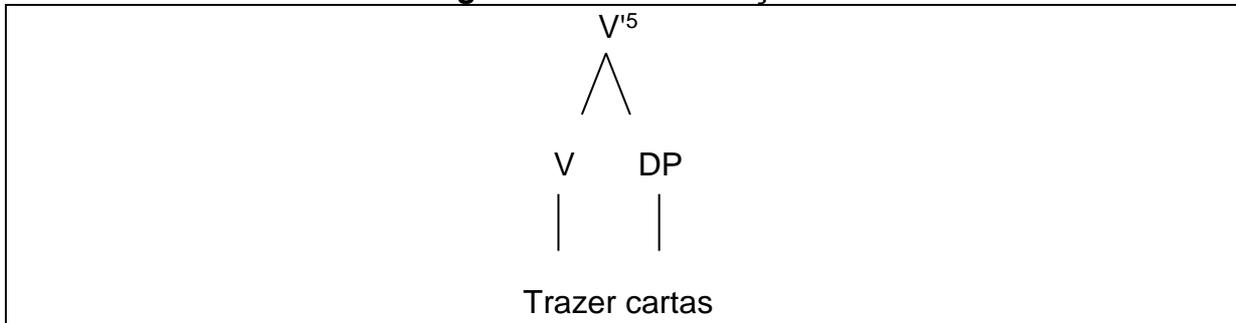
³ “merge(r): an operation by which two constituents are combined together to form a single larger constituent.(Radford, 2004, p. 462)

⁴ Os números ao lado de cada palavra significam o tanto de vezes que o item linguístico entrará na sentença.

c) Concatenar (*trazer, cartas*)

que, por sua vez, resulta na seguinte estrutura:

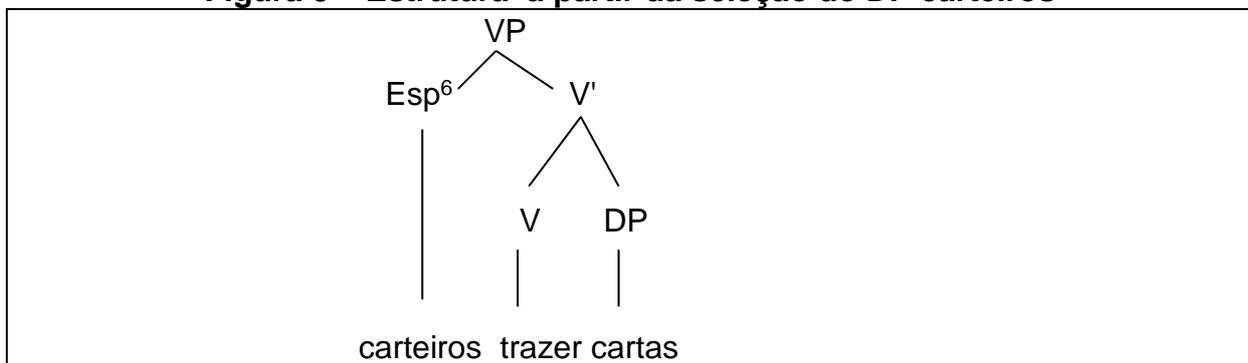
Figura 2 – Concatenação



Fonte: Elaborado pelo autor

O próximo passo seria a seleção do DP *Carteiros* da numeração, que seria concatenado à estrutura já criada: *trazer cartas*. Teríamos, neste momento, a seguinte estrutura:

Figura 3 – Estrutura a partir da seleção do DP carteiros



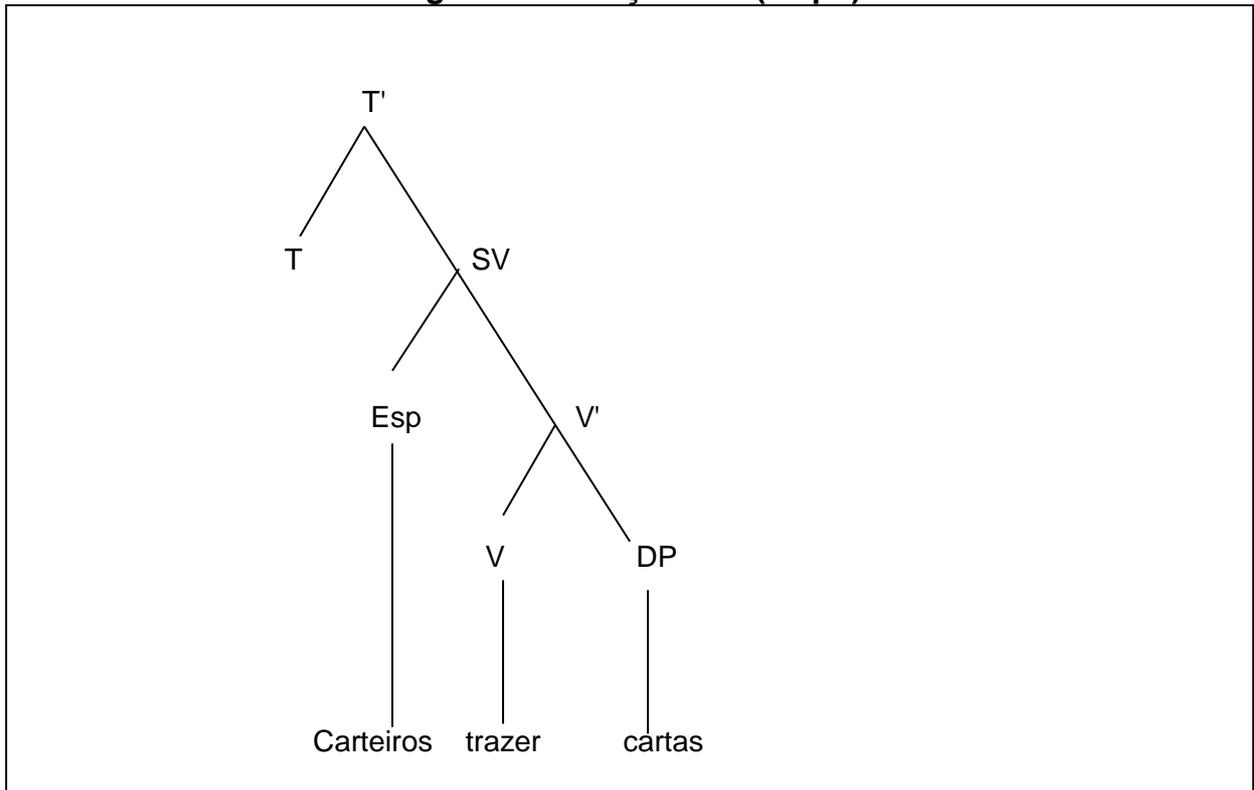
Fonte: Elaborado pelo autor

Procedendo à numeração, o próximo passo seria a seleção de T(empo) da numeração, formando, então, a seguinte estrutura:

⁵ No Minimalismo (Chomsky, 1995, cap. 3), as projeções intermediárias não são mais concebidas. Colocaremos, entretanto, as projeções intermediárias neste trabalho, por uma questão de costume e pelo fato de uma grande parte de trabalhos ainda usar este tipo de notação.

⁶ Esp significa especificador.

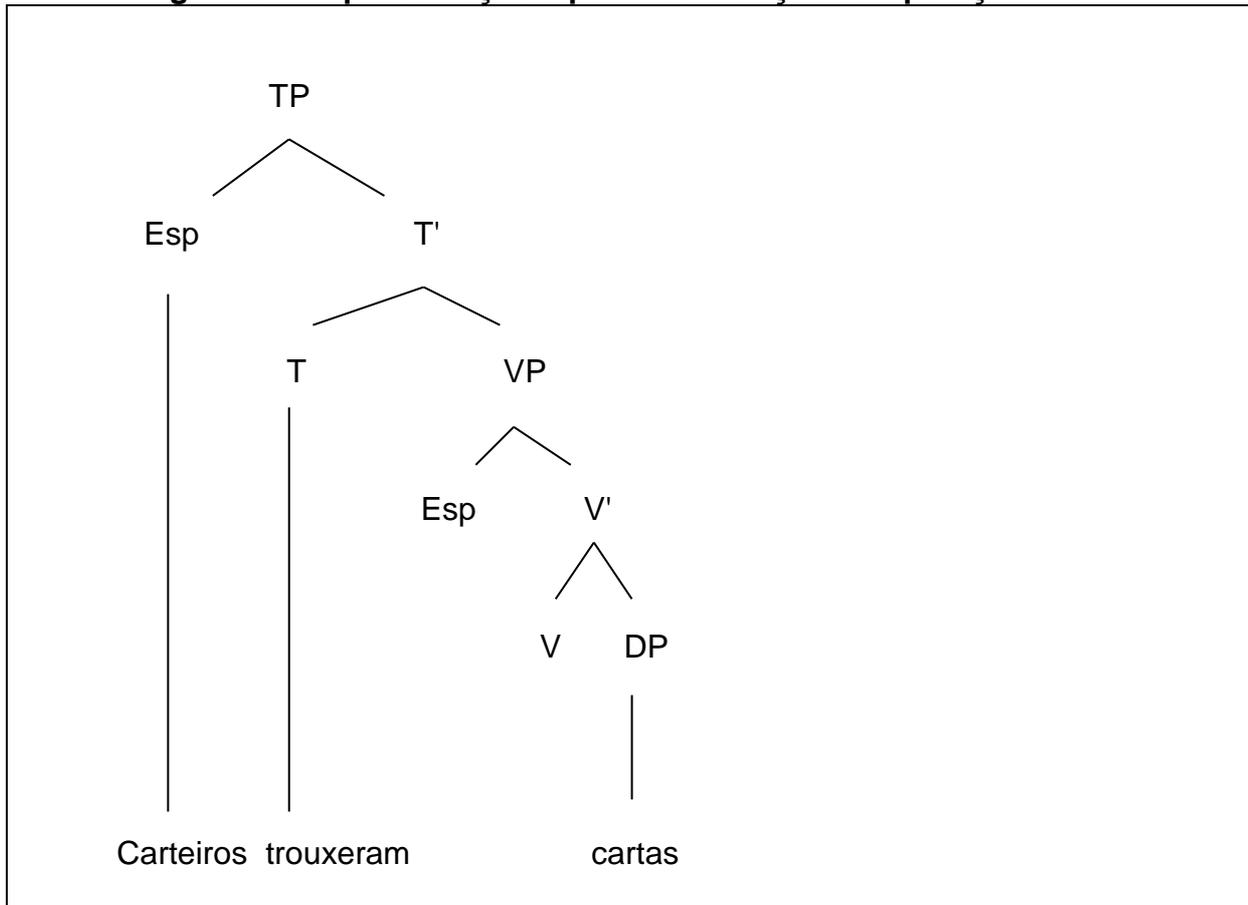
Figura 4 – Seleção de T(empo)



Fonte: Elaborado pelo autor

Mas o DP *Carteiros* move-se (garantido pela operação *move*) para uma outra posição de especificador, posição na qual o DP terá uma relação local com o núcleo de TP, a saber T. O verbo *trazer*, por sua vez, move-se para o nó T. Teremos, então, nesta etapa, a atuação da operação *move* e obteremos a seguinte representação:

Figura 5 – Representação a partir da atuação da operação *move*



Fonte: Elaborado pelo autor

Toda a derivação da sentença é submetida a uma relação de regência, prevista entre um constituinte e outro. Pode-se entender tal relação com base na seguinte sentença “Carteiros trouxeram cartas”.

Sabe-se que a sentença nos é apresentada, nas línguas naturais, por uma sequência linear de itens lexicais, mas sabe-se também que a derivação não é realizada por uma sequência aleatória. Antes, há uma hierarquia na formação da sentença e tal hierarquia é garantida pela relação de c-comando.

C-Comando é uma abreviatura de *constituint-command* e este comanda/determina tudo o que estiver abaixo dele, por isso, a razão dessa nomenclatura. De acordo com Radford (2004), c-comando

é uma relação estrutural entre dois constituintes. Diz-se que um constituinte X c-comanda outro constituinte Y, informalmente, desde que X não esteja mais baixo que Y na estrutura (isto é, ou X é mais alto que Y na estrutura, ou os dois estão na mesma altura). Mais formalmente, um constituinte X c-comanda seu irmão constituinte Y e algum constituinte Z que está contido em Y. Um constituinte X c-comanda assimetricamente um outro constituinte

Y se X c-comanda Y, mas Y não c-comanda X. (RADFORD, 2004, p.440, tradução nossa)⁷

No diagrama arbóreo da sentença “Carteiros trouxeram cartas”, por exemplo, “trouxeram” c-comanda VP, por isso designa caso acusativo a “cartas”.

É importante dizer que, no sistema computacional, a operação *move* ocorreria para que sejam valorados traços formais, por exemplo, de caso, de tempo, de concordância. Ou seja, “carteiros” atraídos por EPP vai para a posição de especificador de TP e recebe de uma posição mais alta que a sua o caso nominativo.

Após a derivação sintática, ocorre o *Spell-Out*, que é o local onde a representação sintática se divide indo para o componente semântico e componente fonológico. No primeiro, é transformado em representação semântica que, por sua vez, é enviado para a interface conceitual-intencional. Já no segundo, essa mesma representação sintática é transformada em representação fonológica que, por sua vez, é enviado para a interface sensório- motor.

Segundo Hermont (2014), “o componente semântico e o componente fonológico seriam, então, os sistemas mentais que imporiam restrições ao sistema computacional, pois este deve derivar expressões linguísticas que sejam mapeadas naqueles componentes”.

Diante do exposto, pode-se verificar a ligação da teoria dos Princípios e Parâmetros e a melhor compreensão das categorias funcionais. De acordo com Borer (1984), a noção dos parâmetros está ligada às categorias funcionais, quais sejam: complementizadores, categoria de tempo e determinantes. Nessa perspectiva, as categorias funcionais ou os elementos morfológicos ligados a elas são os “responsáveis pela diferença de fixação de parâmetro”. Desse modo, percebe-se a importância que as categorias funcionais assumem na dimensão estrutural, estabelecendo relações entre palavras e orações, como a parte mais formal da gramática.

⁷ *C-command: a structural relation between two constituents. To say that one constituent X c-commands another constituent Y is (informally) to say that X is no lower than Y in structure (i.e. either X is higher up in the structure than Y, or the two are at the same height). More formally, a constituent X c-commands its sister constituent Y and any constituent Z that is contained within Y. A constituent X asymmetrically c-commands another constituent Y if X c-commands Y but Y does not c-command X. (Radford, 2004, p. 440)*

Essa concepção é interessante para nossa pesquisa, uma vez que estamos em busca do entendimento das categorias funcionais tempo e aspecto e sua relação com marcadores e advérbios na língua tétum.

2.2 A camada flexional em Teoria Gerativa

A seguir, explanaremos sobre a Flexão dentro do arcabouço da Teoria Gerativa.

Em Chomsky (1965, 1972), considerava-se que a estrutura de uma sentença simples seria constituída por um SN e um SV, ambos ligados a um nó, denominado S. A concepção da sentença era a seguinte: **S** → **SN SV**. Por exemplo, essa notação acomodaria os constituintes de uma sentença como “João sorriu em que “João” seria o SN e “sorriu” seria o SV, que seria caracterizado por um verbo intransitivo. Para uma sentença como “João comprou o livro”, “João” seria o SN e “comprou o livro” seria o SV, onde haveria o verbo e seu complemento.

Com o desenvolvimento de pesquisas na ocasião, observou-se que neste tipo de concepção não cabia um verbo auxiliar, como ocorre em uma sentença como “João está comprando um livro”. Assim sendo, a descrição para uma sentença passou a ser: **S** → **SN Aux SV**. No nóculo Aux, haveria informação de tempo e de concordância.

Emonds (1976) propôs a denominação de INFL (do inglês *inflection*, que significa flexão), no lugar de Aux. A exemplo da marcação de traços binários (+ / - N, + / - V) proposta para as classes lexicais, Emonds propôs uma marcação binária para o nó INFL. Então, uma sentença na forma finita teria INFL [+T, +AGR], em que T significa “Traços de Tempo” e AGR significa “Traços de *agreement* (em inglês) ou concordância”. Uma sentença na forma não finita seria INFL [-T, -AGR]. A regra sintagmática, portanto, passou a ser **S** → **SN INFL SV**.

Em Chomsky (1981 citado em Hermont, 2005, p. 51), há a proposta de que INFL seja considerado da mesma maneira como um material lexical (ou seja, um N, um V, um ADJ), isto é, adotar-se-ia INFL como núcleo da sentença. Daí, teríamos $IP^8 \rightarrow I \text{ SV}$, e o SN sujeito ocuparia a posição de especificador de I.

⁸ Em Chomsky (1986, p. 3), o autor substituiu INFL por um símbolo de uma única letra, a saber: I. Daí as notações IP e I.

A posição de flexão - I - passa a ser local de aterrissagem de um constituinte. Auxiliares (como *may, do* em inglês, e *está e ter* em português) na forma finita ocuparia o núcleo de IP.

Na década de 90, surge também a proposta de que o sujeito de uma sentença ocupa a posição final no especificador de IP, mas nasceria no especificador de VP. A ideia é que o DP nasceria em VP e subiria até IP. O movimento do sujeito para o especificador de IP seria motivado pela necessidade de receber caso.

Pollock (1989) realizou um estudo de comparação de movimento de verbos nas formas finitas em inglês e em francês, estudo este iniciado a partir de reflexões acerca do trabalho de Emonds (1976) sobre flexão verbal em línguas como o inglês e em línguas como o francês. Pollock (*op. cit.*) investigou as diferenças sistemáticas entre tais línguas observando a posição do verbo em relação ao advérbio, aos quantificadores e às partículas de negação. As ideias desse autor foram adotadas por Chomsky (1992 e 2006).

Em Chomsky (2006), há a explicitação dos principais pontos de discussão de Pollock (1989), conforme o excerto a seguir:

Um aspecto com respeito ao qual as línguas naturais parecem variar muito está relacionado à posição dos advérbios. Por exemplo, certos advérbios hierarquicamente baixos intervêm, tipicamente, entre o verbo e o objeto direto em francês e em outras línguas românicas, ao passo que aparecem entre o sujeito e o verbo flexionado, em inglês:

- (24) Jean voit souvent Marie
 Jean vê frequentemente Marie
 (25) John often sees Mary
 John frequentemente Mary

Mais uma vez, uma intuição de uniformidade inspirou uma abordagem elegante e abrangente desse problema. (CHOMSKY, 2006, p. 24)

Pollock (1989) observou a posição dos verbos em língua francesa e inglesa não somente em relação aos advérbios, mas também aos quantitativos e palavras de negação. No que diz respeito à relação verbo/quantificador nas duas línguas temos:

Mes amis aiment tous Marie. (Meus amigos amam todos Maria)

amam todos

**Mes amis tous aiment Marie.*

todos amam

My friends all love Mary. (Meus amigos todos amam Maria)

todos amam

* *My friends love all Mary.*

amam todos

O que se observa acima é que a ordem 'verbo flexionado + quantitativo' em francês é gramatical, enquanto que no inglês esta mesma estrutura é agramatical. Já a estrutura 'quantitativo e verbo flexionado' é gramatical na língua inglesa, porém agramatical em língua francesa.

No que diz respeito às partículas de negação e sua relação com os verbos, temos, em Pollock (1989):

Jean n' aime pas Marie (João não ama Maria)

ama não

**John likes not Mary*

ama não

Ou seja, em francês, a estrutura 'verbo flexionado + partícula de negação' torna a sentença gramatical. O mesmo não ocorre em inglês.

O que se pode verificar desta parte do estudo é que, na língua francesa, o verbo está à esquerda do advérbio, quantitativo e partícula de negação. O oposto ocorre com o inglês, em que temos o verbo à direita de tais elementos.

A distribuição de verbos, quantificadores, partículas de negação e advérbios em sentenças cujo verbo está na forma finita em inglês e em francês é resumida no quadro abaixo:

Quadro 2 – Verbos finitos e sua relação com advérbios, quantificadores, partículas de negação em inglês e francês, segundo estudo de Pollock (1989)

LÍNGUA	SENTENÇAS COM VERBO NA FORMA FINITA
Inglês	<ol style="list-style-type: none"> 1. Adv + Verbo 2. Quantificador + Verbo 3. Partícula de Negação + Verbo
Francês	<ol style="list-style-type: none"> 1. Verbo + Adv 2. Verbo + Quantificador 3. Verbo + Partícula de Negação

Fonte: POLLOCK, Jean-Yves (1989).

Diante de dados como esses, postula-se que os advérbios, os quantificadores e as partículas de negação ocupam a mesma posição em ambas as línguas.

Em Chomsky (2006, p. 25), temos:

O que poderia variar é a posição do verbo em uma configuração estrutural constante: se a sentença contém uma especificação de T(empo) entre o sujeito e o predicado SV, o verbo, em línguas como o francês, desloca-se para T através do advérbio (dando origem a uma reapresentação como a de (26b), derivada da estrutura subjacente (26a)), ao passo que em inglês ele permanece em sua posição de base (Emonds, 1978; Pollock, 1989) ou sofre apenas um deslocamento mínimo para um núcleo funcional mais baixo (Johnson, 1991):

(26) a. Jean T. [souvent voit Marie]

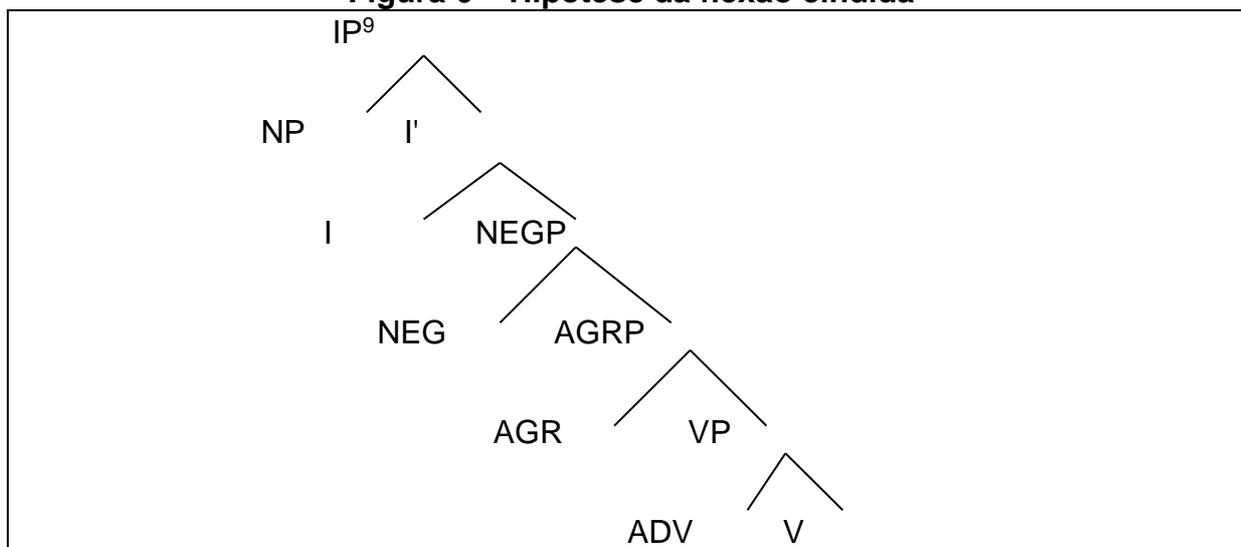
b. Jean voit+T [souvent ____ Marie]

(27) John T [often sees Mary]

John T [fréquemment vê Mary] (CHOMSKY, 2006, p.25)

Diante do que foi exposto, Pollock (1989) percebe que há mais de um lugar que serve de pouso para verbos: antes e depois de advérbios, de quantificadores e de partículas de negação. Portanto, o autor sugere que, no sistema linguístico, haveria traços formais de núcleos funcionais distintos. INFL não seria um único nódulo com traços de tempo e de concordância, mas cada um deles constituiria um nódulo distinto. Tal apontamento é denominado de SPLIT-INFL, que é a hipótese da flexão cindida.

A estrutura seria a seguinte:

Figura 6 – Hipótese da flexão cindida

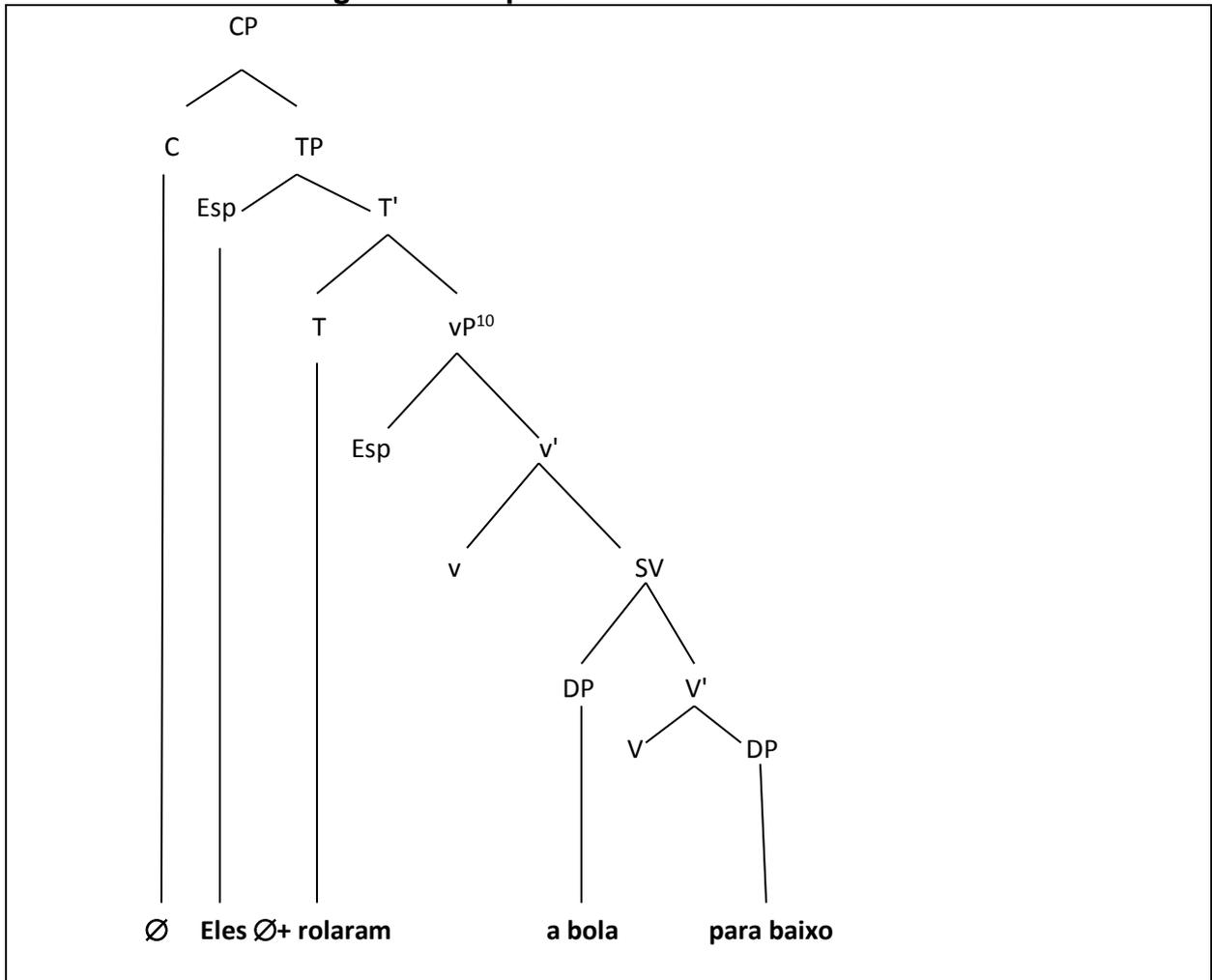
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Pollock (1989)

Após o estudo que foi apresentado, em Chomsky (1995), há uma mudança nos rumos da aceção da árvore sintática. AGR passa a não ser mais um nóculo constituindo um sintagma, porque não teria interpretabilidade semântica no componente semântico. Ou seja, os traços de AGR de verbos não seriam interpretáveis porque, para a interpretação semântica, não interessariam o número, como em: “*Ele foi*” e “*Eles foi*”. Dessa forma, o nó AGR perde a função de checar traços. Já Tempo continuaria mantendo *status* na árvore sintática, pois seus traços são considerados interpretáveis, porque há uma diferença clara na natureza do tempo presente, passado e futuro.

A arquitetura da árvore sintática seria:

⁹ Apesar de ter sido apontado IP, esta projeção corresponde, na aceção de Pollock (1989), ao TP (sintagma de tempo). Manteremos, aqui, a notação indicada pelo autor.

Figura 7 – Arquitetura da árvore sintática



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Chomsky (1995)

Neste capítulo, vimos os pressupostos teóricos da Teoria Gerativa. No próximo, trataremos uma abordagem sobre as categorias tempo e aspecto.

¹⁰ Esta é uma projeção máxima de um verbo (**v** – lê-se "vezinho"), que é o verbo leve causativo abstrato. Trata-se de um verbo nulo com a mesma interpretação causativa que tem o verbo "fazer", como em "Eles fizeram a bola rolar para baixo".

3 AS CATEGORIAS TEMPO E ASPECTO

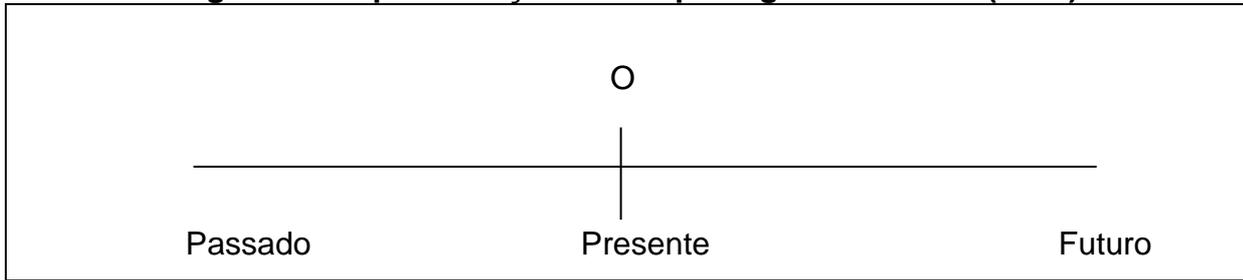
Este capítulo trará uma abordagem sobre as categorias tempo e aspecto. Inicialmente, na primeira seção, traremos um aporte teórico sobre tempo ancorando-nos em Corôa (2005), que nos traz a teoria de Reichenbach (1947). Na seção seguinte, traremos uma abordagem sobre aspecto, apresentando a abordagem de Vendler (1967), de Travaglia (2006), de Comrie (1976) e de Smith (1983).

3.1 A categoria tempo

Nesta seção, abordaremos a noção de tempo a partir do modelo de Reichenbach (1947) desenvolvido inicialmente para descrever o inglês. É importante destacar que tempo, como expressão linguística, pode ser entendida como uma manifestação de uma característica cognitiva universal. Sabemos que todas as línguas têm, em sua gramática, um componente responsável pela codificação do tempo cronológico. No português, a palavra tempo, é polissêmica, e recobre duas entidades distintas: tempo cronológico (tempo medido) e tempo gramatical (tempo codificado linguisticamente)¹¹.

A categoria “tempo” tem sido referida como aquela que localiza os eventos de fala na linha temporal. Comrie (1976, p.4) define tempo linguístico como tempo da situação referida a algum outro tempo, normalmente, o momento da fala. O tempo não é marcado de forma explícita, pois o tempo verbal é tomado como indicação de um determinado tempo em relação ao presente. Podemos verificar esse raciocínio no esquema a seguir:

¹¹ Como aspecto também faz referência à noção de tempo, teremos uma seção que abordará essa categoria.

Figura 8 - Representação de tempo segundo Comrie (1985)

Fonte: Comrie (1985)

Nessa figura, podemos observar que o tempo é apresentado como uma linha reta na qual o passado se encontra à esquerda e o futuro, à direita do ponto (0), sendo que esse ponto zero representa o presente. Convém destacar que essa configuração não representa diretamente o fluxo do tempo, pois não há uma preocupação em relação à estaticidade ou à movimentação do momento presente na linha do tempo.

Corôa (2005, p. 26-31) expõe, para explicar a pergunta *o que é tempo?*, três tipos de teorias que se apoiam em três visões diferentes do mundo. Inicia sua abordagem trazendo as teorias relacionadas ao tempo absoluto, postulado por Newton e Galileu como existência ontológica. Convém destacar que a ontologia é a parte da metafísica que trata da natureza, realidade e existência dos momentos entes, portanto sua existência se dá fora dos eventos. A autora coloca os momentos como posições temporais, assim não dependem de eventos para existir, por se tratar de uma questão ontológica. Então, as relações temporais entre eventos são derivadas dos momentos em que ocorrem. Podemos dizer, conforme nos aponta Corôa, que as relações primárias se dão entre os momentos.

De acordo com Corôa (2005, p. 26-27), as teorias de tempo relacional se distinguem das teorias do tempo absoluto, por negarem a existência de uma entidade chamada tempo, constituída a partir de eventos e suas relações. Kant, citado por Corôa (2005, p. 28), diz que “a ordem temporal e causal são extensionalmente idênticas, mas a ordem temporal é logicamente anterior à causal porque pode servir de critério para esta”. Assim, podemos entender que, em determinadas ocasiões, a sequência de eventos é definida pela ordem da nossa atenção e outras, pela ordem dos próprios eventos.

Corôa (2005, p. 28) afirma que a principal diferença entre as teorias de tempo absoluto e teorias de tempo relacional está, respectivamente, na existência ou não de um conjunto de momentos. Entende-se então que, na teoria absoluta, o evento é suficiente no momento de sua ocorrência, assim é individualizado; já em uma teoria relacional, como os momentos não são distintos, não há uma individualização conforme o momento. Lacey (1972, p. 119), citado por Corôa (2005, p. 28), diz que as teorias relacionais nos “comprometem com menos verdades conceituais, pois são mais flexíveis e não proíbem rupturas com nossas maneiras de falar.”

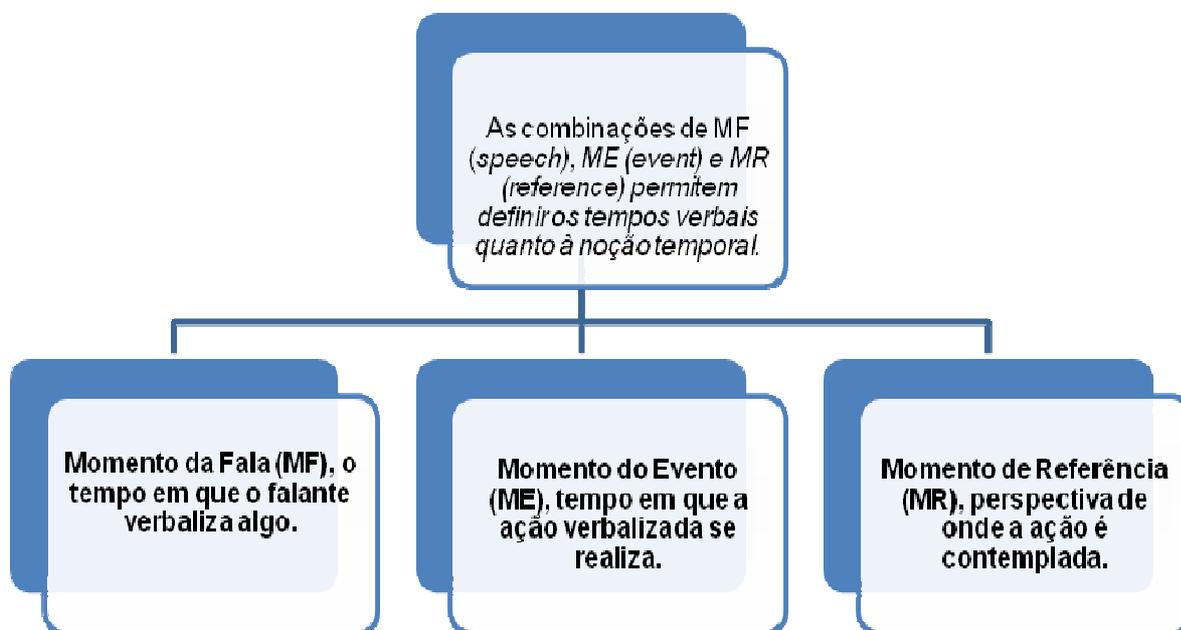
Reichenbach (1965, p. 2), citado por Corôa (2005, p. 29), diz que a mais conhecida dessas teorias, a TRE (Teoria da Relatividade Especial), “despiu o tempo de seu caráter de processo irreversível e mostrou que existem eventos cuja sucessão temporal pode ser considerada na direção oposta”. A seguir, tal teoria será explanada em detalhes.

Sabe-se que, em muitas línguas, há a incorporação da categoria temporal ao verbo. Corôa (2005, p. 33) afirma que “são os verbos que mais comumente, tanto nas gramáticas quanto na consciência do falante, aparecem com a tarefa de situar no tempo o processo da comunicação”.

Reichenbach (1948), citado por Corôa (2005, p. 34-35), “não define diretamente o verbo, mas os *tempora* verbais”. No modelo do autor, há classificação e definição dos tempos a partir de uma relação triádica. Corôa (2005, p. 35) coloca que os tempos “têm girado em torno desses três pontos temporais – momento do evento, momento da fala e sistema de referência – que servem de apoio, ou limite, para sua definição”.

Podemos organizar os três momentos no seguinte diagrama:

Figura 9 - Classificação e definição dos tempos



Fonte: Reichenbach (1948) - Diagrama elaborado pelo autor

A partir das três concepções de tempo, quais sejam: momento de fala, momento de evento e momento de referência, Reichenbach propõe, para o inglês, as relações entre os três momentos, as quais podem ser vistas no quadro a seguir. Vale dizer que os traços entre E (de evento), R (de referência) e S (de *speech*, fala) estão relacionados à noção de anterioridade e posterioridade. Ou seja, se temos E-S, R, em que temos um traço separando E de S quer dizer que o evento (E) ocorreu antes da fala (F ou S, de “*Speech*” em inglês). Já uma relação tal como S, R, E, em que temos vírgulas separando tais momentos, há relação de simultaneidade. Ou seja, a relação estabelecida com a vírgula é de simultaneidade. Já a relação marcada por traço (-) é marcada por anterioridade e posterioridade. Explicaremos isso ainda com mais detalhes à frente e traremos ainda exemplos do português e do tétum.

Quadro 3 - Relações entre os momentos de fala, evento e referência

Structure	New name	Traditional name
E - R - S	Anterior past	Past perfect
E, R - S	Simple past	Simple past
R - E - S } R - S, E } R - S - E }	Posterior past	
E - S, R	Anterior present	Present perfect
S, R, E	Simple present	Present
S, R - E	Posterior present	Simple future
S, E - R } E - S - R }	Anterior future	Future perfect
S - R, E	Simple future	Simple future
S - R - E	Posterior future	

Fonte: Reichenbach (1948)

A partir do delineamento de Reichenbach exposto acima, é possível traçar um esquema com os tempos verbais para o português, esquema este inspirado em Corôa (2005). Convém destacar, que como o trabalho trata da língua tétum-praça, estabeleceremos uma relação de comparação entre o português e o tétum, a fim de tornar clara a explicitação ora desenvolvida:

Quadro 4 – Representação dos tempos verbais

Tempo	Descrição	Exemplo	
		Português	Tétum
Presente	Os momentos são simultâneos. Representação: ME, MF, MR	“A professora diz: - Tem aula hoje.”	“Profesór feto dehan: - Iha aula ohin.”
		Quando ocorre a enunciação (MF), o momento está ocorrendo e o momento de referência também.	
Pretérito perfeito	ME é anterior ao MF e este, simultâneo ao MR. Representação: ME-MF, MR	“Bárbara caiu no poço quando Jean gritou.”	“Bárbara monu iha bé matan bainhira Jean hakilar tiha ona.”
		A enunciação (MF) e a referência são simultâneas (gritar) e ocorrem depois do momento do evento (cair).	
Pretérito imperfeito	ME é simultâneo ao MR e estes são anteriores ao MF. Representação: ME, MR - MF	“Eu antes comia arroz.”	“Hau uluk han etu.”
		O evento (ME) e a referência (MR) são simultâneas (comia) e ocorrem antes do momento de fala.	
Pretérito mais-que-perfeito	O ME é anterior ao MR, que é anterior ao MF. Representação: ME-MR-MF	“Quando o aluno entrou na classe, a professora já tinha começado a aula sobre a língua portuguesa.”	“Bainhira estudante mane tama ona iha clase, profesór feto hahú ona aula kona-ba lian portugés.”
		Quando ocorre a enunciação (MF), o evento (ME) (em que a aula já tinha começado) já havia acontecido antes de o aluno entrar na sala (MR). (“tinha começado” é tempo composto do Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo na Língua Portuguesa, contudo não acontece o mesmo no Tétum, pois a marcação do tempo verbal se dá por marcadores verbais, no caso <i>ona</i>).	
Futuro do presente	MF é simultâneo ao MR e ambos, anteriores ao ME. Representação: MF, MR-ME	O rapaz diz: - Carina se casará comigo.	Mane dehan ona: - Carina sei kaben hó hau.
		A enunciação (MF) e a referência (dizer - dehan) são anteriores ao momento do evento que ainda irá acontecer (casar - kaben).	

Fonte: Descrição inspirada a partir da leitura feita de Corôa (2005, p. 11-12)

Os exemplos em Português referem-se ao modo indicativo, mas, como em Tétum não existe uma clara demarcação em relação ao modo e ao tempo, conforme

a Gramática de Hull e Eccles (2001), não nos deteremos, nesta dissertação, na noção de modo. O objetivo de trazermos exemplos em língua tétum, neste quadro, é contrastar com a língua portuguesa, mas convém destacar que o tétum-praça está destituído de morfema de flexão verbal (*inflexion*). A pessoa e o número são marcados apenas pela presença de pronomes ou substantivos sujeitos. Como faltam, na língua, morfemas de flexões verbais, a ordem das palavras – e em particular a colocação dos verbos numa frase – é uma parte importante da gramática do tétum.

Segundo Travaglia (2006, p. 39), a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) e posterior (futuro). Considerada uma categoria dêitica pelo autor, que serve para apontar - *deictic category* -, expressar distinções que dizem respeito ao tempo e ao lugar em que ocorre o ato de fala, ou aos diferentes papéis de seus envolvidos.

Para Travaglia (1994, p. 43), tempo é uma categoria dêitica porque estabelece a localização no tempo, e aspecto é uma categoria não dêitica, pois seu significado não remete ao momento da enunciação. Na mesma linha de raciocínio, Comrie (1976) indica uma diferenciação entre tempo e aspecto ao enunciar que a expressão “constituição temporal interna” trata-se de uma compreensão em termos da oposição proposta entre “tempo interno da situação”, que diz respeito a aspecto, e “tempo externo da situação”, que se refere a Tempo.

Ademais, em qualquer sistema dêitico, o ponto de referência mais comumente utilizado é a situação de fala – o “aqui e agora” – é a instância tomada como padrão, caracterizando o centro dêitico.

Dessa forma, nesta dissertação, adota-se a abordagem de Comrie (1985), segundo a qual Tempo possui significados bem definidos e independentes de contextos específicos. Assim, parte-se para a explanação sobre aspecto na próxima seção.

3.2 A categoria aspecto

A noção de aspecto, de um modo geral, é sempre dada ao lado da noção de tempo. Se essa última noção, conforme vimos no capítulo anterior, está ligada à *dêixis*, pois situa um determinado evento como anterior ou posterior a um momento

presente, aspecto está relacionado a um tempo interno a um verbo ou, conforme adotaremos neste trabalho, ao sintagma verbal.

Podemos observar duas orações como “*Luíza come biscoitos*” e “*Luíza come um biscoito*”. Na primeira sentença, não percebemos a finitude do evento, ao passo que, na segunda sentença, o percebemos. Notadamente, a diferença entre as duas orações ancora-se na natureza do argumento interno. Na primeira sentença, o argumento interno está no plural e sem determinante, imprime a ideia de que a ação expressa no SV “come biscoitos” não tem um fim inerente ao evento. Já o argumento interno de “come um biscoito”, em que há um quantificador “um”, há um fim inerente revelado pelo SV. Na primeira sentença, teríamos, associado ao SV, o aspecto atélico. Na segunda, o aspecto télico. Aspecto atélico e aspecto télico constituiriam o que se denomina aspecto lexical ou aspecto semântico.

Além disso, teríamos outra forma de classificarmos o aspecto. Trata-se do morfema que expressa essa noção, o que é denominado aspecto gramatical. Ou seja, ao vislumbrarmos frases como “*Eu estudei a matéria*” e “*Eu estudava a matéria todos os dias*”, percebemos que as duas têm, como tempo, o passado. A diferença entre elas reside na noção aspectual. Isto é, na primeira frase, a ideia é de que o evento é findado e, na segunda, há ideia de progressão. Essas noções de eventos acabados e não acabados estão ligadas a aspecto gramatical e estão reveladas em morfemas. Nos dois casos, respectivamente, temos: –Ø– no pretérito perfeito (estude–Ø–i), em que –Ø– é um morfema zero que indica tempo passado e aspecto perfectivo. Já em “estudava”, temos o morfema –va–, no pretérito imperfeito (estuda –va– Ø), indicando que o tempo está no passado e o aspecto está no imperfeito. (Vale dizer que o morfema –Ø– de (estuda –va– Ø) diz respeito à marca de pessoa e de número). É importante ainda salientar, que os morfemas de modo, tempo e aspecto em língua portuguesa, bem como os morfemas de número e pessoa são cumulativos. Essa ideia de cumulatividade será observada também em marcadores da língua tétum-praça, conforme veremos mais adiante.

A seguir trataremos algumas abordagens sobre aspecto, iniciando com a de Vendler (1967). Assim sendo, apresentaremos as noções aspectuais trazidas por esse autor e, após isso, demonstraremos o raciocínio conduzido ao apresentar sua proposta.

Vendler propôs um modelo que divide aspecto lexical em quatro categorias semânticas: **states**, **activities**, **accomplishments** e **achievements**¹².

Primeiramente, teríamos os “estados” (*states*), que, segundo o autor, envolvem instantes no tempo de forma indefinida. Por exemplo, se alguém ama outra pessoa significa que alguém ama outra pessoa em algum instante de t_1 (tempo 1) a t_2 (tempo 2).

Em segundo lugar, o autor apresenta a noção de atividade (*activities*). Nesta está incluída a noção de atividades desenvolvidas em período de tempo que não é único e nem é definido. Ou seja, se alguém está correndo em um tempo t significa que o instante de tempo t estende-se durante todo o tempo que essa pessoa corre.

Em terceiro lugar, Vendler apresenta a noção de *accomplishment* ou processos culminados. A ideia é de que os períodos de tempo são únicos e definidos. Ou seja, se alguém estava desenhando um círculo em um tempo t significa que t estende-se até que alguém acabe de desenhar aquele círculo.

Por último, Vendler apresenta a noção de *achievements* ou culminações. Essa noção envolve também instantes de tempo definidos e únicos. Isso significa que, se alguém ganhou a corrida entre t_1 e t_2 , significa que o instante de tempo em que alguém ganhou aquela corrida está entre t_1 e t_2 .

A seguir, apresentamos um quadro com as noções de Vendler para classificação de aspecto:

Quadro 5 – Classes aspectuais semânticas dos predicados

Eventos Atélicos		Eventos Télicos	
Estados	Atividades	Processos Culminados accomplishments	Culminações Achievements
ter uma moto	Andar	correr uma milha	achar uma roupa
amar a namorada	Estudar	assar um frango	Parar
saber tétum	Ler	ler um livro	Morrer

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos de Vendler (1967)

¹² Por sua vez, Smith (1991) inclui uma quinta categoria, a dos **semelfactivos**. Conforme Scher (2002), o termo *semelfactivo* constitui-se a partir de *semel*, palavra latina que designa “uma vez”, e ainda acrescenta que o termo é empregado na linguística das línguas eslavas para designar um sufixo que indica um evento singular. A autora afirma que os eventos constituintes de um único estágio (pontuais) e que não têm resultado ou consequência preestabelecidos (atélicos) pertencem à classe dos *semelfactivos*.

Pode-se verificar, a partir do quadro acima, que estados e atividades são caracterizados por serem eventos que envolvem períodos de tempo indefinidos e não únicos. Já *accomplishment* e *achievement* são eventos que envolvem períodos de tempo definidos e únicos. Para diferenciar estados de atividades e atividades de *accomplishment*, o autor apresenta o raciocínio que se segue.

Para a primeira diferenciação, Vendler (1967, p. 22) traz alguns exemplos que demonstram a diferença entre verbos que possuem traços contínuos e aqueles que não o possuem. Para uma pergunta como

What are you doing?

O que você está fazendo?

Poderíamos obter a seguinte resposta:

I am running (or writing, working, and so on)

Eu estou correndo (ou escrevendo, trabalhando, etc.)

Difícilmente obteríamos uma resposta assim:

I am knowing (or loving, recognizing, and so on).

Eu estou conhecendo (ou amando, reconhecendo, e assim por diante)

De acordo com Vendler (1967, p. 22), essa diferença sugere que “correndo” (*running*), “escrevendo” (*writing*) e “trabalhando” (*working*) são processos que decorrem no tempo, ou seja, tais processos consistem de fases sucessivas, uma seguida da outra. Pensemos no verbo “correr”: o homem que está correndo levanta sua perna direita em um momento, deixa-a cair no próximo, então levanta sua outra perna, deixa-a cair e assim por diante. Portanto, há fases sucessivas.

Contudo, para o verbo “saber”, se uma pessoa está “sabendo geografia agora”, não significa que o processo de conhecimento geográfico está se dando naquele dado momento. Assim, não se pode dizer que há fases sucessivas em um determinado período de tempo.

Fez-se, então, a diferenciação entre as noções de estados e atividades.

Em seguida, apresentaremos o raciocínio de Vendler para a diferenciação entre atividade e *accomplishment*, já que as duas noções envolvem fases sucessivas no tempo.

Para isso, Vendler (1967, p. 22) tratou do grupo de verbos que admitem traços de tempo contínuo. Para o autor, se é verdade que alguém está “correndo” ou “empurrando um *kart*” em um dado momento e se esse alguém para no próximo momento, pode não ser verdadeiro que tenha feito uma corrida ou empurrado o *kart*. Por outro lado, se é verdadeiro que alguém está desenhando um círculo ou está correndo uma milha em um determinado momento e se para no próximo momento, pode não ser verdadeiro que ele tenha feito o desenho de um círculo ou correu uma milha. Em outras palavras, se alguém para de correr uma milha, ela não necessariamente correu uma milha; se alguém para de desenhar um círculo, ele não necessariamente desenhou um círculo. Mas a pessoa que para de correr, efetivamente, correu. A pessoa que para de empurrar o *kart*, com certeza empurrou-o. “Correr uma milha” e “desenhar um círculo” são eventos que devem estar acabados. Entretanto, não necessariamente pode-se afirmar que “correr a corrida” ou “empurrar o *kart*” foram eventos concluídos.

Então, para a ação de “correr” ou “empurrar um *kart*”, não há de forma inerente um ponto de término determinado. Já “correr uma milha” ou “desenhar um círculo” são eventos que têm inerentemente um “clímax”. Portanto, têm uma previsão de término.

Assim, delinea-se a diferença entre atividades e *accomplishment*. Ambas são noções que têm em si fases sucessivas. Mas as primeiras não teriam um término de forma inerente. Os eventos *accomplishment* seriam caracterizados por fases sucessivas e teriam um término previsto.

Por fim, pode-se inferir que a diferença entre *accomplishment* e *achievement* é que, apesar de as duas noções serem caracterizadas por ocorrerem em um tempo definido e único, os eventos *accomplishment* têm fases sucessivas, mas que caminham para uma culminância. Os *achievements* não têm fases sucessivas, como se pode perceber no exemplo: “Jean alcançou o topo da montanha”.

Esse raciocínio leva Vendler a especificar alguns traços que caracterizariam as quatro noções de eventos. Esses traços seriam “estatividade X dinamicidade”; “telicidade X atelicidade”; “pontualidade X duratividade”, os quais estão apresentados no quadro a seguir:

Quadro 6 - Traços caracterizadores de noções aspectuais, conforme Vendler (1967)

<p>Estatividade x Dinamicidade</p>	<p>Relaciona-se à possibilidade de um predicado descrever, respectivamente, um estado que não se altera no período de tempo (estatividade) ou uma sucessão de estados ou estágios de um processo, que transcorre no tempo (dinamicidade).</p> <p>Exemplo de estatividade <i>O menino tem grande admiração por seu pai.</i> <i>Labarik mane iha boot admirasaun ba ita nia apa.</i> <i>Labarik mane iha admirasaun boot ba ita nia apa.</i></p> <p>Exemplo de dinamicidade <i>O menino escreveu o livro.</i> <i>Labarik mane hakerek livru.</i></p>
<p>Telicidade x Atelicidade</p>	<p>Relaciona-se à possibilidade de um predicado apresentar, respectivamente, um fim predeterminado ou não. No primeiro caso, tem-se a telicidade. No segundo caso, tem-se a atelicidade.</p> <p>Exemplo de atelicidade <i>A menina está respondendo.</i> <i>Labarik feto hatan</i></p> <p>Exemplo de telicidade <i>A menina está respondendo a uma pergunta.</i> <i>Labarik feto hatan ida. pergunta</i> <i>Labarik feto hatan pergunta ida.</i></p>
<p>Pontualidade x Duratividade</p>	<p>Relaciona-se à possibilidade de um predicado apresentar um evento que não se prolonga no tempo, portanto a pontualidade, ou, contrariamente, um evento ou estado que se prolonga por um determinado período de tempo, que seria a duratividade.</p> <p>Exemplo de pontualidade <i>Jean alcançou o topo da montanha.</i> <i>Jean foin to'o iha foho</i></p> <p>Exemplo de duratividade <i>Jean corre na praia.</i> <i>Jean halai iha tasi-ibu.</i></p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos de Vendler (1967)

Essas noções apresentadas no quadro anterior caracterizam as quatro noções aspectuais: estados (*states*), atividades (*activities*), *accomplishments* e *achievements*.

Quadro 7 - Traços e noções aspectuais

Traços \ Noções aspectuais	Estatividade	Dinamicidade	Telicidade	Atelicidade	Pontualidade	Duratividade
States	+	-	-	+	-	+
Activities	-	+	-	+	-	+
Accomplishment	-	+	+	-	-	+
Achievement	-	+	+	-	+	-

Fonte: Elaborado pelo autor inspirado em Vendler (1967)

Somente a noção aspectual estados é caracterizada pelo traço estatividade; por outro lado, as noções aspectuais *accomplishment* e *achievement* são caracterizadas pelo traço dinamicidade. Logo, o diferencial entre estados e atividades é a oposição dos traços estatividade X dinamicidade. Apenas a noção aspectual *achievement* é caracterizada pelo traço pontualidade. As noções aspectuais, *states* e *activities* são atélicas; já os *accomplishment* e *achievement* são télicos. As demais noções aspectuais são caracterizadas pelo traço duratividade. O que diferenciaria as noções aspectuais *accomplishment* e *achievement* seria a oposição de traços pontualidade X duratividade.

A teoria trazida por Vendler desencadeou vários outros trabalhos de forma direta ou indireta. A fim de aprofundarmos no assunto traremos as abordagens de Travaglia (2006), de Comrie (1976) e de Smith (1983).

Travaglia (2006, p. 40) define aspecto sinteticamente como “uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases.” O autor considera que essas fases são do *desenvolvimento*, *completamento* e *realização*.

As formas verbais “*estude*” e “*estudava*” ilustram bem a distinção entre Tempo e Aspecto no que diz respeito à *dêixis*. Ambas as formas representam uma ação ocorrida num tempo anterior ao momento da fala, ou seja, no passado. Contudo, uma representa o imperfectivo e outra o perfectivo, divergindo-as.

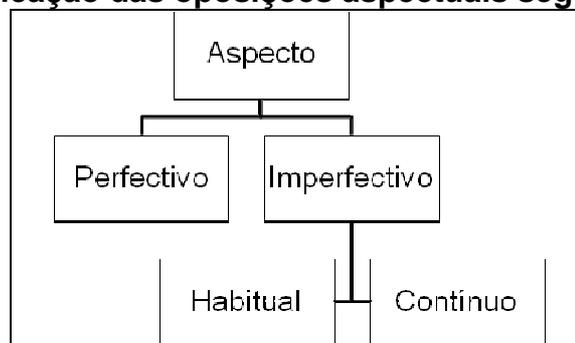
De acordo com Travaglia (2006), os verbos télicos são aqueles que indicam uma situação que chega a um fim como “fazer uma mesa”, “morrer”, “nascer”, enquanto os verbos atélicos indicam uma situação que não marcha para um fim necessário como “cantar”, “mastigar”, “andar”. Podemos perceber que o autor

trabalha com as noções de aspecto calcadas na semântica do verbo e, não, do SV (em que se consideraria o papel do complemento do verbo e/ou do advérbio).

As situações pontuais definidas por Travaglia (2006, p. 42-43) versam sobre os verbos télicos, *accomplishments*, sendo assim, situações durativas também podem contar com processos culminados, mesmo tendo sido afirmado pelo autor que os verbos nessas situações são, em sua grande maioria, atélicos.

Complementando as noções aqui explanadas, pode-se verificar uma representação esquemática da classificação das oposições aspectuais, conforme Comrie (1976):

Figura 10 - Classificação das oposições aspectuais segundo Comrie (1976)



Fonte: Elaborado pelo autor inspirado em Comrie (1976)

Conforme se verifica na figura anterior, o aspecto, para Comrie (1976), é dividido em perfectivo e imperfectivo. Esta última noção, por sua vez, é dividida em habitual e contínuo.

Desta forma, há formas distintas de classificação do aspecto. Podemos, de um modo geral, classificar aspecto a partir do ponto de vista lexical/ou semântico verbal ou do ponto de vista gramatical. De acordo com Comrie (1976), o aspecto lexical é estruturado em função de certos traços semânticos essenciais às raízes verbais e o aspecto gramatical é estudado em função dos morfemas verbais que codificam a ideia de perfectividade ou de imperfectividade.

Uma abordagem clássica no tratamento de aspecto é trazido por Smith (1983). A autora faz a distinção para o termo aspecto, definindo a seleção de marcas aspectuais como um processo que incorpora dois níveis distintos, independentes entre si, sendo eles: *situation aspect* (modo como os humanos percebem e categorizam as situações) e *viewpoint aspect* (refere-se à visão parcial ou total de

um *situation aspect* específico, explicitada por meio de um morfema gramatical visível).

Para Smith, aspecto é definido como uma propriedade semântica de uma sentença em oposição a uma propriedade de uma situação. Para uma sentença como “Mary swims every day”, um falante pode escolher várias formas de apresentá-la. O ato de nadar por parte de Mary pode ser apresentado como um evento ou como um evento numa série de atos de nadar. A esta noção, Smith denomina aspecto situacional (*situation aspect*), ou seja, a situação é apresentada como um evento (*achievement or accomplishment*), estado (atividade ou estativo), ação habitual etc.

Entretanto, de acordo ainda com Smith, a frase em questão pode ser apresentada como um ato particular de nadar: um ato completo ou ainda em progressão. A esta noção, Smith denomina aspecto de ponto de vista (*viewpoint aspect*). Para a autora, a situação de ponto de vista é completa quando não se faz nenhuma referência à sua estrutura interna e, sim, à situação como um todo. A situação é progressiva quando se faz referência a algum momento que não é inicial ou final. Para Smith, o aspecto de ponto de vista em inglês é sinalizado por morfemas específicos: o auxiliar *be* e *-ing* codificariam o aspecto progressivo que faria oposição à forma verbal simples, a qual indicaria uma situação completa.

Essas últimas definições de alguma forma remetem-se à distinção de aspecto perfectivo e imperfectivo feita por Comrie (1976). De acordo com esse autor, o aspecto perfectivo não se refere explicitamente à constituição temporal interna de uma determinada situação, enquanto aspecto imperfectivo refere-se explicitamente a uma estrutura temporal interna de uma determinada situação.

Traçando um paralelo entre as abordagens de Smith (1983) e de Comrie (1976), percebe-se que ambos os autores comungam do mesmo raciocínio quando comparamos o aspecto semântico e o *situation aspect*, e o aspecto gramatical e o *viewpoint aspect*. O quadro a seguir resume as ideias de Comrie (1976) e de Smith (1983):

Quadro 8 – Resumo das ideias de Comrie (1976) e de Smith (1983)

Comrie (1976)	Smith (1983)
<p>Aspecto semântico</p> <p>Baseia-se nas habilidades cognitivas humanas.</p>	<p><i>Situation aspect</i></p> <p>Considera-se um fenômeno cognitivo geral.</p>
<p>Aspecto gramatical</p> <p>Refere-se às distinções aspectuais que são marcadas explicitamente na morfologia, geralmente por auxiliares e/ou morfemas flexionais e derivacionais, podendo ser dependente da referência temporal. Aqui entra a distinção perfectivo e imperfectivo.</p>	<p><i>Viewpoint aspect</i></p> <p>Considera-se um fenômeno dependente da língua. Aqui entra a distinção perfectivo e imperfectivo.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das discussões de Comrie (1976) e Smith (1983)

Neste capítulo, foram apresentadas as noções de tempo e aspecto. Tempo seria uma categoria dêitica, denotando passado e futuro em relação a um ponto presente. Aspecto estaria relacionado ao tempo interno a um sintagma verbal. Poderia ser dividido em aspecto semântico e teríamos a atelicidade e a telicidade; e em aspecto gramatical, com as noções de imperfectividade e de perfectividade. As categorias de tempo e de aspecto, neste capítulo, foram abordadas de um modo geral. A seguir, traremos essas noções na língua tétum-praça.

4 TÉTUM-PRAÇA – CATEGORIAS GRAMATICAIS GERAIS E AS CATEGORIAS TEMPO E ASPECTO

Neste capítulo, apresentaremos algumas características morfológicas e sintáticas da língua tétum-praça, quais sejam: a natureza do sujeito, os pronomes pessoais, o gênero, a morfologia do verbo e os marcadores adverbiais. Além disso, trataremos as noções que são o mote desta dissertação: tempo e aspecto em tétum-praça. Como o tétum-praça recebeu muitos empréstimos da língua portuguesa, a análise, no tocante às propriedades sintáticas da língua timorese, será facilitada. Sempre que for conveniente, faremos a associação entre a descrição do tétum e o aporte teórico da teoria gerativa.

Começamos pela realização do sujeito e a flexão do verbo, tanto em português como em tétum-praça. Chomsky (1981) postula o princípio de existência da posição de **Sujeito** em todas as orações assumidas na GU, sendo designado o Princípio da Projeção Estendida (que, em inglês, é denominado *Extended Projection Principle – EPP*).

Vejamos os exemplos em língua portuguesa e em tétum-praça:

Eu falo bem tétum.

Ha'u koalia diak tétum.

Nos dois exemplos, temos a presença foneticamente realizada dos sujeitos nas duas línguas. Entretanto, sabe-se que, em língua portuguesa, o sujeito pode ou não ser expresso. Dentro desse contexto, verifica-se uma distinção entre as duas línguas: elas se diferem quanto à obrigatoriedade ou não de realização lexical do sujeito, configurando-se, entre as duas línguas, uma distinção na fixação do *Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) ou Parâmetro Pro-Drop*. A esse parâmetro estão associadas diversas propriedades, dentre as quais a riqueza morfológica da flexão verbal e a possibilidade de ocorrência de sujeitos pronominais não expressos.

O Tétum, ao contrário do português, é uma língua que não admite construções com *Sujeito Nulo*. Isto é, no tétum, as sentenças exigem sempre que o sujeito seja realizado; do contrário, obtêm-se construções agramaticais, conforme o exemplo a seguir.

* Ø koalia diak.

Falo bem.

Sabe-se que, em Tétum, os verbos são palavras invariáveis. Conforme nos diz Costa (2015), bem como Hull e Eccles (2005), todas as formas verbais são reduzidas ao infinitivo e são usadas para designar o presente, o pretérito e o futuro.

Os pronomes pessoais, assim como na língua portuguesa, antecedem sempre o verbo. Vejamos o quadro a seguir com os pronomes em tétum-praça:

Quadro 9 - Pronomes pessoais e o verbo “falar” em tétum-praça

Pessoa	Número	Pronome Pessoal	Tradução Pronome	Verbo	Tradução verbo
1 ^a	Singular	ha'u	Eu	koalia	falo
2 ^a		O	Tu	koalia	falas
3 ^a		Nia	ele/ela	koalia	fala
1 ^a	Plural	ami/ita	Nós	koalia	falamos
2 ^a		Imi	vós	koalia	falais
3 ^a		Sira	eles/elas	koalia	falam

Fonte: Elaborado pelo autor

No que diz respeito à marcação de gênero, o Tétum-praça desenvolveu diversas formas de transferência funcional, sendo elas relacionadas ao gênero natural, que é um fenômeno típico de línguas austronésias e é caracterizado por não ter nenhuma propriedade e oposições semânticas, como [+ humano] X [+ animal] e [+ masculino] X [+ feminino].

A seguir mostraremos a marcação de gênero em algumas sentenças em Tétum-praça:

Labarik mane sira lalika estuda. (*Os meninos não precisam estudar*)

Labarik	mane	sira	lalika	estuda
Criança	MASC	PL	não precisa	estudar

Labarik feto sira lalika estuda. (*As meninas não precisam estudar*)

Labarik	feto	sira	lalika	estuda
Criança	FEM	PL	não precisa	estudar

Vejam os ainda a marcação de gênero para nomes designadores de animais. O marcador masculino é “aman” e o marcador feminino é “inan”, sendo que este deve ser agregado à base em alguns casos. Vejamos os exemplos abaixo:

Hau iha deit asu aman ida ho asu inan tolu.

(*Eu tenho somente um cão e três cadelas*)

Hau	iha	deit	asu aman	Ida	ho	asu inan	Tolu
-----	-----	------	-----------------	-----	----	-----------------	------

1sg	Ter EXI	somente	Cão	um NUM	e	Cadela	três NUM
-----	------------	---------	-----	-----------	---	--------	-------------

Vale dizer que, no caso acima, “**inan**” é marcador de gênero feminino e é posposto ao nome, derivando, por exemplo, asuinan (cadela). Entretanto, o **inan** pode significar mãe e, em outros casos, pode ser anteposto para formar uma palavra composta, como em ***inan kamrua***, que significa madrasta.

Além disso, os substantivos em Tétum-praça possuem um traço semântico de número (+/- plural). Para obtermos o plural, deve-se colocar um marcador de número. Por exemplo, em “labarik sira” significa “crianças”, em que “sira” é o marcador de plural¹³. Deve-se salientar que, neste caso, “sira” deve ser posposto ao nome.

Pode-se, ainda, marcar quantidade por meio de numerais, tal como ocorre na sentença “*Hau iha deit asu aman ida ho asu inan tolu*”, em que temos o numeral “ida” que significa ‘um’ (um cão) e o numeral “tolu” que significa ‘três’ (três cadelas).

Os advérbios, as locuções adverbiais, bem como alguns marcadores, em tétum-praça, contribuem para expressar as marcas de tempo e aspecto. De acordo com Costa (2015, p. 67), “o tempo é expresso, em tétum, por palavras, advérbios e locuções adverbiais de tempo que marcam o presente, o passado ou o futuro e o modo é expresso pelo contexto ou pela própria entonação da voz”.

Se observarmos alguns dados das línguas faladas pelos timorenses, como tétum-praça, verificamos a existência de marcadores temporais que marcam todo o escopo dos enunciados produzidos, conforme exposto no exemplo abaixo que foi inspirado no exemplo dado na Gramática da Língua Tétum escrita por Hull e Eccles

¹³ Convém lembrar que “sira” também pode ser pronome pessoal, significando “eles/elas” e pronome oblíquo “os/as” sempre que anteposto ao verbo, conforme Costa (2000, p. 300).

(2005) e no que nos traz Batoréo (2010), que assume que *tiha* pode ter várias funções gramaticais:

(Tétum)	Labarik	sira	kaer	tiha	manu-fuik	ida
(Português)	criança	+plural	pegar	já, + perfectivo +pretérito	pássaro	um
As crianças pegaram um pássaro.						

No exemplo apresentado anteriormente, o marcador *tiha* da língua tétum, na tradução para o português ‘já’, nos revela um marcador aspectual de perfectividade agregado a uma noção de tempo passado, função que, no português, é evidenciada pelos morfemas de tempo e de aspecto gramaticais. É nítido o emprego de “*tiha*” de forma inconsciente e nada intencional por parte dos falantes timorenses, surgindo como um marcador plurifuncional.

Delineou-se um breve panorama gramatical da língua tétum-praça, a qual não tem uma morfologia dotada de desinências. Tendo por objetivo nesta dissertação verificar as categorias tempo e aspecto e sua relação com os advérbios e marcadores em tétum-praça, passemos, agora, a explicar sobre as categorias tempo e aspecto nessa língua.

4.1 Tempo e aspecto em tétum-praça

Vejamos o tratamento de Tempo e Aspecto em tétum-praça partindo dos exemplos a seguir:

(1) Reza barak.

Rezei muito.

(2) Hau reza ona iha tempo naruk (barak).

1^ap.sing rezar + passado por tempo longo (muito)

Eu (estive)¹⁴ rezando por muito tempo. (Português Brasileiro)

¹⁴ Colocamos, na tradução para o português, o auxiliar “estive”, que não tem correspondente em tétum-praça, mas que é possibilitado pela existência do “ona”, marcador de tempo.

O exemplo (1) só é possível se for ancorado no discurso, ou seja, só se pode fazer a tradução de tal sentença da forma como foi feita se já tiver sido colocado no discurso um marcador de passado. Assim sendo, o evento *rezar* recebe um tratamento ancorado na dêixis, e o falante vai designar, para a ação descrita, o tempo pretérito.

Já no exemplo (2), há uma referência ao tempo em que a ação *rezar* ocorreu em relação ao momento da fala (expressão da categoria de Tempo), mas também se faz referência ao desenvolvimento da ação. No exemplo (2), na língua tétum, foi necessário o uso do marcador *ona* (+passado). Assim, pode-se verificar que tempo e aspecto são categorias que se manifestam de forma diferente da forma como se dão na língua portuguesa. Dos dois exemplos dados, pode-se inferir:

- a) As categorias de tempo e de aspecto não ocorrem como morfemas, tal como ocorrem em português.
- b) As categorias de tempo e de aspecto podem se manifestar, em tétum-praça, como marcadores.
- c) A categoria tempo pode ser retomada anaforicamente ou localizada cataforicamente no discurso.

Dito isso, passemos a explicar sobre as categorias tempo e aspecto no tétum-praça. Sabe-se que alguns dos marcadores podem designar tanto uma categoria quanto outra, mas, para fins didáticos, vamos apresentar inicialmente como se dá a marcação de tempo. Após essa abordagem, demonstraremos como se dá a marcação de aspecto.

O tempo em tétum, como já explicitado, está representado por advérbios, locuções adverbiais ou marcadores. Para facilitar a exposição, faremos um paralelo com a língua portuguesa em alguns raciocínios.

Em português, para uma frase “*Jean comeu o doce*”, temos uma ação ocorrida antes do tempo presente. Em “*Jean comerá o doce*”, temos uma ação que ocorrerá posterior ao tempo presente.

Em tétum-praça, podemos citar a seguinte sentença com o tempo flexional no passado:

Jean	han	tiha ona	dose. ¹⁵
subj.	verbo	marcador	compl.
Jean	comer	[+pass]	doce.
<i>Port. Jean comeu o doce.</i>			

Nota-se que a partícula (chamada “marcador” na gramática do tétum-praça) *tiha ona* significa que a ação descrita pelo verbo está no passado (e também de perfectividade). Vale dizer que *tiha ona* não tem significado independente do significado do verbo.

Outro exemplo de sentença em tétum-praça, no passado, seria:

Jean	uluk	han	dose.
subj.	advérbio	verbo	compl.
Jean	+pass	comer	doce.
<i>Port. Jean comia doce.</i>			

Pode-se observar, neste exemplo, que a partícula “uluk” dá a marcação de passado (mas também de imperfectividade). “Uluk” também não tem significado independente do significado do verbo.

Importante destacar que o marcador “ona” e o advérbio “uluk” parecem codificar tanto a categoria tempo quanto a de aspecto, tal como um morfema, em português que designaria, em *-va-* de “andava”, tempo pretérito e aspecto imperfectivo, além de modo indicativo.

Comparando os dois exemplos em que temos a expressão do tempo passado, verificamos que “tiha ona” é localizado à direita do verbo e “uluk” à esquerda do verbo. Conforme delineado, “tiha ona”, além de passado, indica perfectividade, e “uluk” denota passado, bem como imperfectividade.

Ainda em tétum-praça, temos a seguinte sentença com o verbo flexional no presente:

Jean	han	Ø	dose.
subj.	verbo	flexão	compl.
Jean	comer	[-pass]	doce.
<i>Port. Jean come o doce.</i>			

¹⁵ Na Língua Tétum-praça não há artigos definidos e indefinidos.

Pode-se observar que, neste caso, não há presença de marcador expressando o tempo presente, mas poderíamos ter um marcador em sentenças que são compreendidas com a caracterização de tempo no presente, conforme apresentamos a seguir:

Jean han daudaun dose.
suj. verbo marcador compl.
Jean comer agora doce.
<i>Port. Jean está comendo doce.</i>

Pode-se observar, neste exemplo, que a sentença está no tempo presente e que “daudaun” dá a noção de progressão, continuidade, desenvolvimento do processo. Outro exemplo com “daudaun” é apresentado a seguir:

Daudaun	ami	haree	nonton	iha	uma.
+advérbio	pron.	verbo	subst.	prep.	subst.
Neste momento	nós	ver	filme	em	casa.
<i>Port. Neste momento estamos assistindo filme em casa.</i>					

Desses exemplos com sentenças com tempo presente, verificamos que, em uma delas, não há nenhum marcador e nenhum advérbio. Nos dois últimos exemplos, temos “daudaun”, ora localizado à direita do verbo, ora localizado à esquerda. Além disso, a noção expressa com “daudaun”, nas duas sentenças, é aspectual. Mas chamamos atenção para o fato de a sentença ter uma leitura de tempo no presente.

O tempo futuro nesta língua pode ser exemplificado da seguinte forma:

Jean sei han dose.
suj. marcador verbo compl.
Jean [+futuro] comer doce.
<i>Port. Jean comerá o doce.</i>

Esse exemplo foi criado pelo autor desta dissertação e a tradução de “sei” é feita como sendo marcador de futuro. Vale ressaltar, que tal marcador localiza-se à esquerda do verbo.

A seguir, apresentamos dois exemplos retirados de Costa (2015, p. 76):

Hau	sei	sosa	kamiza	ida.
pron.	+fut.	verbo	subst.	num.
Eu		comprar	camisa	um
<i>Port. Tenho de comprar uma camisa.</i>				

Ita	sei	tulun	nia,	tan	nia	susar.
pron.	+fut	verbo	pron.	conj.	pron.	verbo
Nós		ajudar	ele	porque	ele	precisar
<i>Port. Devíamos ajudá-lo, porque ele precisa.</i>						

Nota-se, no texto de onde foram retirados os exemplos, que o autor diz que tal marcador é aspectual. Entretanto, fazemos duas observações, quais sejam: (i) a noção temporal expressa nas duas sentenças é de futuro; (ii) e, antes de haver uma codificação de aspecto, temos uma denotação de modalidade de necessidade ou obrigatoriedade (no primeiro exemplo dado pelo autor) e de probabilidade ou dever (no segundo exemplo dado pelo mesmo autor). Essas são inclusive palavras de Costa (2015). Tais noções, em nosso ponto de vista, não são aspectuais. Nota-se, portanto, uma abordagem em que se mesclam noções distintas.

As poucas gramáticas em tétum-praça nos falam que não há marcador de tempo nessa língua. Hull e Eccles (2001, p. 120-121), por exemplo, dizem o tempo verbal não é marcado de forma explícita, conforme o excerto a seguir:

Se o tempo verbal é tomado como indicação de um determinado tempo em relação ao presente, devemos concluir que o tempo não é marcado de forma explícita no verbo tétum. Mesmo o marcador **sei**, que pode ser considerado como indicador do “futuro”, não indica necessariamente um tempo mais tardio do que o presente. O futuro, neste caso, pode significar futuro em relação a um acontecimento passado (ia...) e, assim, pode indicar um processo que já pertence ao passado.

Conseqüentemente, consideraremos os marcadores verbais como marcadores de modo e aspecto, mas não de tempo.

Não existe uma clara demarcação em relação ao modo e aspecto (nem, como já vimos, em relação ao tempo). Talvez haja uma certa arbitrariedade ao estudar certos tópicos neste capítulo em vez de noutro qualquer. No entanto, sentimos que estes “marcadores verbais” pertencem a este capítulo em vez de, por exemplo, ao dos adverbiais, já que, ao invés destes, os “marcadores verbais” estão fortemente restritos na sua posição em relação ao verbo. (HULL & ECCLES, 2001, p. 120-121)

Verificamos, neste excerto, uma tomada de decisão por parte dos autores, indicando que os marcadores que apontamos como expressando tempo (e provavelmente outras noções) são marcadores aspectuais. Mas constatamos também nessa tomada de posição uma certa hesitação, em que se percebe uma

contradição, como em “Se o tempo verbal é tomado como indicação de um determinado tempo em relação ao presente, devemos concluir que o tempo não é marcado de forma explícita no verbo tétum” e em outras partes.

Vejamos outra obra. Como afirma COSTA (2015)

Em tétum, os verbos são palavras invariáveis, isto é, não flexionadas. Todas as formas verbais são reduzidas ao infinitivo e servem para designar o presente, o pretérito e o futuro, bem como os modos e as diferentes pessoas e números. As marcas de pessoa, número, tempo e aspecto são expressas através de palavras que ocorrem na frase. (p. 67)

Pode-se dizer que se realizam através de composição como: o presente faz-se com verbo ou advérbio do tempo presente; o pretérito, com o verbo mais o marcador *ona* ou verbo mais advérbio do tempo passado (nesse último caso, pode-se dispensar o uso do marcador *ona*); o futuro marca-se com o *sei* mais o verbo ou advérbio do tempo passado mais verbo, com ou sem o marcador *sei*; e, na composição de *uluk* mais verbo, pode entender-se como imperfeito.

A despeito de tais divergências, a ideia, até o momento, era de demonstrar como a noção de tempo ocorre em tétum-praça. Entretanto, vimos que noções aspectuais (além de modalidade, conforme verificamos nos dois últimos exemplos) estão implicadas na discussão.

O quadro seguinte representa esquematicamente o que foi apresentado até este momento:

Quadro 10 – Noção de Tempo em Tétum-praça

Tempo pretérito perfeito	SV <i>ona</i> O	Hau han ona batar. 1sg verbo flexão compl. Eu comer +pass milho <i>Port. Eu comi milho.</i>
Tempo pretérito imperfeito	S <i>uluk</i> VO	Hau uluk han batar. 1sg flexão verbo compl. Eu antes comer milho <i>Port. Eu antes comia milho.</i>
Tempo presente	SVO	Hau han batar. 1sg verbo compl. Eu comer milho. <i>Port. Eu como milho</i>
Tempo futuro	S <i>sei</i> VO	Hau sei han batar. 1sg flexão verbo compl. Eu +fut comer milho <i>Port. Eu comerei milho.</i>

Fonte: Descrição inspirada em Hull e Eccles (2001) e Costa (2015).

Enfim, esta foi uma abordagem que realizamos a respeito da noção de tempo em tétum-praça. A seguir, vamos expor a categoria aspectual na língua em questão.

Vejamos o seguinte quadro dos marcadores verbais com suas respectivas funções apontadas por HULL e ECCLES (2001, p. 121). Conforme já dito nesta dissertação, os marcadores ou advérbios em tétum-praça denotam tanto noções de modo e de aspecto, quanto de tempo. O que vem a seguir demonstra as noções aspectuais:

Quadro 11 - Marcadores Verbais em Tétum-praça

Marcador	Posição	Função	Exemplo¹⁶
<i>Tiha</i>	após o verbo	Perfectiva: indica que o processo verbal está completo.	Hau hemu tiha be. [PRON.] [VERBO] [marc] [SUBST.] <i>Eu bebo água.</i>
<i>Ona</i>	após o verbo	Inceptiva: indica que começou um processo ou que surgiu uma situação.	Halo ona! [Fazer- INF.] [+pass] <i>Faça isso já!</i>
<i>Daudaun</i>	após o verbo	Gressiva: indica que o processo verbal está a decorrer.	Ema boot sira vizita [Autoridade +PL] [visitar – INF.] eskola foun nebe [escola] [nova] [que] halo daudaun iha Contagem. [fazer – INF. + Gerúndio] [em] [Contagem] <i>Autoridades visitaram escola nova que estava sendo construída em Contagem.</i>
<i>Hela</i>	após o verbo	Estativa: indica que o processo verbal está a decorrer ou atingiu um estado de repouso.	Jean hein hela Ronan. [Jean] [esperar – INF. +Gerúndio] [Ronan] <i>Jean está esperando Ronan.</i>
<i>Foin</i>	antes do verbo	Recentiva: indica que o processo verbal acaba de decorrer.	Bel foin bá. [Bel] [acabar – INF.] [sair – INF.] <i>Bel acaba de sair.</i>
<i>Sei</i>	antes do verbo	Prospectiva: indica que ainda não foi atingido o ponto final do processo.	Se hau seidauk han, hau sei sedu, sira sei hein hau. [se] [PRON] [ainda] [comer – INF], [PRON] [+FUT Advérbio], [+PL] [+FUT – esperar – INF] [PRON] <i>Se eu ainda não tivesse comido, e ainda fosse cedo, eles tinham me esperado.</i>
<i>Atu</i>	antes do verbo	Iminentiva: indica um processo verbal iminente ou a intenção de levar a cabo o processo verbal.	Fábio atu sa'e ba festa. [Fábio] [+PRES sair- INF] [para festa] <i>Fábio está quase saindo para festa.</i>
<i>Ba</i>	antes do verbo	Aproximativa: indica proximidade física ou temporal do processo verbal.	Cristiane ba tama hodi bolu nia. [Cristiane] [ir – INF] [entrar-INF] [para] [chamar-INF] [Ele - PRON.] <i>Cristiane vai entrar para chamá-lo.</i>

Fonte: Extraído de Hull & Eccles (2001, p. 121) e exemplificado pelo autor desta dissertação.

¹⁶ Os exemplos foram elaborados segundo funções apontadas pelos autores HULL e ECCLES (2001, p. 121).

A seguir, apresentamos, de forma mais detalhada, cada noção exposta no quadro anterior:

4.1.1 Marcadores verbais

4.1.1.1 Marcador perfectivo *tiha*

A marca *tiha* acompanha o verbo, exercendo a função no processo verbal como tendo sido completado num ponto determinado, ou seja, algo aconteceu e depois terminou. Por exemplo, “*Hau hemu sumo ida*”, *Hau (Eu) hemu (beber – INF.) sumo (suco) ida (um-numeral)*, o verbo “beber” na frase “*Eu bebi um suco*” representa um processo perfectivo: a ação teve lugar e finalizou. Já em outra frase, “*Eu bebia um suco todos os dias*”, o verbo representa um processo repetitivo e, portanto, não perfectivo. Do mesmo modo, na frase “*Eu estava bebendo suco*”, “*bebendo*” representa um processo contínuo, sendo também não perfectivo.

Conforme nos dizem HULL e ECCLES (2001, p. 122), “a ação do verbo perfectivo completa-se muitas vezes no passado, mas também pode realizar-se no presente ou no futuro”.

Nas frases que se seguem, *tiha* marca a realização de uma ação acabada no passado.

<p>Presidente ba tiha Ataúro. SUJ. VERBO FLEXÃO COMPL. [Presidente] [ir (INF.)+PAS] [Ataúro]. O presidente foi a Ataúro.</p>

<p>Labarik sira kaer tiha asu ida. SUJ. VERBO COMPL. [Criança +PL] [pegar (INF) +PAS] [cão NUM] As crianças pegaram um cachorro.</p>

O marcador *tiha* pode ser substituído ocasionalmente por *netik*, cuja função semântica, de acordo com Hull e Eccles (2001), é expressar a obstrução de uma ação, ou até mesmo minimizar uma atividade, com o objetivo, muitas vezes, de expressar uma atitude que se relaciona à humildade ou ainda à descrição de magnanimidade de um superior. Vejamos os exemplos a seguir:

PNTL hatau netik ema sira atu tama.
 SUJ VERBO COMPLEMENTO
 [PNTL] [impedir (INF) +PAS] [pessoa +PL] [+FUT entrar (INF)]
A Polícia Nacional de Timor-Leste impediu que as pessoas entrassem.

3.4.1.2 Ação não acabada no passado

A seguir serão listados alguns exemplos capazes de demonstrar, como nos dizem HULL e ECCLES (2001, p. 122), “que o equivalente de um verbo marcado *tiha*¹⁷ não é necessariamente um pretérito perfeito simples”. A sua realização também pode se dar no futuro. Vejamos alguns exemplos que foram extraídos da Gramática da Língua Tétum dos autores HULL e ECCLES (2001, p. 123):

Janela ne'e fo'er; tenke hamoos tiha.
 [Janela] [PRON.] [suja]; [V.L. VERBO +FUT.]
 Port. *Esta janela está suja; é preciso limpá-la.*

Imi bele hasai tiha fatuk boot ne'e?
 [PRON. 2ª PL.] [poder – INF.] [remover – INF.] [+FUT] [pedra] [grande] [PRON.]
 Port. *Podeis remover esta grande pedra?*

Uma sira ne'e sei sunu tiha.
 [casa +PL] [PRON. DEMONS.] [+FUT] [fogo] [+PARTICÍPIO]
 Port. *Estas casas serão incendiadas.*

De forma a resumir nossa discussão sobre os usos do *tiha* apresentamos o quadro a seguir com base em Costa (2015); Hull e Eccles (2001):

¹⁷ Não será abordada, neste texto, a omissão dos pronomes após *tiha* e sua marca em uma ação de fundo descrita por Hull e Eccles (2001) em sua gramática do tétum.

Quadro 12 - Os usos do marcador *tiha*

Verbo + TIHA (ona) → forma o passado em fim de oração

TIHA + ONA → reforça o aspecto do perfeito do tempo pretérito
ONA + TIHA

TIHA + Modo → ordem ou desejo

Fonte: COSTA (2015)

Quadro 13 - Os usos do marcador *tiha*

Verbo + TIHA → perfectivo

Verbo+ TIHA → pode indicar o processo do verbo que marca o fim antes do início do processo do verbo da oração seguinte.

Exemplo: Prenxe tiha formuláriu, haú fó kedas ba sekretária. (Tendo preenchido o formulário, dei-o imediatamente à secretária).

Pode ser substituído por *bainhira* (que significa “quando”):

Exemplo: Bainhira ita boot mai iha nee? (Quando o senhor vem aqui)

TIHA → não é necessariamente um pretérito perfeito simples. A realização pode se dar no futuro: *Halai tiha hosi ne'e!* (Foge daqui!) Em nossa opinião, o TIHA, neste caso, atua como partícula de imperativo.

Fonte: HULL e ECCLES (2001, p. 123- 124)

4.1.1.2 Marcador inceptivo *ona*

A marca *ona* é colocada posposta ao verbo e dá início a uma nova situação. Ele pode indicar, conforme nos dizem Hull e Eccles (2001), que uma ação está começando ou já começou, também pode demonstrar que uma nova situação resulta de uma ação, ou até mesmo que uma nova situação, enfatizada por um adjetivo, acabou de surgir.

De acordo com Hull e Eccles (2001), o marcador *ona* pode ser o equivalente de **agora começa a** e pode até ser associado a **hahú começar**. Vejamos alguns exemplos:

Hafoin sira na'in-rua hahú ona kuda batar.

[então] [+PL dois] [+PASS] [plantar – INF]

Port. Então os dois começaram a plantar milho.

4.1.1.3 Marcador gressivo *daudaun*

Daudaun (ou *daudauk*) pode ocorrer como palavra independente ou como marcador posposto ao verbo. De acordo com Hull e Eccles (2001), como palavra independente, significa “atualmente”, “neste preciso momento” ou “hoje em dia”. No seu uso diário, no entanto, aparece como marcador pós-verbal de aspecto, funcionando assim como indicador de que a ação verbal está acontecendo.

4.1.1.4 *Daudaun* como marcador verbal

Daudaun, empregado como marca verbal, não especifica o tempo, apenas o fato de que a ação estava acontecendo.

Prezidenti vizita Hospital foun nebe halo daudaun iha Belo Horizonte.
 [Presidente] [visitar-INF] [hospital] [novo] [que] [fazer-INF +Gerúndio] [em Belo Horizonte]
 Port. Presidente visita novo hospital que estavam construindo em Belo Horizonte.

De forma a resumir nossa discussão sobre os usos do *dadauk*, *dadaun*, apresentamos o quadro a seguir com base em Hull e Eccles (2001, p. 128-129):

Quadro 16 - Os usos do *dadauk*, *dadaun*

O autor não afirma, mas este marcador pode ocorrer após o verbo, como

Verbo + DADAUK → ideia de continuidade, equivale ao gerúndio

Verbo + DADAUN

Se o sentido se completa na oração seguinte, equivale ao pretérito Imperfeito

Fonte: Hull e Eccles (2001, p. 128-129)

4.1.1.5 Marcador estativo *hela*

Segundo HULL e ECCLES (2001, p. 129), “*hela* tem duas funções diferentes, mas relacionadas: (1) verbo independente; (2) marcador de aspecto pós-verbal.” Como verbo independente, significa ficar, permanecer ou morar. Já como marca de aspecto pós-verbal, indica que o processo verbal está num estado de

inércia ou acaba de atingi-lo. Origina, obviamente, de ficar. É possível utilizar *hela* no lugar de *daudaun* para exprimir uma ação que está acontecendo.

Vejamos alguns exemplos:

Quadro 17 – Os usos de hela

<p>Keta hela iha nee tamba iha perigu boot. adv. (Não) ficar aqui porque é perigo +intens. <i>port. Não fique aqui porque é muito perigoso.</i></p>	Sentido de ficar.
<p>Emá nain hira mak hela? pessoa quantos + pass permanecer <i>port. Quantas pessoas permaneceram?</i></p>	Sentido de permanecer.
<p>Kareta para hela iha liur. carro parado prep. Adv. de lugar <i>port. O carro está estacionado lá fora.</i></p> <p>Emá hakfodak ho ibun nakloke hela. Pessoa surpresa com boca aberta parado <i>port. As pessoas estavam boquiabertas de surpresa.</i></p>	Estado de inércia ou acaba de atingi-lo.
<p>Ami mós sei buka hela osan-mean. pron. também +contínuo +INF (procurar) ouro <i>port. Nós também ainda estamos procurando ouro.</i></p>	Uso de <i>hela</i> como substituto de <i>daudaun</i> para exprimir uma ação que está acontecendo.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das discussões de Hull e Eccles (2001)

De forma a resumir nossa discussão sobre os usos do *hela*, apresentamos o quadro a seguir com base em Costa (2015, p. 73) e Hull e Eccles (2001):

Quadro 18 - Usos do hela ou lerek

<p>Hela ou Lerek (atuando como auxiliar) + Verbo Principal → pode atribuir aspecto durativo ao verbo principal. Hela (como intransitivo) → ideia de residir, viver em.</p>
--

Fonte: COSTA (2015, p. 73) e Hull e Eccles (2001).

4.1.1.6 Marcador recentivo foin

Quando foin é utilizado como marcador verbal, a marca deve anteceder o verbo e indica uma ação que acaba de ocorrer. Seu sentido equivale a *acabar de* ou *agora mesmo*. Vejamos exemplo extraído de Hull e Eccles (2001, p. 132):

Hau	foin	simu	ita-nia	carta.
[Eu-PRON]	[+PAS	receber-INF]	[sua - PRON. POS]	[carta]
<i>Port. Eu recebi agora mesmo a sua carta.</i>				

4.1.1.7 Marcador prospectivo *sei*

Segundo HULL e ECCLES (2001, p. 133):

Sei, que precede imediatamente um verbo, funciona de dois modos para modificar o processo verbal: (1) pode indicar que o processo, tendo começado, não está acabado, e é deste modo equivalente a *ainda*; (2) pode indicar que o processo ainda está por começar e por acabar, referindo-se assim ao futuro. Em qualquer dos casos, indica que a conclusão do processo ainda não foi atingida, e nós chamaremos a este marcador “prospectivo”. HULL e ECCLES (2001, p. 133)

Terá sua função *prospectiva durativa* quando marcar um processo já iniciado (*ainda*) e *prospectiva futura* quando tratar de um processo que ainda não começou. Vejamos um exemplo extraído de HULL e ECCLES (2001, p. 133):

Se hau seidak kaben, hau sei klosan, sira sei fó osan ba hau atu kaben.
--

<i>Se eu ainda não fosse casado, e ainda fosse solteiro, eles me dariam dinheiro para casar.</i>
--

No exemplo anterior, extraído da Gramática da Língua Tétum dos autores em estudo, ambas as funções podem ser vistas. Na primeira significa “ainda” e, na segunda, indica “uma possível ação futura”.

De forma a resumir nossa discussão sobre os usos do *sei* apresentamos o quadro a seguir com base em Costa (2015) e Hull e Eccles (2001):

Quadro 19 - Os usos do marcador *sei*

SEI + verbo → Futuro

SEI + Verbo Intransitivo → ação que se prolonga no tempo presente

SEI + DAUK → expressão negativa e presente contínuo

DAUN

SEI + Verbo → ideia de um evento que já foi iniciado. É chamado de prospectivo durativo.

SEI + Verbo → ideia de um processo que ainda não foi atingido o seu fim. É Chamado de Prospectivo futuro.

SEI + Verbo + Nafatin (muitas vezes, o SEI é completado com o advérbio nafatin, indicando ideia de aspecto prospectivo durativo).

Fonte: COSTA (2015, p. 72) e Hull e Eccles (2001, p. 133 e 134).

Devemos dizer que, em uma expressão como a última que apresentamos para SEI, a tradução, para nós, não é determinada efetivamente pelo tempo presente contínuo, como propõe COSTA. Ou seja, para uma sentença como “*Hau seidak mai*” (Eu ainda não vim), a ideia não é de presente. Conseguimos fazer a tradução usando tempo pretérito, passado em português.

A intuição do autor parece-nos mais plausível em COSTA (2000), em que ele propõe que *dauk* e *daun* são palavras adverbiais que são usadas com a partícula SEI, indicando “o tempo futuro negativo” (ou seja, qualquer coisa que ainda não aconteceu).

4.1.1.8 Marcador *iminentivo atu*

A marca *atu* é colocada antes do verbo principal e indica que um processo verbal está iminente ou que é inevitável (quase a, a ponto de, prestes a).

Arabie atu sa’e aviaun ba São Paulo.

Arabie está quase embarcando no avião para São Paulo.

4.1.1.9 Marcador aproximativo *ba*

Assemelha-se, no que diz respeito à função, ao marcador *atu*, mas possui menos sentido de inevitabilidade ou urgência. Pode marcar um verbo principal ou um verbo subordinado a outro. Conforme Hull e Eccles (2001), sugere-se, pelo menos anteposto ao verbo principal, certa proximidade física.

<p>Asu siak nee ba tatá Alane! [cão feroz] [aquele] [ir-INF] [morder-INF] [Alane] <i>port. Aquele cão feroz vai morder a Alane!</i></p>

É possível haver combinações entre os marcadores descritos anteriormente, mas não nos ateremos a essa análise.

A seguir, apresentaremos uma abordagem sobre advérbios, os quais têm um papel importante dentro do arcabouço da teoria gerativa e na designação de tempo e de aspecto em *tétum-praça*.

5 ADVÉRBIOS

Neste capítulo serão apresentados alguns pontos importantes no estudo sobre advérbio. Traremos aqui uma abordagem à luz da teoria gerativa e discutiremos o papel do advérbio ora como especificador de um sintagma (de acordo com Cinque, 1999), ora como adjunto, proposto por Rocha & Lopes (2015).

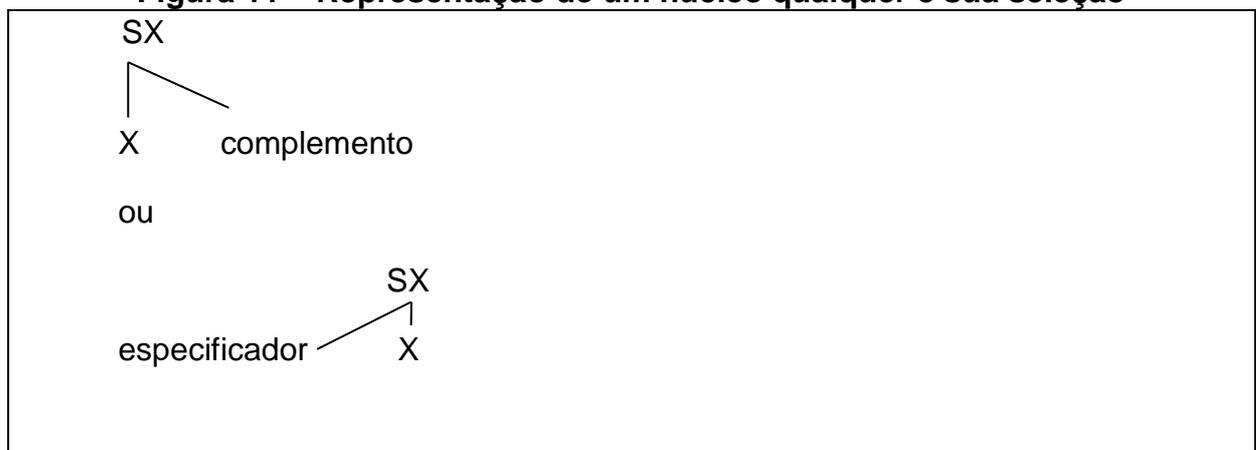
5.1 Advérbios em posição de especificador

Para entendermos as concepções de localização do advérbio na sentença, dentro do arcabouço da teoria gerativa, primeiramente, vamos à noção de teoria X-Barra, já delineada no capítulo 2.

De acordo com Kenedy (2013), há a afirmação de que a lógica das representações arbóreas foi primeiramente formulada por Chomsky, em 1970, e depois expandida por Jackendoff, em 1977. Ela é conhecida como *teoria X-barra*. Conforme traz o autor, esse modelo de representação arbórea é capaz de dar conta de todos os tipos de relação sintática.

A representação a seguir foi reproduzida a partir de Kenedy (2013, p. 196) e permite visualizar um núcleo qualquer, representado pela letra X. Convém destacar, que o X pode representar qualquer tipo de núcleo.

Figura 11 – Representação de um núcleo qualquer e sua seleção



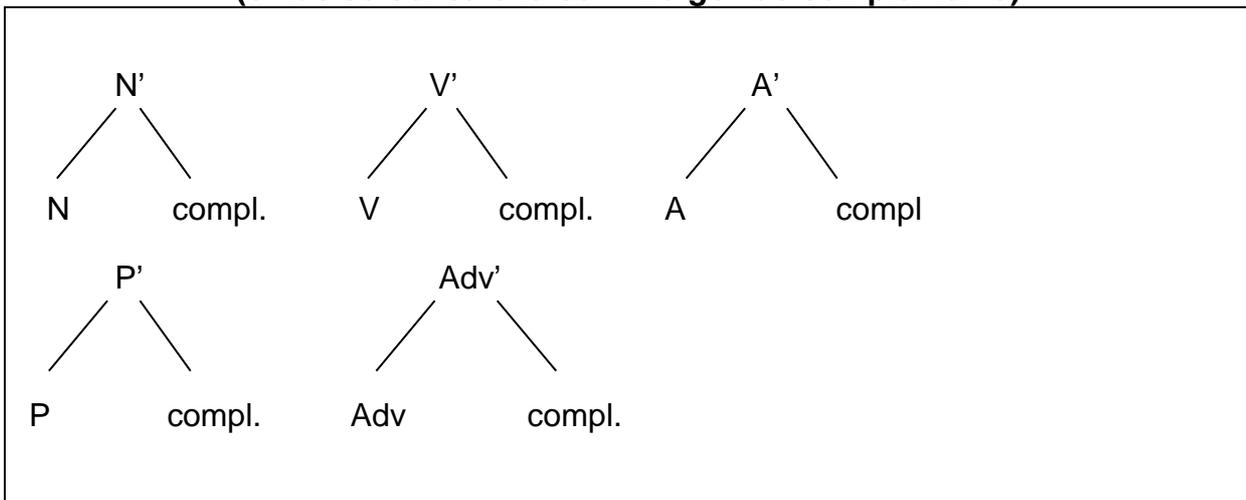
Fonte: Kenedy (2013, p. 196)

Kenedy (2013) nos mostra que um núcleo qualquer é representado por X e sua seleção ora pode ser argumento interno (complemento), ora argumento externo

(especificador). Um núcleo qualquer (X) será concatenado com um constituinte à direita, se este for seu argumento interno, ou será concatenado à esquerda se este for seu argumento externo. Quando ocorrer tanto argumento interno, quanto externo, duplica-se a representação do núcleo lexical numa nova projeção. Essa projeção é chamada de intermediária e é apontada pela replicação da categoria do núcleo e pela utilização de uma barra logo ao lado do núcleo. Daí a razão por chamar a estrutura de *X-barra* ou *X'*.

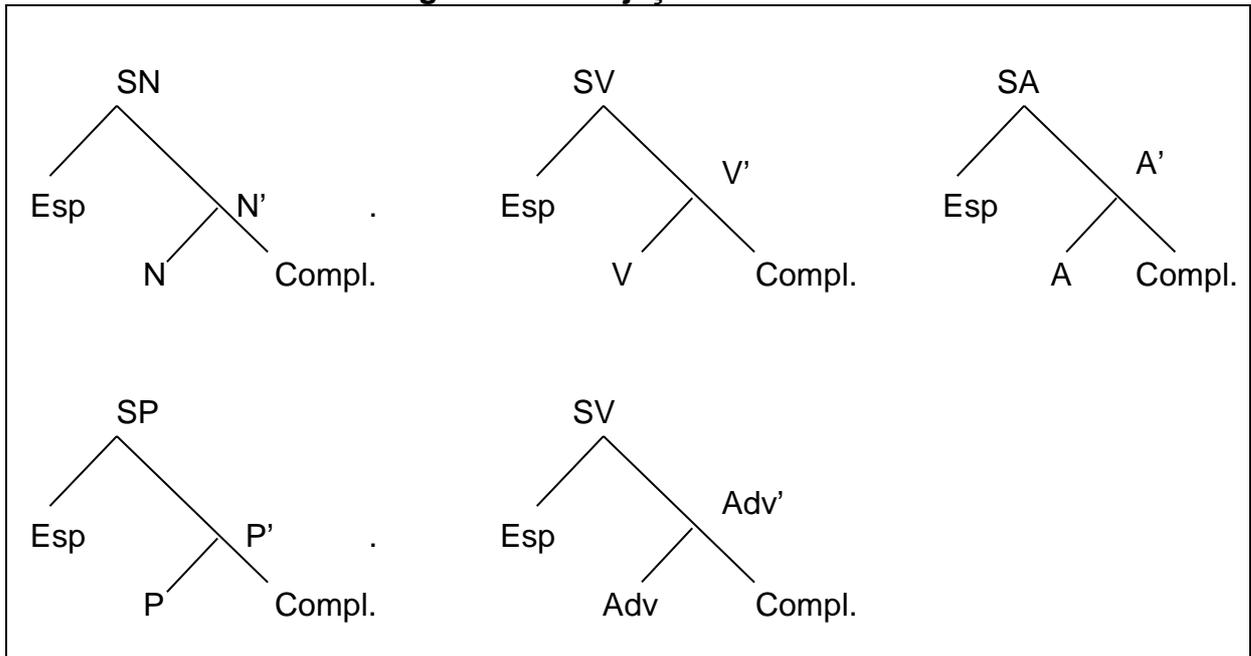
Sabe-se que a composição da estrutura oracional faz-se basicamente das categorias lexical e funcional. Na teoria *X-barra*, essas categorias se organizam internamente da seguinte forma: a Categoria Lexical (CL) possui informação semântica e tem como núcleo um item lexical [nome (N), verbo (V), adjetivo (A), preposição (P) ou advérbio (Adv)]:

**Figura 12 - Representação de estruturas intermediárias
(o núcleo concatena-se – merge - ao complemento)**



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de discussões de Kenedy (2013)

Quando a projeção intermediária se concatena ao argumento externo, o qual está na posição de especificador, há a projeção máxima.

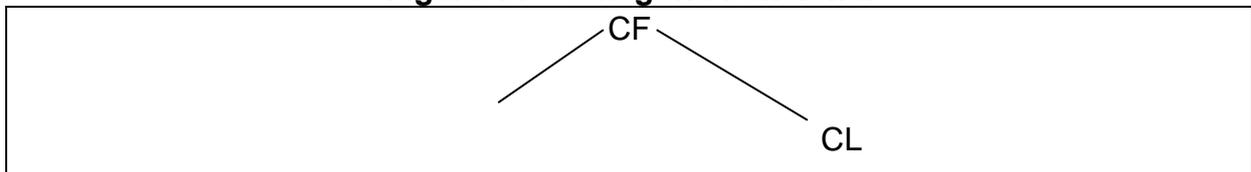
Figura 13 – Projeções máximas

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de discussões de Kenedy (2013)

A representação arbórea formaliza os diferentes processos configuracionais que permitem a relação gramatical entre os constituintes. De acordo com Mito (2004), “o que há de interessante na teoria X-barra é justamente a possibilidade de captar a relação sintática entre os elementos que compõem um constituinte”.

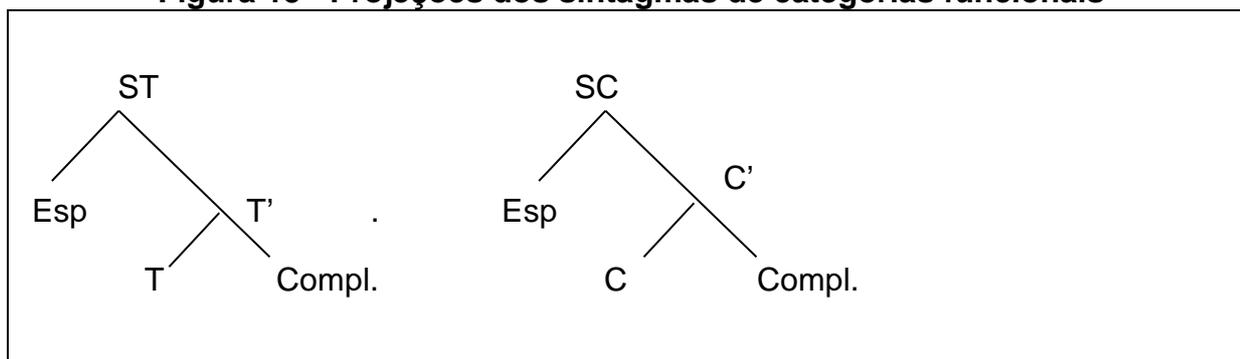
Sabemos que a categoria funcional (CF) possui informação gramatical, sendo também responsável pelas relações morfossintáticas responsáveis pela gramaticalidade de uma sentença.

Chomsky (1986) propôs uma CF que suporta a informação de Tempo e Concordância com representação logo acima da categoria lexical (CL):

Figura 14 – Categoria Funcional

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados extraídos de Chomsky (1986)

Conforme já dito, as categorias funcionais projetariam sintagmas. Assim sendo, teríamos um sintagma de tempo (ST) ou sintagma de flexão (SF), e acima deste projetar-se-ia um sintagma complementizador (SC).

Figura 15 - Projeções dos sintagmas de categorias funcionais

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de discussões de Kenedy (2013)

Aproximando tais noções do tema de nosso trabalho, que é o de compreender as categorias tempo e aspecto em tétum-praça, e isso, como já apontamos, é determinado por marcadores e advérbios, apresentemos a abordagem de Cinque (1999) para os advérbios nas diversas línguas naturais.

A hipótese que adota a noção de advérbio na posição de especificador é feita por Cinque (1999). De acordo com a Hipótese do Especificador (HE), cada advérbio ocuparia, na sintaxe, uma posição de especificador estabelecida como consequência do ordenamento rígido de núcleos funcionais.

Conforme essa visão, a estrutura sentencial é rígida e a aparente mobilidade dos advérbios na superfície da sentença é o resultado de operações sintáticas que podem incidir sobre a estrutura subjacente da sentença. De acordo com Cinque (1999), operadores avaliativos, evidenciais e epistêmicos, de um modo geral, estariam acima, na árvore sintática de advérbios de tempo e aspecto, por exemplo. A ideia é que os advérbios ocupem posições mais rígidas em um dado especificador e esse AdvP corresponda semanticamente ao núcleo funcional daquela projeção.

O posicionamento do AdvP em Spec é explicado em razão da checagem de traços entre o AdvP e o núcleo de mesma natureza, dominados pela mesma projeção máxima. Os advérbios seriam licenciados em relações do tipo *spec/head agreement*, em uma ordenação rígida, definida pela GU.

No modelo de Cinque (1999), a proposta é que sintagmas adverbiais se relacionem a núcleos funcionais, integrando projeções máximas, obtendo-se aproximadamente 32 projeções. Em substituição aos tradicionais sintagmas de tempo (TP) e sintagma de concordância (AgrP), Cinque (1999) propõe inúmeras categoriais funcionais, relacionadas a modo, modalidade, tempo e muitas noções aspectuais. Essas distinções foram propostas a partir da observação da posição de

advérbios e núcleos em diversas línguas (cf. Cinque 1999, anexo 2) e seriam codificadas nas gramáticas particulares quer via sintagmas adverbiais que estariam na posição de especificador, quer via sufixos no verbo principal, auxiliares, partículas, morfemas aglutinados, etc.

A seguir reproduzimos a escala apresentada em Cinque (1999, p. 106), modificada em Cinque (2006):

Figura 16 - A Hierarquia Universal das Projeções Funcionais

[*francamente* **Modo**_{ato de fala}] [*felizmente* **Modo**_{avaliativo}] [*evidentemente* **Modo**_{evidencial}]
 [*provavelmente* **Modalização**_{epistêmica}] [*uma vez* **T (Passado)**] [*então* **T (Futuro)**] [*talvez*
Modo_{irrealis}] [*necessariamente* **Modalização**_{necessidade}] [*possivelmente* **Modalização**
 possibilidade] [*normalmente/geralmente* **Asp**_{habitual}] [*novamente* **Asp**_{repetitivo(I)}]
 [*frequentemente* **Asp**_{frequentativo}] [*intencionalmente* **Modalização**_{volitiva}] [*rapidamente*
Asp_{celerativo}] [*já* **T (Anterior)**] [*não mais* **Asp**_{terminativo}] [*ainda* **Asp**_{continuativo}] [*sempre*
Asp_{perfectivo(?)}] [*só* **Asp**_{retrospectivo}] [*brevemente* **Asp**_{proximativo}] [*brevemente* **Asp**_{durativo}]
 [*caracteristicamente(?)* **Asp**_{genérico/progressivo}] [*completamente* **Asp**_{completivo(I)}] [*tudo*
Asp_{completivo}] [*bem* **Voz**] [*rápido/cedo* **Asp**_{celerativo(II)}] [*de novo* **Asp**_{repetitivo(II)}]
 [*frequentemente* **Asp**_{frequentativo(II)}] [*completamente* **Asp**_{completivo(II)}]

Fonte: Cinque (1999, p. 106, tradução nossa)

Cinque (2002) argumenta a favor da hipótese de que os advérbios pertençam à camada flexional da sentença apresentando algumas evidências, quais sejam: (i) entre as várias línguas naturais, o número e o tipo de diferentes classes de advérbios e suas ordens relativas parecem ser exatamente o número, o tipo e a ordem relativa dos morfemas; (ii) nas línguas de sinais, a informação lexical transmitida pelos verbos e constituintes nominais é expressa manualmente. O autor considera pertinente a coincidência de que, tanto na Língua de Sinais Americano como Italiano, o advérbio apresenta ou uma marcação manual ou outra não manual, assim como as outras informações funcionais de Negação, Concordância, Aspecto etc.; (iii) por fim, esta última evidência trata do estudo de aquisição da linguagem. Cinque cita o trabalho de Schlyter (2001) em que o estudo longitudinal em um grupo de crianças bilíngues conclui que, em estágios iniciais, somente há evidências de

advérbios baixos como os aspectuais. Somente em estágios mais tardios aparecem advérbios especificando categorias funcionais mais altas, como os de tempo e modalidade. Cinque considera que tais resultados advogam a favor da hipótese do advérbio na aquisição da linguagem está associada à emergência dos núcleos funcionais a que eles pertencem.

5.2 Advérbios como adjunção

A seguir apresentaremos uma abordagem de advérbios, de acordo com Rocha e Lopes (2015). Para as autoras, os advérbios seriam adjuntos, os quais expandiriam “uma categoria por meio de acréscimo de expressões não projetadas pelo predicador”. Nas palavras das autoras adjunção corresponde a um processo sintático que agregaria um elemento a uma categoria já existente, expandindo-a. Vale dizer que os adjuntos não modificam a categoria do elemento a que se junta, o que eles fazem é acrescentar camadas hierárquicas.

As autoras apresentam adjuntos de diversas naturezas, dentre eles, os de tempo e aspecto. Rocha e Lopes (2015, p. 160) indicam que “é lícito que adjuntos é que selecionam os elementos aos quais vão se unir.” e apresentam os seguintes exemplos:

- (24) a. Ontem João chorou.
b. *Ontem João chorou hoje.
c. *Ontem João vai chorar.
- (25) a. Maria já trouxe o presente.
b. Maria sempre traz algum presente.
c. *Maria já sempre trouxe o presente.

Voltemos aos advérbios do exemplo 24 em que “ontem” e “hoje” são advérbios temporais: no caso de (24a), há uma correspondência temporal expressa pela flexão verbal e pelo adjunto. Ou seja, o verbo “chorou” se relaciona perfeitamente pelo advérbio ontem também de passado. Entretanto, em (24b), há uma disparidade, pois há dois advérbios de natureza adverbiais distintas e, em (24c), não há correspondência entre o tempo futuro expresso em “vai chorar” e o

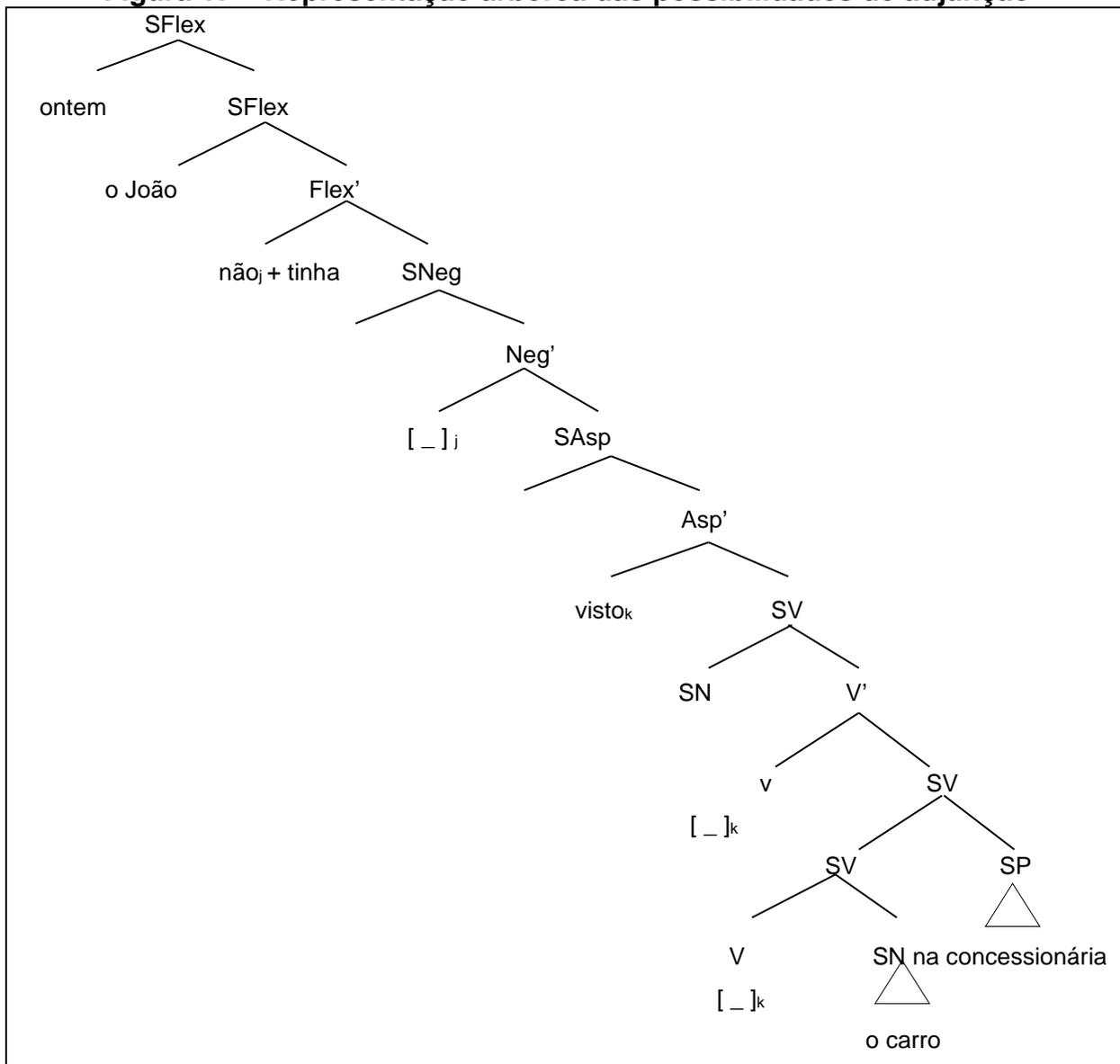
advérbio de passado “ontem”. Em (25a) e (25b), há relação entre os advérbios aspectuais “já” e “sempre” e seus respectivos verbos que ocorrem nas sentenças citadas. O mesmo não ocorre em (25c).

O que se pode concluir usando as palavras de Rocha e Lopes:

“os advérbios são bastante restritivos em relação a que pontos da estrutura sentencial vão se unir. Também são restritivos em relação a coocorrer com outros advérbios da mesma classe, como vimos em (24b) e (25c). Esse tipo de feito tem a ver com o escopo do advérbio. Informalmente, podemos definir escopo como o alcance de modificação que um determinado elemento tem na sentença.” (2015, p. 16)

As autoras propõem a seguinte árvore para acomodar os nódulos de tempo e aspecto e seus respectivos advérbios:

Figura 17 – Representação arbórea das possibilidades de adjunção



Fonte: Rocha e Lopes (2015, p. 184)

A seguir, traremos uma abordagem sobre os advérbios em língua tétum-praça, já que parece serem eles os maiores responsáveis pela marcação de tempo e aspecto na língua ora estudada.

5.3 Advérbios na língua tétum-praça

Para tratar do advérbio nesta seção, nos embasaremos em Costa (2015), Williams-Van Klinken (2007), Hull e Eccles (2001), Payne (1997) e Givón (1984). Será possível perceber que muitos advérbios em tétum-praça pertencem a outras classes (preposições, adjetivos, pronomes) e são utilizados na função adverbial.

A seguir, listamos os advérbios e locuções adverbiais, conforme Costa (2015) e Hull e Eccles (2001). Para tal escolha elegeu-se aqueles de maior utilização pelos nativos:

Quadro 20 - Advérbios e locuções adverbiais mais utilizados em Tétum-praça agrupados semanticamente

		Advérbios e locuções adverbiais				Advérbios e locuções adverbiais	
		Tétum	Português			Tétum	Português
TEMPO		ohin	hoje	TEMPO		bainhira	quando
		ohin ne'e	hoje mesmo			kuandu	quando
		hori sehik	ontem			horibainhira	(desde) quando
		aban	amanhã			oras daudaun	de momento
		oras ne'e	agora			agora	agora, já
		oras ne'e duni	agora mesmo			daudaun (ne'e), daudauk	de momento
		orsida	logo			foin daudaun	agora mesmo
		hori uluk	outrora			kedas, kedan	imediatamente
		la kleur	em breve			(iha) tempu ne'e	nesse tempo
		ona	já			(iha) altura ne'e	nessa altura
		afoin, hafoin	depois			(iha) altura ne'ebá	naquela altura
		baibain, uai-uain	normalmente, frequentemente			hafoin ne'ebá	entretanto, enquanto isso
		uluk	antes			horiuluk	há muito tempo
		beibeik, bebeik	sempre			horiuluk liu	antigamente
		kleur	tarde, tardiamente			horihori, horihorin	há algum tempo
		orsida tan	mais logo			to'o (oras) ne'e	até agora
		dala ruma	às vezes			seidauk deit	ainda não
		iha ne'ebá	ali, acolá, além			fali	atrás
		husi ne'e	daqui			ladook	não (muito) longe
		hosi ne'e mai	por aqui			iha sorin	ao lado
		iha laran	dentro			hadulas	ao redor
		iha kraik	debaixo			iha balun ne'ebá	naquele lado
		dook	longe			loos ba oin	sempre em frente
		hosi ne'eba	por ali			iha (liman) karik	à esquerda
		iha klaran	no meio			ba (liman) karik	para a esquerda
		hosi karuk	da esquerda			iha tutun	no alto
	iha leten	em cima		iha oin	diante, em frente		
	iha fatin ne'ebá	naquele lugar		hosi dook	de longe		
	iha kotuk	de trás		dasa	rente, junto		
	besik	perto		hakat	através		
	iha liur	for a		tun	para baixo		
	ba laran	para dentro		sa'e	para cima		
MODO		aat	mal	MODO		metin	seguro
		aat liu	pior			mesa, mesak	somente, só
		diak, kmanek	bem			mesak deit	sozinho
		diak liu	melhor			oin seluk	de outro modo
		kedas	imediatamente			nune'e duni	assim mesmo
		los	correto			lailais, lalais	depressa
		la los	incorretamente			hanesan	igual, igualmente
		neineik, neneik	devagar			liu-liu	sobretudo
		los liu	corretamente			nune'e	como
		arbiru	à toa			arbiru deit	a torto e a direito
MEDIDA		barak	muito	MEDIDA		hira	quanto
		barak liu	muitíssimo			ladún	menos
		uit	pouco			no seluseluk tan	e assim por diante

					(etc)
	buat hotu	tudo		baibain	em geral
	uitoan	muito pouco		barak naresin	extremamente
	natoon, natón	suficiente		liután	(ainda) mais
	iha dasin	tudo considerado		besik atu	quase
CONFIGURAÇÃO	ida-ida	um por um, cada um	CONFIGURAÇÃO	rabat-rai	de braços
	rohan-rohan	pedaço por pedaço		haklenan	de costas
	hamutuk	junto		lemo-lemo	por toda a parte
	halibur			laran ba liur	às avessas, pelo avesso
	lisuk	conjuntamente, em colaboração		kaduak-kaduak	aos pares
	ketak, ketaketak	à parte, separadamente		nadodon	a fio, em fila, em linha
mesak, mesamesak	sozinho	oin-tun, ulun-tun	de cabeça		
AFIRMAÇÃO E DEFINIÇÃO	sin	sim	NEGAÇÃO E LIMITAÇÃO	lae	não
	loos	sim, decerto		nein	nem
	nune'e	sim, decerto		la	não
	defaktu	de fato		la'ós	não
	klaru	claro, certamente		mós	nem sequer
	tebes, tebetebes	certamente, na verdade		fali	pelo contrário, por outro lado, em contrapartida
	tebes duni	exatamente, com certeza		mesak	só, apenas, somente
	nune'e tiha	portanto, e então		deit	só, apenas, somente
	nune'e mós	mesmo assim, não obstante		keta	não
	satán, saída tan	além disso, além do mais		lae duni	de modo algum
DÚVIDA	karik	talvez	INTENSIDADE	loos	muito
	kala	talvez		deit	muito
	dalaruma	talvez		tebes, tebetebes	verdadeiramente, realmente
	bele	possivelmente		liu	mais, muito
	ho maromak nia tulun	se deus quiser		atumate	extremamente
	kala bele	possivelmente		lahalimar	extremamente
	kala nune'e	provavelmente		natoon	bastante, suficiente
	kala to'ok	talvez		duni, dunik	realmente
	to'ok	por acaso, talvez		kompletamente	completamente
	selae	senão		kedas	verdadeiramente

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das Gramáticas de Hull e Eccles (2005) e Costa (2015)

De acordo com Hull e Eccles (2005), a regra geral de posição dos advérbios é seguir os verbos que modificam, por exemplo, “*Danielle hananu diak*” (port. *Danielle canta bem*), no caso o advérbio é de modo *diak* – bem. Se colocarmos o advérbio no início da oração, ela já terá a função de enfatizar, exemplo, “*Diak, ita bele hananu hamutuk musika ida.*” (port. *Bem, vocês podem cantar juntos uma música*). Contudo,

quando a ênfase é dada aos advérbios anteriores, são comumente seguidos pelo marcador contrastivo *maka/mak*. Vejamos:

Iha	ne'ebá	mak	sira	re'i-malu	baihira	hasoru.
<i>Loc. Adv. de lugar</i>	<i>verbo aux.</i>	<i>Pron. Pessoal eles</i>	<i>verbo +INF.</i>	<i>Adv. de Tempo</i>	<i>verbo +INF</i>	
<i>Ali</i>	<i>(foi onde)</i>		<i>beijaram</i>	<i>quando</i>	<i>encontraram.</i>	

É possível perceber que o segundo verbo acaba recebendo a indicação de *+passado*, tal situação acontece devido à retomada dos advérbios na sentença, pois não há presença de marcadores verbais na oração.

De acordo com Hull e Eccles (2005), os advérbios de tempo em tétum se diferem dos outros advérbios por serem colocados entre o sujeito e o verbo, por exemplo:

Fábio	seidauk	to'o	mai.
<i>Subst.</i>	<i>Adv.</i>	<i>Verbo (chegar +INF)</i>	<i>+pass.</i>
<i>Fábio</i>	<i>ainda não</i>	<i>chegou.</i>	

Na sentença anterior, nota-se a presença de dois advérbios *seidauk* e *mai*. O advérbio de tempo encontra-se entre o sujeito e o verbo, já o advérbio *mai* acaba por marcar semanticamente o passado após o verbo. No dicionário de Luís Costa (2000), o verbete *mai* é apontado em três classes, verbo, preposição e advérbio, com seus significados apresentados separadamente.

Mai. v. Vir; *mai iha ne'e*: vem cá, anda cá.

Mai. prep. A, para (denota proximidade, movimento para perto do locutor); *mai ha'u*: a mim, para mim; *ema lori sasán mai ha'u nia knua*: trouxeram coisas para minha aldeia.

Mai. adv. Para cá; mais próximo; cá; *hodi mai*: trazer (lit. transportar para cá); *iha ne'e mai*: aqui, cá; *soruk mai*: aproximar-se, chegar-se para cá. (COSTA, 2000, p. 237)

São exceções à regra geral de seguir os verbos modificando-os, os advérbios de tempo que indicam *ação repetida*, *períodos de tempo específicos* e os advérbios *nanis*, *kedas*. Para a primeira noção, temos o seguinte exemplo:

Ami	hemu	susubeen	beibeik.
Pron.	Verbo (beber+INF)	Nome	Adv.
<i>Nós</i>	<i>bebemos</i> <i>leite</i>	<i>muitas vezes.</i>	

Nos casos de sequência de acontecimentos, os advérbios de tempo aparecem normalmente no início da sentença, antes do sujeito. E quando tem um complemento, *nafatin*, pode anteceder-lo ou segui-lo.

Neste capítulo, apresentamos duas abordagens sobre o advérbio à luz da Teoria Gerativa. Uma delas, proposta por Cinque (1999), aponta que advérbios parecem ocupar posição de especificador em línguas naturais e estabelecem relações semânticas com um nó funcional. Assim, alguns advérbios de aspecto e de tempo teriam lugar fixo na árvore sintática e resguardariam relação semântica com o núcleo funcional do qual seria o especificador. A outra proposta, de Rocha e Lopes (2015), assume a hipótese de que advérbios podem ser adjungidos à esquerda ou à direita. Além disso, as autoras afirmam que os advérbios são restritivos em relação a que pontos da sentença vão se unir. Se essa segunda proposta se distancia da primeira por considerar que advérbios se adjungem a uma categoria funcional, por outro lado, aproxima-se da proposta de Cinque, porque afirma que há restrições sintático-semânticas para a adjunção do advérbio na sentença. Por fim, foi feita uma abordagem sobre os advérbios em tétum-praça.

A seguir, passaremos à explicitação da metodologia adotada nesta pesquisa.

6 METODOLOGIA

Este capítulo visa a apresentar o *corpus* analisado nesta dissertação e a forma como os dados foram observados e estudados.

6.1 A amostra

O *corpus* desta dissertação constitui-se de sentenças produzidas em discursos televisionados pela TVTL (Televisão de Timor-Leste) e RTP (Rádio e Televisão Portuguesa) em ambiente formal por parte de pessoas do primeiro escalão do governo timorense. O objetivo é exibir o uso real da língua tétum-praça. Portanto, as sentenças analisadas não foram editadas, considerando a modalidade padrão da língua, pois se pretende fazer análise das frases da forma como são ditas, mesmo que coloquiais e com presença de verbetes de outras línguas.

6.2 Pessoas selecionadas

As falas dos membros do governo e líderes de partidos políticos são de Taur Matan Ruak, atual Presidente da República Democrática de Timor-Leste; e Mari Alkatiri, Presidente da FRETILIN (partido político de grande expressão em Timor-Leste) e Ex- Primeiro Ministro.

A seguir apresentaremos um breve histórico de cada um dos falantes selecionados, com o objetivo de demonstrar a relação dos escolhidos com a língua e o fato de estarem à frente da luta pela nação timorense e contribuído para o fortalecimento do tétum-praça. Vale dizer, que os dois políticos foram grandes defensores do tétum como língua nacional, ao lado do português.

Os textos abaixo foram inspirados na biografia disponibilizada pelo *website* do governo timorense www.timor-leste.gov.tl acesso em 15 de dezembro de 2015.

6.2.1 *Taur Matan Ruak*

Nascido em 10 de outubro de 1956, em Osso Huna, sub-distrito de Baguia, distrito de Baucau, Timor-Leste. Mudou-se para Díli em 1960, onde em 1963 iniciou a escola primária, finalizando em 1968. No dia 07 de dezembro de 1975, a Indonésia invadiu Timor-Leste e Taur, na época com 19 anos, juntou-se às FALINTIL – o recém-formado braço armado da FRETILIN -, que estava nas montanhas. Participou como combatente em batalhas contra os militares indonésios em Díli, Aileu, Maubisse, Ossu, Venilale, Uatulari e Laga na Costa Nordeste, onde permaneceu. Nos anos de 1976 a 1979, Taur Matan Ruak assumiu responsabilidades crescentes nas fileiras das FALINTIL. Tornou-se Comandante de Companhia.

No dia 22 de novembro de 1978, caiu a última base de apoio da Resistência na montanha de Matebian. Kay Rala Xanana Gusmão, Taur Matan Ruak e outros membros da resistência, reagruparam-se e retomaram as operações de guerrilha do Monte Legumau. Em 31 de março de 1979, Taur Matan Ruak foi capturado pelos militares das ABRI, na área de Viqueque, mas escapou após 23 dias e reuniu-se às FALINTIL nas montanhas.

A partir de 1986, Taur Matan Ruak assumiu o comando de todas as operações militares em Timor-Leste. Em novembro de 1992, o comandante-chefe Xanana Gusmão foi capturado em Díli. Taur Matan Ruak assume a Chefia do Estado Maior. Com o falecimento de Nino Konis Santana em 1998, Taur Matan Ruak é promovido vice-comandante-chefe das FALINTIL.

Em 30 de agosto de 1999, a população timorense votou por meio de referendo pela independência de Timor-Leste. No dia 20 de maio de 2002, após a Restauração da Independência, Taur Matan Ruak torna-se Chefe do Estado Maior General das F-FDTL, FALINTIL – Força de Defesa de Timor-Leste. Em 2007, Taur Matan Ruak é condecorado pelo Presidente da RDTL por serviços prestados a Operação Halibur, que reestabeleceu a segurança e a ordem no país na sequência da crise de 2006.

Em 2009 é promovido a Major-General pelo Presidente da República de Timor-Leste, Dr. José Ramos Horta. No ano de 2011, Taur é oficialmente desmobilizado das FALINTIL e condecorado, juntamente com outros 235 combatentes.

Taur Matan Ruak, atualmente é Presidente da República de Timor-Leste, fala três línguas de Timor-Leste, sendo elas: *tétum*, *noeti* e *makassae*, além das línguas portuguesa e inglesa.

6.2.2 *Mari Alkatiri*

Foi o 1º Primeiro Ministro de Timor-Leste depois da Restauração da Independência em 20 de Maio de 2002, nasceu em Díli, no dia 26 de novembro de 1949.

Depois de ter concluído o Liceu em Díli, continuou os seus estudos de Topografia e Agrimensura em Luanda, Angola, sendo graduado em 1972. É graduado em Direito pela Universidade Eduardo Mondlane em Maputo, Moçambique, onde foi Docente de Direito Internacional e Direito Constitucional .

Entre os anos 1992 a 1998, exerceu a função de Assessor Jurídico Sênior numa Sociedade de Consultores Jurídicos em Maputo e Assessor de Direito Internacional e Direito Constitucional no Parlamento de Moçambique. Iniciou o seu Doutoramento sobre o Direito Costumeiro em Timor-Leste e as suas relações com o Direito Formal, que ficou por concluir porque teve que regressar a Timor-Leste em 13 de Outubro de 1999.

Durante a resistência, ele empenhou-se na diplomacia e no diálogo com a comunidade internacional, incluindo intervenções junto das Nações Unidas antes de o mundo começar a dar atenção pela luta de Timor-Leste e a sua Independência.

Como jurista, disponibilizou todas as suas capacidades, faculdades, sabedoria e experiência servindo sempre a FRETILIN e seus grandes objetivos e na defesa dos direitos de Timor-Leste. Mesmo antes de ter ido continuar os seus estudos em Angola, Mari Alkatiri já estava implicado pela causa da independência, integrando-se como membro co-fundador da organização clandestina do “Movimento de Libertação de Timor-Leste” em janeiro de 1970. É agora o único sobrevivente deste grupo.

Depois da “Revolução dos Cravos” em 25 de Abril de 1974, tornou-se um dos principais Fundadores da Associação Social-Democrática de Timor-Leste, ASDT e nomeado Secretário Geral Adjunto durante esse período de euforia pela liberdade social e política.

Em 11 de Setembro de 1975, a ASDT foi dissolvida para dar lugar a FRETILIN como frente ampla com o Dr. Mari Alkatiri como Membro Fundador, Membro do Comitê Central, e Secretário Adjunto de Relações Internacionais. Em Outubro do mesmo ano, foi eleito Comissário Político Nacional pelo comitê Central da FRETILIN.

Quando a tropa indonésia começou com incursões na fronteira em 1975, a FRETILIN decidiu criar as FALINTIL em 20 de Agosto de 1975 com a proclamação da insurreição armada em 15 de Agosto desse mesmo ano em Aileu.

Muito antes da invasão do exército indonésio em Díli em dezembro de 1975, a FRETILIN encarregou o Dr. Mari Alkatiri de liderar a Delegação para erigir o componente externo da FRETILIN com o objetivo de representar o plano internacional e de mobilizar a comunidade internacional no sentido de condenar a ocupação indonésia e de exigir a retirada das Forças de Suharto de Timor-Leste.

Em 23 de Novembro de 1975, Mari Alkatiri foi indicado como Presidente da Comissão de elaboração do esboço da Constituição de Timor-Leste, preparando assim a Declaração da Independência.

Em 28 de Novembro de 1975, a FRETILIN declarou a Independência e Proclamou o nascimento da RDTL. Mari Alkatiri foi empossado Ministro de Estado para Assuntos Políticos.

Em face de uma iminente invasão do país pela Indonésia, e já com forças invasoras atravessando as fronteiras de Timor-Leste, Nicolau Lobato, Vice-Presidente e Primeiro Ministro de Timor-Leste, pediram a CCF para enviar uma Delegação ao exterior para mobilizar a comunidade internacional a fim de parar a invasão desencadeada pela Indonésia. Dr. Alkatiri foi um dos membros dessa delegação que deixou Timor-Leste em 4 de Dezembro de 1975, três dias antes da invasão a Díli. Mari Alkatiri permaneceu em Moçambique como Chefe da Delegação no Exterior até 1999.

Assumindo o seu papel de Diplomata, Dr. Alkatiri, a partir de Dezembro de 1975 até agosto de 1999, trabalhou junto do Conselho de Segurança e da Assembleia da ONU em Nova York e da Comissão dos Direitos Humanos em Genebra no sentido da adoção de Resoluções condenando a invasão e a violação dos direitos humanos praticados pelas Forças de Suharto.

Em 1977, Mari Alkatiri foi nomeado Ministro de relações Externas do Governo da RDTL, continuando as suas funções no exterior do País. Desde 1975 até 1982 Mari Alkatiri sempre participou nas reuniões do Comitê de descolonização da ONU.

De 1982-1983, Alkatiri participou devotamente no processo de adoção da Resolução da Assembléia Geral da ONU, Resolução Nº 37/30 de 23 de Novembro de 1982, a qual encarregou o Secretário Geral da ONU em trabalhar diretamente com todas as partes interessadas a fim de encontrar uma solução para a questão de Timor-Leste.

A partir de 1983, passou a participar em todas as reuniões da Comissão de Direitos Humanos da ONU sobre a questão de Timor-Leste.

Em 1985, de forma muito diplomática, Alkatiri enquadrou-se no Movimento dos Não-Alinhados, participando de vários eventos internacionais, angariando apoio pela causa de Timor-Leste.

A partir de 1990, participou nas Conversações Tripartidas entre ONU, Indonésia e Portugal, e depois também participou no processo de diálogo intratimorense em 1995, com a ajuda da ONU.

Em Abril, de 1998, Dr. Alkatiri foi eleito membro da Comissão Política Nacional do CNRT na "Convenção Nacional de Timorenses".

Em Agosto de 1999, como Presidente do Conselho Nacional da Resistência Timorenses, Xanana Gusmão, nomeou Alkatiri como Responsável dos Assuntos relacionados com a questão do Mar de Timor e representar o Movimento da Resistência nesse processo.

Logo depois da Consulta Popular de 1999, o Presidente do Conselho Nacional da Resistência Timorenses pediu ao Alkatiri para continuar como responsável pela negociação do Mar de Timor, que trouxe como resultado histórico o acordo que atribuía a Timor-Leste 90% e a Austrália 10% das receitas.

Ele, continuando a assumir tarefas de grande envergadura, como Primeiro Ministro do Primeiro Governo Constitucional depois da Restauração da Independência, liderou o processo de preparar o esboço de lei do Fundo Petrolífero e Exploração do Petróleo, que garantiu independência financeira e soberania de Timor-Leste.

Em Setembro de 2001, Alkatiri foi nomeado pelas Nações Unidas Ministro-Chefe e Ministro de Economia e Desenvolvimento do Segundo Governo de Transição em Timor-Leste. Depois da Restauração da Independência em 20 de

Maio de 2002, foi Empossado Primeiro Ministro e Ministro de Economia e Desenvolvimento.

Como Presidente da Comissão Nacional de Desenvolvimento, ele liderou o processo de preparação do Plano de Desenvolvimento Nacional.

Em 30 de Agosto de 2014, Dr. Mari Alkatiri foi nomeado e tomou posse como Presidente da Autoridade da Região Administrativa Especial de Oe-Cusse.

6.3 Forma de análise dos dados

A fim de demonstrarmos a forma como analisamos os dados de nossa pesquisa, lembremos os objetivos estabelecidos na introdução:

- a) realizar um trabalho descritivo acerca das categorias tempo e aspecto da língua tétum-praça;
- b) promover um estudo que vise a verificar a relação de marcadores e advérbios em tétum-praça com as categorias: tempo e aspecto.
- c) relacionar, à luz da teoria gerativa, os resultados obtidos no estudo do tétum-praça à hierarquia de núcleos funcionais, proposta por Cinque (1999), e o estudo feito por Rocha & Lopes (2015).

Para cumprir o propósito estabelecido, selecionamos um debate oral extraído da RTTL (Rádio e Televisão de Timor-Leste) e disponibilizado no youtube cujo tema central era Xanana Gusmão *versus* Mauk Moruk. Realizamos a transcrição dos minutos iniciais do vídeo e fomos recortando sentença por sentença e apresentando a tradução para o português. Observando tais sentenças, fomos localizando verbo e o marcador e/ou advérbio de tempo e aspecto. Em seguida, verificamos a relação sintático-semântica estabelecida pelo marcador e advérbio e pelo verbo.

No próximo capítulo, apresentaremos a descrição dos dados, promovendo análises de item por item e, em seguida, uma análise mais geral do fenômeno ora estudado.

7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, faremos a apresentação dos dados observados para esta pesquisa e uma reflexão a respeito das categorias tempo e aspecto, relacionadas a marcadores e advérbios e sua ligação com os verbos.

7.1 Descrição dos dados

Nesta seção, apresentaremos os discursos analisados, recortados em trechos, os quais foram enumerados. Essa metodologia de exposição de dados nos pareceu mais didática, pois apresentamos, e primeiro lugar, a tradução literal e, e seguida, uma tradução mais adequada. Quando houve presença de verbo e marcadores ou advérbios, fizemos a descrição e a análise do tempo e aspecto denotado no trecho em questão.

7.1.1 Fala de Taur Matan Ruak (Falante 1)

Falante 1 – Trecho 1

Señora	vice	presidente	parlamento	nacional	senhores	parlamento	nacional,
senhora	vice	presidente	parlamento	nacional	senhores	parlamento	nacional
<i>port. Senhora vice presidente do parlamento nacional, senhores do parlamento nacional</i>							

Falante 1 – Trecho 2

Señór	primeiro	ministru	señores	membros	do	governo
senhor	primeiro	ministro	senhores	membros	do	governo
<i>port. Senhor Primeiro Ministro, senhores membros do governo</i>						

Falante 1 – Trecho 3

señór	presidente	tribunal	de	recurso	senhores	eis titulares
senhor	presidente	tribunal	de	recurso	senhores	ex titulares
<i>port. Senhor presidente do Tribunal de Recursos, senhores ex titulares</i>						

Falante 1 – Trecho 4

Señores moderadores no konvidadu tomak no señor veteranos sira.
Senhores moderadores e convidado +plural e senhor veteranos +plural
<i>port. Senhores moderadores e convidados e senhores veteranos</i>

Como pode-se observar, anteriormente nos trechos de 01 a 04, não há presença de verbos, portanto, nenhuma categoria de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 5

Konvidadu tomak ohin loron importante tebes ba Timor
Convidado +plural hoje dia importante +intensidade Para Timor
<i>port. Convidados hoje é um dia muito importante para Timor</i>

No trecho 05, apesar de não haver nenhum verbo, percebemos que há um marcador de tempo, expresso por *ohin* (hoje). Este parece ser um marcador de todo o discurso. Essa é uma observação importante porque, em muitos outros contextos, temos um verbo e nenhum outro marcador de tempo presente, ainda que a leitura seja de evento ou situação ocorrida no presente. E é o que ocorre no trecho seguinte.

Falante 1 – Trecho 6

ba ita tanba ita bele halibur an iha ne'e
para nós porque nós pode reunir pron. se aqui
<i>port. para nós, porque podemos reunir-se aqui</i>

No trecho 06, temos a perífrase verbal *bele halibur* (pode reunir) cuja leitura de tempo é no presente.

Falante 1 – Trecho 7

hodi haree problema ida que pasadu maske iha Loron hira
para tratar problema um que passado mas que ter Dia +indefinido
<i>port. para tratar um problema embora tenha passado alguns dias</i>

No trecho 07, o verbo *haree*, nesse caso traduzido como *tratar*, parece mesmo não expressar tempo e aspecto.

A expressão *que pasadu* (que passado) nos dá a ideia de uma expressão adverbial, como noção de tempo passado e se refere a *haree problema ida* (tratar um problema) e está à direita do SV *haree problema ida* – tratar um problema. Vale dizer que “*que pasadu*” é um empréstimo do português.

Outras expressões adverbiais podem ser vistas nas frases 07 e 08, *iha lora hira* (há alguns dias), *semana hira* (algumas semanas), *liubá* (marcador de passado). Essas duas expressões adverbiais de passado e o marcador de passado determinam o verbo *book* (mexer), que está imediatamente à direita do marcador. Importante salientar que o marcador *liubá* refere-se a um passado mais distante.

Falante 1 – Trecho 8

semana	hira	liuba	book	ema	hotu	Nia	atensaun
semana	+indefinido	+passado	mexer	pessoa	todos	3ª Sing.	atenção
<i>port. algumas semanas que mexeu com a atenção de todas as pessoas</i>							

Falante 1 – Trecho 9

ema	hotu	nia	preokupasaun.
pessoa	todos	3ª Sing.	preocupação
<i>port. e a preocupação de todas as pessoas</i>			

Como pode-se observar, anteriormente no trecho 09, não há presença de verbos, portanto, nenhuma categoria de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 10

Prezidente	da	República	tau	atensaun	maka'as	los
Presidente	da	República		atenção	+intensidade	+intensidade
			prestar		forte/muito	muito
<i>port. Presidente da República presta muita atenção</i>						

Neste trecho, temos o verbo *tau* (prestar) que pode ter a ideia de tempo presente e de aspecto com traço durativo ancorado na situação. O verbo *tau*, em português “prestar”, é utilizado sem marcador, e à direita, posposto ao nome *atensaun*, empréstimo da língua portuguesa, usa-se o advérbio de intensidade *maka'as los*.

Falante 1 – Trecho 11

Ba	koezaun	polítika	no	koezaun	sosiál	nasaun	nian
Para	coesão	política	e	coesão	social	país	do

port. para a coesão política e coesão social do país

Como pode-se observar, anteriormente no trecho 11, não há presença de verbos, portanto, nenhuma categoria de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 12

aspetu	rua	ne'e	importante	tebetebes	se	Timor-Leste	hakarak
aspecto	dois	este	importante	+intensidade	se	Timor-Leste	querer

port. estes dois aspectos são muito importantes, se Timor-Leste quer

Nos trechos 12 e 13, temos uma perífrase verbal *hakarak lori* (quer levar) característica do modo subjuntivo. Ainda no trecho 13, temos o verbo *fó* (dar) e nenhum advérbio de tempo, mas há um marcador aspectual – *hodi* - que dá ideia de algo em curso, podendo-se, inclusive, ser traduzido no gerúndio, no caso, “dando honra”.

Falante 1 – Trecho 13

Lori	ita-nia	nasaun	ba	oin	hodi	fó	onra
Levar	seu	país	para	frente	para	dar	honra

port. levar seu país para frente para dar honra

Falante 1 – Trecho 14

Ba	sira	hotu	ne'ebé	la	hó	ita	maske	mehi
A	+plural	todo	que	não	com	nós	mas que	sonho

port. a todos que já não estão conosco mas que o sonho

Como pode-se observar, anteriormente, no trecho 14, não há presença de verbos e nem advérbios e marcador das categorias de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 15

hanesan	ita	mas	mate	hotu	ona	hodi	fila
mesmo	nós	mas	morrer	todo	+pass	para	voltar

port. mesmo de nós, mas morreram para voltar

No trecho 15, temos o verbo *mate* (morrer) seguido de um marcador de passado *ona*. Esse marcador também expressa noção aspectual inceptiva, ou seja, de uma ação concretizada recentemente.

No final do trecho 15 e início do 16, temos a expressão *hodi fila ita nia nasaun* (para voltar nossa nação) e que está à direita do verbo *sai* (sair, empréstimo do português). *Hodi fila ita nia nasaun* funciona como uma expressão adverbial de passado.

Falante 1 – Trecho 16

ita nia	nasaun	sai	nasaun	ida	ne'ebé	livre	no	independente.
nossa	nação	sai	nação	um	Que	livre	e	Independente

port. nossa nação saiu uma nação que é livre e independente.

Falante 1 – Trecho 17

Prezidente	da	Repúblika	depois	de	simu	karta	señór	primeiru	Nian
Presidente	da	República	depois	de	receber	carta	senhor	primeiro	Do
								ministro	

port. Presidente da República depois de receber carta do senhor Primeiro Ministro

A oração adverbial encabeçada pelo uso do *depois* (empréstimo do português) nos remete à ideia de passado no verbo *halo* (fazer) do trecho 18. Vale dizer, que se encontra à esquerda do verbo *halo*.

Falante 1 – Trecho 18

Halo	konvite	espesiál	ida	ba	señór	Mauk Moruk
Fazer	convite	especial	um	para	senhor	Mauk Moruk

port. fez um convite especial para o senhor Mauk Moruk

Falante 1 – Trecho 19

Atu	partisipa	Iha	enkontru	ida ne'e	hodi	klarifika	Uitoan
Para	participar	Em	encontro	este	para	clarear	Pouco

port. para participar neste encontro clareando um pouco

No trecho 19, os verbos *partisipa* (participar) e *klarifika* (clarear), empréstimos do português, não são determinados por nenhum advérbio ou marcadores de tempo. Aqui temos o marcador “atu” que tem uma noção de indicar um objetivo a alcançar.

De acordo com Hull e Eccles (2001, p. 121), “atu” indica um “processo verbal iminente ou a intenção de levar a cabo o processo verbal”, que é o que acreditamos que ocorre aqui. Além disso, há o marcador aspectual “hodi”, que indica um evento em curso, permitindo a tradução no gerúndio (clareando).

Falante 1 – Trecho 20

problema	sira	ne’ebé	relasiona	ho	señór	Mauk Moruk
problema	+plural	que	relaciona	com	senhor	Mauk Moruk
<i>port. problemas que relacionam com senhor Mauk Moruk</i>						

No trecho 20, temos o verbo *relasiona*, também empréstimo do português, que parece ter uma leitura no tempo presente, embora não tenha nenhum advérbio ou marcador expressos com esta função, a de marcar presente.

Falante 1 – Trecho 21

ho	señór	primeiru	ministru	antes	na	Kualidade	da	Komandante
com	senhor	Primeiro	Ministro	antes	na	Qualidade	de	Comandante
<i>port. com o senhor Primeiro Ministro antes na qualidade de comandante</i>								

Falante 1 – Trecho 22

de	xefe	das	forsas	armadas	De	libertasaun	nasionál.
de	chefe	das	forças	armadas	De	libertação	Nacional
<i>port. Chefe das Forças Armadas de Libertação Nacional</i>							

Nos trechos 21 e 22, não há nenhum verbo, advérbio ou marcadores de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 23

Infelizmente	hau	rona	e	simu	informasaun	katak	señór	Mauk
Infelizmente	eu	ouvir	e	receber	informação	que	Senhor	Mauk
<i>port. Infelizmente ouvi e recebi a informação que o Senhor Mauk</i>								

No trecho 23, os verbos *rona* e *simu* (respectivamente, ouvir e receber) podem ter a leitura do verbo no passado uma vez que Taur Matan Ruak está falando e já se encontra ciente da informação de que Mauk Moruk não participará do debate.

Importante dizer que não há nenhum marcador adverbial ou de tempo e aspecto na frase.

Falante 1 – Trecho 24

La	mai	la	partisipa	iha	serimônia	ida ne'e
Não	vir	não	participa	em	cerimônia	esta

port. não participará nesta cerimônia

No trecho 24, temos o verbo *mai* (vir) e *partisipa* (participar) que, combinados, expressam a noção de futuro.

Falante 1 – Trecho 25

Mauk	lakon	oportunidade	ida	mesak	atu	bele	Mai	iha ne'e
Mauk	perder	oportunidade	uma	sozinho	para	poder	Vir	Aqui

port. Mauk perde única oportunidade de poder vir aqui

No trecho 25, o verbo *lakon* (perder) pode ter uma leitura no presente como também no passado. A locução *bele mai* (poder vir) não é marcada por nenhum advérbio ou marcador de tempo, mas há o marcador de aspecto “atu” que indica um processo iminente, que é o *bele mai iha ne'e* (poder vir aqui).

Falante 1 – Trecho 26

hodi	ema	barak	timoroan	barak	nia	oin	apresenta
com	pessoa	+intensidade	timorense	+intensidade	3ª	diferente	apresentar
					3ª		sing.

port. com muitas pessoas, muitos timorenses apresentar sua diferente

No trecho 26, temos o verbo *apresenta* (apresentar, empréstimo do português), que tem uma leitura de tempo no presente. Não há presença de nenhum advérbio ou marcador de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 27

nia	versaun	konaba	problema	ne'ebé	liga	pasadu	istória	timor	Nian
3ª	versão	sobre	problema	que	ligar	passado	história	Timor	De
									sing.

port. versão sobre problema que está ligado a história do passado de Timor

No trecho 27, temos o verbo *liga* (ligar, empréstimo do português) que é determinado por uma expressão *pasadu* (passado) a qual expressa a ideia de tempo passado e está à direita do verbo.

Falante 1 – Trecho 28

Prezidente da	Repúblika	lamenta	auzénsia	ida ne'e
Presidente da	República	lamentar	ausência	esta

port. Presidente da República lamenta esta ausência

No trecho 28, temos o verbo *lamenta* (lamentar, empréstimo do português) cuja leitura é no tempo presente. Vale dizer que não há nenhum advérbio ou marcadores de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 29

Prezidente da	Repúblika	hanoin	karik	señór	Mauk	fila	fali
Presidente da	República	pensar	que	Senhor	Mauk	voltar	novamente

port. Presidente da República pensa que senhor Mauk volta novamente

No trecho 29, temos o verbo *hanoin* (pensar) cuja leitura é no tempo presente. Vale dizer, que não há nenhum advérbio ou marcadores de tempo e aspecto. Nesta sentença, temos ainda o verbo *fila* (voltar) cuja leitura nos parece ser no presente, ainda que não tenha nenhum marcador de tempo. Entretanto, neste último caso, *fila fali* (voltar novamente) funciona como uma única expressão, mas é inerente a ela a ideia de repetição. Se pensarmos que *fila* sozinho significa voltar, aventaríamos que *fali* é um marcador de aspecto situado à direita do verbo.

Falante 1 – Trecho 30

Atu	ajuda	dezenvolve	Timor	maibé	mai	atu	halo	revolusaun
Para	ajudar	desenvolver	Timor	mas	vem	para	fazer	revolução

port. para ajudar a desenvolver Timor, mas vem para fazer revolução

No trecho 30, “ajuda *dezenvolve*” (ajudar a desenvolver) e *halo* (fazer) seguem preposições e não têm leitura de tempo, mas há marcador de aspecto “atu”, que indica processo iminente. Já o verbo *mai* (vem) tem uma leitura no presente apesar de não ter nenhum marcador de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 31

Iha ne'e	hau nia	maun L7	aman	maun	ba	Mauk Moruk
Aqui	meu	irmão L7	pai	homem	para	Mauk Moruk

port. Aqui presente um homem “meu irmão L7”, pai para Mauk Moruk

O advérbio *iha ne'e* (aqui), no trecho 31, tradicionalmente advérbio de espaço, parece funcionar, nesta sentença, como advérbio de tempo no presente, tanto para o verbo *agradese* (agradecer, empréstimo da língua portuguesa) no trecho 32, como para o verbo *fó* (dar) no trecho 33.

Falante 1 – Trecho 32

agradese	ba	ita boot	Nia	prezensa	tanba	dala	ida	tan
agradece	para	senhor	Ele	presença	porque	vez	uma	mais

port. agradeço o senhor pela sua presença mais uma vez porque

Falante 1 – Trecho 33

ita boot	fó	importánsia	ba	enkontru	ida ne'e
senhor	dar	importância	para	encontro	este

port. senhor dá importância para este encontro

Falante 1 – Trecho 34

enkontru	ida	ne'ebé	pratikamente	orgaun	estadu	nasaun	ida ne'e	nian
encontro	um	que	praticamente	órgão	estado	nação	este	de

port. um encontro que praticamente é do órgão estado desta nação

No trecho 34, não temos a presença de verbo, advérbio ou marcadores temporais e aspectuais.

Falante 1 – Trecho 35

iha ne'e	hotu	la'ós	de'it	ida ne'e	halo	kobertura	espesiál	ida
Aqui	todos	não	só	este	fazer	cobertura	especial	um
		loc. adv.						

port. não só aqui todos, este faz uma cobertura especial

No trecho 35, temos o verbo *halo* (fazer) cuja leitura é no tempo presente. Vale dizer, que não há nenhum advérbio ou marcadores de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 36

para	que	povu	Timor	tomak	akompañã	diskusaun	eventu	ida	nian
								ne'e	
para	que	povo	Timor	todo	acompanhar	discussão	evento	este	de
<i>port. para que o povo de Timor acompanhe discussão deste evento</i>									

No trecho 36, temos o verbo *akompañã* (acompanhar, empréstimo do português) cuja leitura é no tempo presente. Vale dizer que não há nenhum advérbio ou marcadores de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 37

Prezidente	agradese	ho	laran	tomak	senhores	representantes	orgãos
Presidente	agradece	com	interior	toda	senhores	representantes	orgãos
<i>port. Presidente agradece com o sentimento positivo todos os senhores representante de órgãos</i>							

No trecho 37, temos o verbo *agradese* (agradecer, empréstimo do português) cuja leitura é no tempo presente. É importante dizer, que não há nenhum advérbio ou marcadores de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 38

de	soberania	nasional	ne'ebé	ohin	marka	prezensa	iha	ne'e
de	soberania	nacional	que	hoje	marcar	presença	aqui	
<i>port. da soberania nacional que hoje marca presença aqui</i>								

No trecho 38, temos o verbo *marka* (marcar, empréstimo do português) e, à sua esquerda, o advérbio de tempo *ohin* (hoje).

Falante 1 – Trecho 39

eis	titulares	tantu	hosi	parlamentu	nasionál	eis	membros do governo
ex	titulares	tanto	do	parlamento	nacional	ex	membros do governo
<i>port. ex titulares tanto do parlamento nacional, ex membros de governo</i>							

Associando os trechos de 39 a 40, verificamos que o verbo *iha* (ter) pode ter uma leitura no presente, embora não haja nenhum advérbio ou marcador de tempo e aspecto. O verbo *fó* (dar) do trecho 41 tem uma ideia de tempo no presente e, com expressão à sua esquerda *tinan sanulu resin hat*, dá a ideia de duratividade. O verbo

konsolida (consolidar, empréstimo do português), no trecho 41, não tem leitura temporal, mas há um marcador de aspecto “atu” que indica processo iminente.

Falante 1 – Trecho 40

ne'ebé	iha	tinan	sanulu	resin	hat	hotu	Fó	kontribuisaun
Que	ter	ano		quatorze		todos	dar	contribuição

port. que tem quatorze anos que todos dão contribuição

Falante 1 – Trecho 41

direta	no	indiretamente	atu	konsolida	pás	demokrásia	iha	ita-	nasaun
								nia	
direta	e	indiretamente	para	consolidar	paz	democracia	em	sua	nação

port. direta e indiretamente para consolidar a paz, democracia em sua nação

Falante 1 – Trecho 42

espesiál	mós	ba	veteranos	sira	antigos	kombatentes	hotu	ne'ebé
especial	também	para	veterano	+plural	antigos	combatentes	todos	que

port. Especialmente também para veteranos e antigos combatentes, todos que

No trecho 42, não temos a presença de verbo, advérbio e marcadores de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 43

prezente	iha	ne'e	prezidente da Repúblika	agradese	ho	fuan
presente	aqui		Presidente da República	agradece	com	coração

port. estão presentes aqui, Presidente da República agradece

No trecho 43, o uso do advérbio *iha nee* (aqui) nos dá a ideia de presente, uma vez que o uso da expressão naquele momento remete à ideia do “agora”.

Falante 1 – Trecho 44

no	laran	tomak	ba	ita-boot	sira	nia	prezensa	iha ne'e
e	interior	todo	para	senhor	+plural	+Pron Possessivo	presença	aqui

port. de todo o coração para os senhores vossa presença aqui

Associando os trechos 44 e 45, podemos fazer o mesmo raciocínio para o verbo *aproveita* (aproveitar, empréstimo do português). Ainda que saibamos que o evento ocorre no presente, temos o verbo *fó* antecedido de um marcador aspectual “hodi”, que indica evento em curso.

Falante 1 – Trecho 45

Prezidente da República	Aproveita	oportunidade	ida ne'e	hodi	fó	abertura	bá
Presidente da República	Aproveita	oportunidade	esta	de	dar	abertura	para

port. Presidente da República aproveita desta oportunidade dando abertura

Falante 1 – Trecho 46

sesaun	ida ne'e	Nian	no	hakarak	mós	informa
sessão	esta	De	e	querer	também	informar

port. desta sessão e quero também informar

No trecho 46, temos o verbo *hakarak* (querer) que tem uma leitura no presente, embora não haja nenhum marcador de tempo ou aspecto. Em relação ao verbo *informa* (informar, empréstimo do português), também não temos nenhuma relação de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 47

ba	ita boot	sira	katak	infelizmente	ou	felizmente	Prezidente da República
para	senhor	+plural	que	infelizmente	ou	felizmente	Presidente da República

port. para todos os senhores que infelizmente ou felizmente Presidente da República

No trecho 47, não temos nenhuma marcação de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 48

guerrilheiro	ida	kazu	84	ha'u	maka	lidera	hodi
guerrilheiro	um	caso	84	eu	que	liderar	+contínuo

port. é um guerrilheiro caso 84 eu que lidero

No trecho 48, temos o verbo *lidera* (liderar, empréstimo do português), que tem uma leitura no tempo presente, apesar de não contar com a presença de advérbio ou marcadores temporais. Há um marcador aspectual “hodi” que indica que o evento está em curso. Pode promover a tradução, em português, no gerúndio,

conforme se vê no trecho 49: ultrapassando. Esse mesmo trecho *fila fali mai* (vir a voltar novamente) é precedido de um marcador de tempo futuro - sei – que também tem um traço aspectual prospectivo.

Falante 1 – Trecho 49

Ultrapasa	kazu	ida ne'e	tanba	ne'e	ha'u	sei	fila fali	mai
Ultrapassar	caso	este	porque	esse	eu	+futuro	voltar novamente	vir

port. ultrapassando este caso porque esse pode vir a voltar novamente

Falante 1 – Trecho 50

informa	ba	ita boot	sira	hotu	kazu	ne'e
informar	para	senhor	+plural	todos	caso	esse

port. informo para todos os senhores nesse caso

O verbo *informa* (informar, empréstimo do português) tem uma leitura no presente, embora não tenha nenhum advérbio ou marcadores temporais ou aspectuais. O mesmo pode-se afirmar no trecho 51 para *akontese esforsu* (acontece esforço, empréstimo do português). Ainda no trecho 51, não temos marcação de tempo e aspecto para o verbo *halo* (fazer).

Falante 1 – Trecho 51

akontese	esforsu	ami-nian	halo	oinsá	difikuldade	saída
acontece	esforçar	nosso	fazer	como	dificuldade	quais

port. acontece nosso esforço para fazer o quê? quais dificuldades

Falante 1 – Trecho 52

Maka	hetan	nia	rohan	sai	oinsá	para	ita boot	sira	hotu
Que	encontrar	ele	extremidade	sair	como	para	senhor	eles	todos

port. que encontramos e como sair das extremidades para todos os senhores

O verbo *hetan* (encontrar) tem uma leitura no presente, embora não tenha nenhum advérbio ou marcadores temporais e aspectuais. O verbo *sai* (sair) não é marcado temporal e aspectualmente.

Falante 1 – Trecho 53

Hatene	hodi	fahe	ba	sira	hotu	ne'ebé	karik	la	haree
Saber	com	dividir	para	eles	todos	que	talvez	não	ver

port. saber compartilhar com todos que talvez não veem

Os verbos *hatene* (saber) e *fahe* (dividir) não têm marcadores temporais ou aspectuais. Já o verbo *haree* (ver) tem uma leitura no presente, precedido de um advérbio de dúvida *karik* (talvez).

Falante 1 – Trecho 54

televizaun	la	iha	oportunidade	bele	hatene	mós	kazu	ida
televisão	não	ter	oportunidade	poder	saber	também	caso	um

port. televisão, ou não têm oportunidade para poder saber também do caso

O verbo *iha* (ter) tem uma leitura no presente, sendo precedido de um advérbio de negação, mas não conta com marcadores temporais ou aspectuais. A locução verbal *bele hatene* (poder saber) não é marcada por tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 55

iha	istória	ita nian	ne'ebé	mós	asumi	importante
da	história	nossa	que	também	assumir	importante

port. de nossa história que também assume um importante

O verbo *asumi* (assumir, empréstimo do português) tem uma leitura no presente, embora não tenha nenhum advérbio ou marcadores temporais ou aspectuais.

Falante 1 – Trecho 56

Papel	ida	que	ha'u	bele	dehan	mansa	uitoan
Papel	um	que	eu	poder	dizer	manchar	pouco

port. papel, que eu posso dizer, mancha um pouco

O verbo *bele* (poder) tem uma leitura no presente precedido do pronome pessoal *ha'u* (eu) que, considerando a situação da fala, remete ao presente. Já para o verbo *dehan* (dizer), não temos relação de tempo e aspecto. O verbo *mansa*

(manchar, empréstimo do português) também tem uma leitura no presente, mas não conta com marcadores temporais ou aspectuais.

Falante 1 – Trecho 57

ita	nia	jornada	Ba	independensia	obrigado	barak	e	sesaun	nakloke
Sua		jornada	Para	independência	obrigado	muito	e	sessão	aberta
<i>port. sua jornada para independência. Muito obrigado e a sessão está aberta</i>									

No trecho 57, não temos nenhuma marcação de tempo e aspecto. É possível perceber que, na tradução, temos a palavra *nakloke*, traduzida como aberta, portanto, temos um adjetivo. É uma palavra formada do verbo *loke* (abrir) com prefixo *nak-*.

Falante 1 – Trecho 58

agradese	ba	señór	eis	primeiru	ministru	Mari Alkatiri	no	fundadór
agradecer	ao	senhor	ex	primeiro	ministro	Mari Alkatiri	e	fundador
<i>port. Agradeço ao senhor ex primeiro ministro Mari Alkatiri e um dos fundadores</i>								

O verbo *agradece* (agradecer, empréstimo do português) tem uma leitura no presente, embora não tenha nenhum advérbio ou marcadores temporais ou aspectuais. Vale dizer, que o interlocutor fala que “agradece”. Novamente, chamamos a atenção para o fato de um pronunciamento em primeira pessoa revelar a presentificação do tempo.

Falante 1 – Trecho 59

Ida	Falintil	nian	hodi	aseita	mai	modera	em	Parseria
Um	Falintil	da	+contínuo	aceitar	vir	moderar	em	Parceria
<i>port. da FALINTIL aceitando vir moderar em parceria</i>								

No trecho 59, o verbo *aseita* (aceitar, empréstimo do português) tem uma leitura no presente, apesar de não apresentar marcadores de tempo. Mas há um marcador aspectual “hodi”, que indica um evento em curso.

Falante 1 – Trecho 60

eis	Vise presidente	Parlamentu nasional	no	doutor	Rui Araújo	ami	Agradese
ex	vice presidente	Parlamento nacional	e	doutor	Rui Araújo	nós	Agradecer

port. ex vice-presidente Parlamento Nacional e doutor Rui Araújo agradecemos

O verbo *agradese* (agradecer, empréstimo do português) tem leitura no presente, apesar de não contar com nenhum advérbio ou marcadores de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 61

ita	boot	na'in-tolu	nia	dispozisaun	laran	luak	hodi	modera	eventu	ida
Senhor	três	ele	disposição	interior	largo	+contí	moderar	evento	este	ne'e

port. os três senhores pela disposição de coração grande moderando este evento

No trecho 61, temos o verbo *modera* (moderar, empréstimo do português), seguindo “hodi”, o qual não é marcador de tempo, mas é de aspecto, ou seja, dá ideia de processo em curso, contínuo.

Falante 1 – Trecho 62

Obrigado	barak	ami	hato'o	ba	eselensia	señor	Prezidente da Repúblika
Obrigado	muito	nós	dirigir	para	excelência	senhor	Presidente da República

port. Muito obrigado dirigimos para excelência senhor Presidente da República

No trecho 62, temos o verbo *hato'o* (dirigir) que tem uma leitura no presente, apesar de não contar com a presença de marcadores de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 63

Ita	hotu	rona	tiha	ona	Konaba	polémika	ida ne'e
Você	todo	ouvir	+passado	+passado	sobre	polêmica	este

port. Vocês todos ouviram sobre esta polêmica

No trecho 63, temos o verbo *rona* (ouvir) que é seguido de um marcador de tempo passado *tiha ona*. A expressão reforça o aspecto perfectivo do tempo pretérito.

Falante 1 – Trecho 64

polémika	ida	Que	mosu	hosi	señor	eis	Komandante	Xanana Gusmão
polêmica	um	Que	surgir	com	senhor	ex	comandante	Xanana Gusmão

port. uma polêmica que surge com senhor ex comandante Xanana Gusmão

Podemos perceber, no trecho 64, que o verbo *mosu* (surgir) tem leitura no tempo presente e não há presença de advérbio ou marcadores de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 65

Ho	señor	Eis	komandante	Mauk Moruk
Com	senhor	ex	comandante	Mauk Moruk

port. com senhor ex comandante Mauk Moruk

No trecho 65, não temos nenhuma marcação de tempo e aspecto.

Falante 1 – Trecho 66

Ne'e duni	Polémika	ida	orsida	ita	sei	rona	liu	tan	tuur
		ne'e							
Portanto	Polêmica	Esta	mais	nós	+futuro	ouvir	mais	muito	concordar
			tarde						

port. Portanto, esta polêmica mais tarde ouviremos muito mais e concordarão

No trecho 66, temos o verbo *rona* (ouvir), precedido de um marcador de tempo futuro e de noção aspectual prospectiva - *sei*. Esse marcador dá a noção de futuro e de que o processo verbal ainda não atingiu o ponto final. “Sei” também dará a noção de futuro para o verbo *tuur* (concordar). Vale dizer que “orsida” (mais tarde) precede os dois verbos e mesmo o marcador “ona”. De acordo com Hull & Eccles (2001, p. 133), “sei” marca um processo que já foi iniciado. Funciona, de acordo com os autores, como o “ainda” em português. Se observarmos a árvore de Cinque (1999, p. 106) em que temos o advérbio “ainda”, veremos que ele seria um advérbio de aspecto continuativo “[*still Asp* continuative]”.

Falante 1 – Trecho 67

señor	hatete	tiha	ona	ita	mós	sei	ko'alia
senhor	dizer	+passado	+passado	nós	também	+futuro	falar

port. (com que o) senhor disse e também falaremos

No trecho 67, temos o verbo *hatete* (dizer), seguido de um marcador de tempo passado e marcador de aspecto perfectivo - *tíha ona*. Esse marcador reforça o aspecto perfectivo do tempo pretérito. Ainda no trecho 67, temos o verbo *ko'alia* (falar) com o marcador de tempo futuro e de aspecto prospectivo anteposto.

Falante 1 – Trecho 68

Tuir	Orden	ne'ebé	sei	fó	tuir	mai	ha'u
Concordar	Ordem	que	+futuro	dar	concordar	para	eu

port. concordaremos com a ordem e deve concordar comigo

No trecho 68, temos o verbo *tuir* (concordar), que também é marcado pelo *sei* anteriormente utilizado para marcar o verbo *ko'alia* (falar). Já na locução verbal *fó tuir* (deve concordar), o uso do *sei* anterior expressa uma obrigatoriedade da ação.

Falante 1 – Trecho 69

hakarak	konvida	dala	ida	tan	se	señor	Mauk Moruk
Querer	convidar	vez	uma	mais	se	senhor	Mauk Moruk

port. quero convidar mais uma vez o senhor Mauk Moruk

No trecho 69, a locução verbal *hakarak konvida* (quero convidar) tem uma leitura no presente, apesar de não contar com nenhum marcador temporal ou aspectual.

Falante 1 – Trecho 70

iha ne'e	Karik	atu	bele	hakaat	liu	mai	iha	oin
Aqui	talvez	para	poder	corrigir	mais	para	a	frente

port. aqui para talvez poder corrigir para mais a frente

No trecho 70, a locução verbal *bele hakaat* (poder corrigir) precedida da preposição *atu*, não tem marcação de tempo, mas há marcador de aspecto “atu”, que indica processo verbal iminente.

Falante 1 – Trecho 71

Se	La	iha	tempu	ha'u	sei	intrega	tomak
Se	Não	ter	tempo	eu	+futuro	entrega	todo

port. se não tiver tempo eu entregarei

Podemos notar que o uso do verbo *ter* se dá sem marcação de tempo e aspecto. Já para o verbo *intrega* (entrega, empréstimo do português), há o marcador *sei* que marca o tempo futuro e aspecto prospectivo e se encontra antes do verbo.

Falante 1 – Trecho 72

Ba	iha	señor	Alkatiri	atu	bele	modera	diskusaun	ida	ba	oin
								ne'e		
para	o	senhor	Alkatiri	para	poder	moderar	discussão	esta	para	frente

port. para o senhor Alkatiri para poder moderar esta discussão mais a frente

No trecho 72, a locução verbal *bele modera* (poder moderar), precedida da preposição *atu*, não tem marcação de tempo, mas há marcador de aspecto “atu” que indica processo verbal iminente.

Falante 1 – Trecho 73

Halo	favor!
Fazer	Favor

Faça o favor!

No trecho 73, o verbo *halo* (fazer) tem a leitura de modo imperativo.

7.1.2 Fala de Mari Alkatiri (Falante 2)

A seguir, apresentaremos os trachos do discurso do segundo falante.

Falante 2 – Trecho 74

Obrigado	eselensias	senõr	prezidente	eselensias	Hotu	señor	Primeiru
							minustru
Obrigado	excelências	senhor	presidente	excelências	Todos	senhor	Primeiro
							ministro

port. Obrigado excelências senhor presidente, todas as excelências, Senhor Primeiro Ministro

Nos trechos 74, anterior, e 75 e 76, posteriores, não temos nenhuma marcação de tempo e aspecto.

Falante 2 – Trecho 75

vise prezidentes parlamentu	prezidente	tribunal de rekursu	eis titulares
Vice presidentes parlamento	presidente	tribunal de recurso	ex titulares
<i>port. vice presidentes parlamento, presidente Tribunal de Recurso, ex titulares</i>			

Falante 2 – Trecho 76

membrus governu	membrus parlamentu	buiberes	mauberres	tomak
Membros do governo	Membros parlamento	buiberes	mauberres	todos
<i>port. membros do governo, membros do parlamento, buiberes, mauberres, todos</i>				

Falante 2 – Trecho 77

Ha'u	husu	deskulpa	mas	hau	bolu	hanesan	ne'e
Eu	pedir	desculpa	mas	eu	chamar	igual	aqui
<i>port. Eu peço desculpa, mas eu chamo igualmente aqui</i>							

No trecho 77, o verbo *husu* (pedir) e o verbo *bolu* (chamar) têm leitura no presente, apesar de não apresentarem nenhum marcador de tempo e aspecto.

Falante 2 – Trecho 78

Hau	hakarak	antes	atu	Fó	Tempu	ba	irmaun	Xanana
Eu	querer	antes	para	Dar	Tempo	de	irmão	Xanana
<i>port. quero antes para dar o tempo do irmão Xanana</i>								

No trecho 78, o verbo *hakarak* (querer) tem leitura no presente, mesmo não apresentando nenhum marcador de tempo e aspecto. Já para o verbo *fó* (dar) precedido de preposição, não há relação de tempo, mas há marcador de aspecto “atu” que indica processo verbal iminente.

Falante 2 – Trecho 79

Hau	la	dehan	primeiru ministru	porque	la	mai	iha ne'e
Eu	não	dizer	Primeiro ministro	porque	não	vir	aqui
<i>port. eu não digo Primeiro Ministro porque não vim aqui</i>							

No trecho 79, os verbos *dehan* (dizer) e *mai* (vir) têm leitura no presente, apesar de não ter nenhum marcador de tempo e aspecto. Vale dizer, como já fizemos anteriormente, que o fato de o locutor estar expressando o trecho acima, sugere uma presentificação do tempo.

Falante 2 – Trecho 80

Diskuti	sasan	governu	nian	antes	hau	fó	tempu	ba	irmaun	Xanana
discutir	coisas	governo	do	antes	eu	dar	tempo	ao	irmão	Xanana

port. discutir coisas do governo, antes de eu dar o tempo ao irmão Xanana

Podemos notar, no trecho 80, que o verbo *diskuti* (discutir, empréstimo do português) não tem marcação de tempo e aspecto, bem como o verbo *fó* (dar).

Falante 2 – Trecho 81

Hau	hakarak	dehan	deit	Ba	povu	tomak	ba	Timor-Leste
Eu	querer	dizer	só	Ao	povo	todo	de	Timor-Leste

port. quero dizer só a todos o povo de Timor-Leste

Na locução verbal evidenciada no trecho 81, *hakarak dehan* (quero dizer), há leitura no presente, mesmo não apresentando marcação temporal e aspectual.

Falante 2 – Trecho 82

ne'ebé	akompañã	ita	Ohin	ha'u	simu	sms	balun
Que	acompanhar	nos	Hoje	eu	receber	sms	vários

port. que nos acompanha hoje, eu recebi vários sms

O verbo *akompañã* (acompanha, empréstimo do português) pode ter uma leitura no presente devido ao uso do advérbio de tempo *ohin* (hoje) localizado posteriormente ao verbo. Já o verbo *simu* (receber) tem leitura no passado, mesmo não apresentando marcação temporal e aspectual. Tal leitura no passado deve-se ao fato de o falante estar falando algo e, obviamente, ele já recebeu tal mensagem antes do proferimento.

Falante 2 – Trecho 83

Tur	hakmatek	ba	buat ida	sei	la	akontese
sentar	sossegar	para	alguma coisa	+futuro	não	acontece

port. e sentar sossegado para alguma coisa, não acontecerá

No trecho 83, o verbo *tur* (sentar) não tem marcação de tempo e aspecto. Em tétum, há um verbo *hakmatek* (sossegar), mas aqui nos parece que tal palavra funciona como adjetivo (como também é permitido no português). Já o verbo *akontese* (acontece, empréstimo do português) é antecedido do marcador *sei*, que expressa ideia de futuro e aspecto prospectivo.

Falante 2 – Trecho 84

ne'e	normal	prosesu	normal	lta	atu	klarifika	dadus	faktus
Aqui	normal	processo	normal	nós	para	clarificar	dados	fatos

port. aqui normal, processo normal para clarificarmos dados, fatos

O verbo *klarifika* (clarificar, empréstimo do português), no trecho 84, tem leitura no presente, apesar de não ter nenhum marcador de tempo. Entretanto, aqui há um marcador de aspecto “atu”, que sugere um processo verbal iminente.

Falante 2 – Trecho 85

Istoria	ninian	se	ita	la	halo	ohin	abanbainrua
história	sua	se	Nós	não	fazer	hoje	daqui em diante

port. da sua história, se nós não fizermos hoje, daqui em diante

No trecho 85, o verbo *halo* (fazer) tem leitura no presente e isso é dado pelo advérbio de tempo (*ohin*), que está à direita do verbo. O uso de *abanbainrua* (daqui em diante) encaminha para uma leitura no futuro do verbo *halo* (fazer), no trecho 86, que também conta com o marcador *sei*, dando a ideia de tempo futuro e aspecto prospectivo (ideia de que o processo ainda não atingiu o ponto final). Salientamos que tanto *abanbainrua* (daqui em diante), quanto *sei* localizam-se à esquerda do verbo. O uso da palavra *tenki* (proveniente da expressão portuguesa “ter que”), no trecho 86 a seguir, expressa obrigatoriedade de ação, mas, com o uso do advérbio de negação *keta* (não), apenas serve para mostrar que seria obrigatória. Ainda no trecho 86, *halo* (fazer) não tem marcação de tempo e aspecto.

Falante 2 – Trecho 86

Keta	Ita	tenki	sei	halo	nafatin	di'ak	liu	Halo
Não	nós	tem	+futuro	fazer	sempre	Bem	muito	Fazer
		que						

port. não nos terá que fazer sempre muito bem, fazer

Falante 2 – Trecho 87

kuandu	ema	balun	que	partisipa	ba	atores	prosesu	ne'e
quando	pessoa	várias	que	participar	de	atores	processo	aqui

port. quando várias pessoas que participarão aqui de atores do processo

No trecho 87, há uma continuidade de uma ideia no futuro de um debate que inicia quando se apresentou *abanbainrua* (daqui em diante) – no trecho 85. Dessa forma, no discurso, o verbo *partisipa* (participar, empréstimo do português) tem leitura no futuro, apesar de não apresentar nenhuma marcação temporal ou aspectual no trecho. Importante dizer que, neste trecho e no anterior, o locutor hesita bastante em sua fala.

Falante 2 – Trecho 88

sei	moris	duke	ita	atu	halo	abanbainrua
+futuro	viver	direito	nós	para	fazer	daqui em diante

port. viverá o direito para fazer daqui em diante

No trecho 88, o verbo *moris* (viver) tem leitura no futuro, pois é precedido do marcador *sei* que expressa a ideia de futuro e aspecto prospectivo. Ainda no trecho 88, podemos perceber o verbo fazer seguindo o marcador de aspecto “*atu*” (para), que indica um processo verbal iminente, mas não há nenhuma marcação temporal. Por fim, verificamos a presença de *abanbainrua* (daqui em diante) ao final.

Falante 2 – Trecho 89

kuandu	atores	sira	laiha	ona	tanba	ne'e	ha'u
quando	atores	+plural	não ter	advérbio	porque	aqui	eu

port. quando atores já não estiverem, porque aqui eu

No trecho 89, temos o verbo *laiha* (já não estiverem) tem leitura no futuro do subjuntivo. Interessante observar que o marcador de passado *ona*, normalmente posposto ao verbo, aqui também nesta posição não parece indicar tempo e nem aspecto. Em Hull & Eccles (2001, p. 127), há uma observação indicando o “ona” com verbos negativos, que é o caso aqui, e que equivaleria a uma expressão adverbial “já não”. Acreditamos que esta é a tradução de tal partícula nesta sentença.

Falante 2 – Trecho 90

Mós	lamenta	tanba	irmaun	Mauk Moruk	la	mai
também	lamentar	porque	irmão	Mauk Moruk	não	vir
<i>port. também lamento porque irmão Mauk Moruk não vem</i>						

O verbo *lamenta* (lamentar, empréstimo do português), no trecho 90, tem leitura no presente e não apresenta nenhum marcador de tempo e aspecto. No trecho 91, o verbo *tau* (colocar), seguindo o marcador de aspecto “*atu*” (para), embora não haja marcador de tempo. O mesmo acontece com o verbo *apresenta* (apresentar, empréstimo do português). Ainda no trecho 91, temos o verbo *lamenta* (lamentar, empréstimo do português) que tem leitura no presente, apesar de não apresentar nenhuma marcação temporal ou aspectual.

Falante 2 – Trecho 91

Atu	tau	apresenta	ninia	versaun	ha’u	Lamenta	tebes
Para	colocar	apresentar	sua	versão	eu	Lamentar	muito
<i>port. para colocar, apresentar sua versão, lamento muito</i>							

Falante 2 – Trecho 92

ha’u	hanoin	katak	sei	iha	tempu	karik	abanbainrua	diak liu
eu	pensar	que	+futuro	ter	tempo	se	daqui em diante	melhor
<i>port. pensarei que terá tempo melhor se depois</i>								

No trecho 92, o verbo *hanoin* (pensar) tem uma leitura no futuro apesar da quebra entre o marcador de futuro e de aspecto prospectivo *sei* realizada pela conjunção *katak* (que), o referido marcador anteposto ao verbo *iha* (ter) encaminha para uma leitura no futuro.

Falante 2 – Trecho 93

Irmaun	Mauk Moruk	partisipa	iha	prosesu	ida ne'e
Irmão	Mauk Moruk	participar	em	processo	este

port. irmão Mauk Moruk participar neste processo

No trecho 93, o verbo *partisipa* (participar, empréstimo do português) não tem marcação de tempo e aspecto. No trecho 94, temos o verbo *tau* (colocar) que segue o marcador aspectual “*atu*”, que indica processo verbal iminente.

Falante 2 – Trecho 94

para	ita	atu	tau	ita-nia	istória	iha	ninia	fatin	rasik
para	nós	para	colocar	nossa	história	em	dele	lugar	pessoalmente

port. conosco para colocar nossa história neste lugar pessoalmente

Falante 2 – Trecho 95

koalia	badak	deit	hanesan ne'e	ha'u	hakarak	konvida
falar	breve	só	assim	eu	querer	convidar

port. falar brevemente, assim quero convidar

O verbo *koalia* (falar) não tem marcação de tempo e aspecto no trecho 95. Ainda neste trecho, a locução verbal *hakarak konvida* (querer convidar) tem leitura no presente mesmo não tendo nenhum marcador de tempo e aspecto.

Falante 2 – Trecho 96

Irmaun	Kay Rala Xanana Gusmão	para	mai	tanba	Iha	dokumentu	ida
Irmão	Kay Rala Xanana Gusmão	para	vir	porque	Ter	documento	um

port. o irmão Kay Rala Xanana Gusmão para vir porque tem um documento

No trecho 96, o verbo *mai* (vir), precedido da preposição *para* (para, empréstimo do português), não tem relação de tempo e aspecto.

Falante 2 – Trecho 97

preparadu	hosi	grupu	ida	bolu	nia	naran	Konsellu Revolusaun
preparado	com	grupo	um	chamar	de	nome	Conselho de Revolução

port. preparado com um grupo chamado Conselho de Revolução

Com o uso do verbo *preparadu* (preparado, empréstimo do português) flexionado o verbo *bolu* (chamar) no mesmo trecho acaba tendo leitura no participípio.

Falante 2 – Trecho 98

ida ne'e	iha	haruka	dokumentus	balu	Tuir	ba	Krize 84
Este	que	mandar	documentos	alguns	Seguir	de	Crise 84
<i>port. este que mandou alguns documentos da Crise de 84</i>							

No trecho 98, o verbo *haruka* (mandar) tem leitura no passado por se referir a algo ocorrido sinalizado por “documentos da Crise de 84”.

Falante 2 – Trecho 99

e depois	Iha	mós	parte	segunda	Parte	terseira	koloka
e depois	Ter	também	parte	segunda	Parte	terceira	colocar
<i>port. e depois tem também parte, segunda parte e terceira coloca</i>							

No trecho 99, *iha* (ter) e *koloka* (colocar, empréstimo do português) têm leitura no presente, e não tem nenhum marcador de tempo e aspecto.

Falante 2 – Trecho 100

ezijênsia	Balu	ba	situasaun	atual	Tanba	ne e	argumentu
exigência	Algum	da	situação	atual	Porque	aqui	argumentar
<i>port. algumas exigências da situação atual porque aqui argumenta</i>							

No trecho 100, *argumentu* (argumentar, empréstimo do português) tem leitura no presente, e não tem nenhum marcador de tempo e aspecto.

Falante 2 – Trecho 101

ba	84	ninian	bele	dehan	Nia	fokus	ba
A	84	nossa	poder	dizer	Seu	foco	a
<i>port. 84 a nossa pode dizer seu foco a</i>							

No trecho 101, a locução verbal *bele dehan* (pode dizer) tem leitura no presente, apesar de nenhuma marcação de tempo e aspecto.

Falante 2 – Trecho 102

Figura	irmaun	Kay Rala Xanana Gusmão	Nian	Hau	konvida
Figura	irmão	Kay Rala Xanana Gusmão	Do	Eu	convidar

port. figura do irmão Kay Rala Xanana Gusmão convidado o

No trecho 102, o verbo *konvida* (convidar, empréstimo do português) tem leitura no presente. Já no trecho 103, precedido do marcador aspectual “*atu*”, que, quando usado antes de um verbo, expressa um desejo ou uma finalidade, há a sequência dos três verbos *bele mai apresenta* (poder vir apresentar). Não há marcação de tempo.

Falante 2 – Trecho 103

irmaun	Kay Rala Xanana Gusmão	atu	bele	mai	apresenta	nia
irmão	Kay Rala Xanana Gusmão	para	Poder	vir	apresentar	a

port. irmão Kay Rala Xanana Gusmão para poder vir apresentar a

Falante 2 – Trecho 104

resposta	ba	dokumentus	Sira	ne'e
resposta	do	documentos	+plural	aqui

port. resposta dos documentos aqui.

No trecho 104, não há marcação de tempo e aspecto.

7.2 Análise dos dados

Nesta seção, procederemos à análise dos dados obtidos e, para isso, lembremos dos nossos objetivos:

- a) realizar um trabalho descritivo acerca das categorias tempo e aspecto da língua tétum-praça;
- b) promover um estudo que vise a verificar a relação de marcadores e advérbios em tétum-praça com as categorias: tempo e aspecto.
- c) relacionar, à luz da teoria gerativa, os resultados obtidos no estudo do tétum-praça à hierarquia de núcleos funcionais, proposta por Cinque (1999), e o estudo feito por Rocha e Lopes (2015).

Abaixo tabulamos os dados de forma a organizar a análise e retomarmos apenas os casos de tempo e aspecto a partir da transcrição apresentada anteriormente.

**Quadro 21 – Tabulação dos dados
Marcadores Verbais**

Tempo	Aspecto
sei + verbo	atu (para) + verbo
<p>Falante 1 – Trecho 49 ultrapasa kazu ida ne'e tanba ne'e hau sei fila fali mai <i>port. ultrapassando este caso porque esse pode vir a voltar novamente</i></p> <p>Falante 1 – Trecho 66 Ne'e duni polémika ida ne'e orsida ita sei rona liu tan tuir <i>port. Portanto, esta polêmica mais tarde ouviremos muito mais e concordarão</i></p> <p>Falante 1 – Trecho 67 señor hatete tiha ona ita mós sei ko'alia <i>port. (com que o) senhor disse e também falaremos</i></p> <p>Falante 1 – Trecho 68 tuir orden ne'ebé sei fó tuir mai ha'u <i>port. concordaremos com a ordem e deve concordar comigo</i></p> <p>Falante 1 – Trecho 71 Se la iha tempu ha'u sei intrega tomak <i>port. se não tiver tempo eu entregarei</i></p> <p>Falante 2 – Trecho 83 Tur hakmatek ba buat ida sei la akontese <i>port. e sentar sossegado para alguma coisa, não acontecerá</i></p> <p>Falante 2 – Trecho 86 Keta ita tenki sei halo nafatin di'ak liu halo <i>port. não nos terá que fazer sempre muito bem, fazer</i></p>	<p>Falante 01 – Trecho 19 atu partisipa iha enkontru ida ne'e hodi klarifika uitoan <i>port. para participar neste encontro clareando um pouco</i></p> <p>Falante 01 – Trecho 25 Mauk lakon oportuna ida mesak atu bele mai iha ne'e <i>port. Mauk perde única oportunidade de poder vir aqui</i></p> <p>Falante 1 – Trecho 30 atu ajuda dezenvolve Timor maibé mai atu halo revolusaun <i>port. para ajudar a desenvolver Timor, mas vem para fazer revolução</i></p> <p>Falante 1 – Trecho 41 direta no indiretamente atu konsolida pás demokrásia iha ita-nia nasaun <i>port. direta e indiretamente para consolidar a paz, democracia em sua nação</i></p> <p>Falante 1 – Trecho 70 iha ne'e karik atu bele hakaat liu mai iha oin <i>port. aqui para talvez poder corrigir para mais a frente</i></p> <p>Falante 1 – Trecho 72 ba iha señor Alkatiri atu bele modera diskusaun ida ne'e ba oin <i>port. para o senhor Alkatiri para poder moderar esta discussão mais a frente</i></p>

<p>Falante 2 – Trecho 88 sei moris duke ita atu halo abanbainrua <i>port. viverá o direito para fazer daqui em diante</i></p>	<p>Falante 2 – Trecho 78 Hau hakarak antes atu fó tempo ba irmaun Xanana <i>port. quero antes para dar o tempo do irmão Xanana</i></p> <p>Falante 2 – Trecho 84 ne'e normal prosesu normal ita atu klarifika dadus faktus <i>port. aqui normal, processo normal para clarificarmos dados, fatos</i></p> <p>Falante 2 – Trecho 88 sei moris duke ita atu halo abanbainrua <i>port. viverá o direito para fazer daqui em diante</i></p> <p>Falante 2 – Trecho 91 atu tau apresenta ninia versaun hau lamenta tebes <i>port. para colocar, apresentar sua versão, lamento muito</i></p> <p>Falante 2 – Trecho 94 para ita atu tau ita-nia istória iha ninia fatin rasik <i>port. conosco para colocar nossa história neste lugar pessoalmente</i></p> <p>Falante 2 – Trecho 103 Irmaun Kay Rala Xanana Gusmão atu bele mai apresenta nia <i>port. irmão Kay Rala Xanana Gusmão para poder vir apresentar a</i></p>
verbo + tiha ona (+passado)	hodi (processo contínuo) + verbo
<p>Falante 1 – Trecho 63 ita hotu rona tiha ona konaba polémika ida ne'e <i>port. vocês todos ouviram sobre esta polémica</i></p> <p>Falante 1 – Trecho 67 señor hatete tiha ona ita mós sei ko'alia <i>port. (com que o) senhor disse e também falaremos</i></p>	<p>Falante 1 – Trecho 13 Lori ita-nia nasaun ba oin hodi fó onra <i>port. levar seu país para frente para dar honra</i></p> <p>Falante 01 – Trecho 19 atu partisipa iha enkontru ida ne'e hodi klarifika uitoan <i>port. para participar neste encontro clareando um pouco</i></p> <p>Falante 1 – Trecho 45 Prezidente da Repúblika aproveita</p>

NEG + verbo + ona (advérbio)	oportunidade ida ne'e hodi fó abertura ba
Falante 2 – Trecho 89 kuandu atores sira laiha ona tanba ne'e ha'u <i>port. quando atores já não estiverem, porque aqui eu</i>	<i>port. Presidente da República aproveita desta oportunidade dando abertura</i>
verbo + ona (+passado)	Falante 1 – Trecho 48 guerilheiro ida kazu 84 ha'u maka lidera hodi <i>port. é um guerrilheiro caso 84 eu que lidero</i>
Falante 1 – Trecho 15 hanesan ita mas mate hotu ona hodi fila <i>port. mesmo de nós, mas morreram para voltar</i>	Falante 1 – Trecho 59 ida Falintil nian hodi aseita mai modera em parseria <i>port. da FALINTIL aceitando vir moderar em parceria</i>
	Falante 1 – Trecho 61 ita boot na'in-tolu nia dispozisaun laran luak hodi modera eventua ida ne'e <i>port. os três senhores pela disposição de coração grande moderando este evento</i>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa

7.3 Discussão dos dados

Conforme foi percebido no quadro anterior, os elementos que marcam Tempo e Aspecto encontrados nos discursos analisados não foram muito numerosos.

Em relação aos marcadores/advérbios marcando a categoria tempo, a partir dos trechos transcritos, podemos notar que o presente não necessariamente precisa de um marcador ou advérbio. Quando há marcação, esta apresenta-se como ênfase para o que é dito, conforme verificamos em

Falante 1 – Trecho 5

Konvidadu	tomak	ohin	loron	importante	tebes	ba	Timor
Convidado	+plural	hoje	dia	importante	+intensidade	para	Timor

port. Convidados hoje é um dia muito importante para Timor

Aparentemente, o tempo presente parece ser um tempo *default*, ou seja, não marcado. Por isso, não se coloca nenhum outro marcador de tempo, que, geralmente, é de passado ou de futuro, o tempo é considerado presente. Essa

noção parece ser ainda marcada uma primeira vez no início do discurso e, então, é retomada anaforicamente.

Outra observação interessante que se pode fazer é: o advérbio, normalmente, designador de espaço, acaba por caracterizar o tempo presente. Vejamos o exemplo:

Falante 1 – Trecho 6

ba	ita	tanba	ita	bele	halibur	Na	iha ne'e
para	nós	porque	nós	pode	reunir	pron. se	aqui
<i>port. para nós, porque podemos reunir-se aqui</i>							

O advérbio “aqui” acaba por localizar não só o espaço, mas também o tempo, isto é, presentifica o momento. Esse fenômeno é muito comum nos processos de gramaticalização, em que se observam constituintes destinados a localizar algo no espaço passando a ser localizador no tempo também.

Os tempos passado e futuro ocorrem com a presença de marcadores e advérbios. Em nosso *corpus*, encontramos “sei”, marcador de futuro, e “ona” e “tiha ona” marcadores de passado. “Sei” é encontrado à esquerda do verbo e “ona” e “tiha ona” são encontrados à direita do verbo.

Temos ainda um marcador de tempo mais passado que o passado que é o *liubá*, tal como ocorre em:

Falante 1 – Trecho 8

semana	hira	liuba	book	ema	hotu	Nia	atensaun
semana	+indefinido	+passado	mexer	pessoa	todos	3ª Sing.	atenção
<i>port. algumas semanas que mexeu com a atenção de todas as pessoas</i>							

Vale dizer, que tanto o marcador de futuro quanto o de passado parecem acumular noções de tempo e de aspecto, de acordo com nossas análises.

Passemos aos marcadores de aspecto encontrados em nossa pesquisa: “atu” e “hodi”. O primeiro, muitas vezes, traduzido como preposição, pode dar a ideia de aspecto iminentivo, ou seja, o que está a ponto de acontecer, algo que está próximo. Em nosso aporte teórico, não fizemos detalhamento de subtipos de aspecto, mas essa é uma noção aspectual importante no *corpus* analisado. Vale dizer, que o marcador de aspecto iminentivo *atu* pode ser considerado como marcador de modo *irrealis*. O modo *irrealis* se opõe ao *realis*. Este expressa um evento factual, o

primeiro, portanto, algo não factual, não realizado e, de um modo geral, é traduzido por “subjuntivo”. Então, parece que o marcador “atu” acumula noções de aspecto e de modo também.

O outro marcador aspectual encontrado em nosso *corpus* é “hodi”, que indica que um processo está em curso, em progresso, portanto, uma ideia de atelicidade e de imperfectividade.

Dentro deste espírito de verificarmos a noção de cumulatividade, nossa análise sugere que o marcador “sei” acumula noções de tempo futuro e de aspecto prospectivo. O marcador *tiha ona* também parece acumular noções de tempo e de aspecto, já que, nas leituras feitas das sentenças em que tal constituinte aparecia, havia a expressão de passado mais distante que o passado e é uma junção de um perfectivo *tiha* ‘PERF’ e ingressivo *ona* ‘ING’.

Temos, por fim, a configuração dos marcadores de nosso *corpus*:

Quadro 22 – Configuração dos marcadores de nosso corpus

SEI + verbo → expressa noção de tempo futuro e de aspecto prospectivo.
verbo + TIHA ONA (+passado) → expressa noção de tempo passado e de aspecto perfectivo e ingressivo.
NEG + verbo + ONA (advérbio) → expressa noção de tempo passado.
verbo + ONA (+passado) → expressa noção de tempo passado.
LIUBA + verbo → expressa noção de tempo passado.
ATU + verbo → introduz noção aspecto iminentiva.
HODI + verbo → introduz noção aspectual contínua.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa

Promovendo uma articulação com a teoria trazida em nosso trabalho, verificamos que os marcadores e advérbios de tempo, em tétum-praça, funcionam como categorias funcionais. Assim sendo, os nossos dados aproximam-se da proposta de Cinque que propõe que sintagmas adverbiais se relacionem a núcleos funcionais, integrando projeções máximas. Portanto, parece que “sei”, “ona”, “tiha ona”, “liubá”, “atu” e “hodi” denotariam o que em português se faz por meio de morfemas. Entretanto, conforme vislumbrado no esquema anterior, há marcadores/advérbios que apareceriam à direita do verbo e tais constituintes

temporais e/ou aspectuais não poderiam estar na posição de especificador de um nóculo flexional, tal como a proposta de Cinque se dá.

Observando a proposta de Rocha e Lopes, que sugerem que advérbios ocupam uma posição à esquerda ou à direita de uma projeção máxima, portanto, expandindo tal projeção, poderia denotar noções diversas, dentre elas a de aspecto e de tempo. Parece-nos que, diante dos dados obtidos nesta pesquisa, a explicação das autoras é mais adequada.

Assim sendo, podemos apresentar algumas considerações a respeito do que foi verificado:

- a) Tempo presente não é marcado em tétum-praça.
- b) Tempos passado e futuro, quase sempre, são marcados por um marcador ou advérbio de passado e futuro, respectivamente.
- c) Os marcadores de tempo futuro *sei*, de tempo passado *liubá*, de aspecto iminentivo *atu*, de aspecto contínuo *hodi*, localizam-se à esquerda do verbo.
- d) Em nosso *corpus*, somente os marcadores de passado *ona* e *tiha ona* localizam-se à direita do verbo.
- e) Os marcadores de tempo podem acumular noções de tempo e de aspecto.

Ademais , podemos nos remeter à gramática de tétum-praça de Hull e Eccles (2001) que assinalam:

Se o tempo verbal é tomado como indicação de um determinado tempo em relação ao presente, devemos concluir que o tempo não é marcado de forma explícita no verbo tétum. (...) Consequentemente, consideraremos os marcadores verbais como marcadores de modo e aspecto, mas não de tempo.

Não existe uma clara demarcação em relação ao modo e aspecto (nem, como já vimos, em relação ao tempo). Talvez haja uma certa arbitrariedade ao estudar certos tópicos neste capítulo em vez de noutro qualquer. No entanto, sentimos que estes “marcadores verbais” pertencem a este capítulo em vez de, por exemplo, ao dos adverbiais, já que, ao invés destes, os “marcadores verbais” estão fortemente restritos na sua posição em relação ao verbo. (HULL & ECCLES, 2001, p. 120-121)

De acordo com nossa análise, os marcadores que, muitas vezes, determinam o aspecto da sentença são os mesmos que determinam o tempo. Portanto, os marcadores e advérbios em tétum-praça são de extrema importância, primeiramente, porque funcionam como o elemento que localiza um evento, situação

ou processo no tempo. Em segundo lugar, porque parecem acumular funções. São advérbios que atuam na camada flexional da língua tétum-praça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve o objetivo de estudar tempo e aspecto na língua tétum-praça. Para tanto, elegeram-se os objetivos:

- realizar um trabalho descritivo acerca das categorias tempo e aspecto da língua tétum-praça;
- promover um estudo que vise a verificar a relação de marcadores e advérbios em tétum-praça com as categorias: tempo e aspecto.
- relacionar, à luz da teoria gerativa, os resultados obtidos no estudo do tétum-praça à hierarquia de núcleos funcionais, proposta por Cinque (1999), e o estudo de Rocha & Lopes (2015).

Delineamos o arcabouço da teoria gerativa, apresentando seus pressupostos teóricos e o modo como uma sentença é derivada. Em seguida, apresentamos um aporte teórico sobre tempo e aspecto. Para a primeira noção, usamos Comrie (1985), Corôa (2005), que fez uma leitura de Reichenbach (1948) e traz a adaptação da teoria para o português. Em relação à noção aspectual, remetemo-nos a Vendler (1967), Travaglia (2006), Comrie (1976) e Smith (1983). Verificamos que há aspecto lexical/semântico, que expressa as noções de telicidade e atelicidade, e aspecto gramatical, que denota as noções de perfectividade e imperfectividade. Em seguida, fizemos uma explanação de algumas das principais categorias gramaticais mais gerais da língua tétum-praça, além de trazer as categorias tempo e aspecto em tal língua. Vimos que as categorias de tempo e de aspecto em tétum-praça não ocorrem como morfemas tal como ocorrem em português. Tais categorias podem se manifestar, em tétum-praça, como marcadores. Além disso, a categoria tempo pode ser retomada anaforicamente ou localizada anaforicamente no discurso.

Apresentamos também todos os marcadores que indicam aspecto em língua tétum-praça: *tihá* (perfectivo), *ona* (inceptivo), *daudaum* (gressivo), *hela* (estativo), *foin* (recentiva), *sei* (prospectivo), *atu* (iminentivo) e *ba* (aproximativo).

Estudamos dois discursos proferidos por pessoas que falam tétum-praça e procedemos a uma análise qualitativa. Analisamos item por item, verificando a relação verbo e marcador/ advérbio de tempo e de aspecto.

Em nosso *corpus*, encontramos os seguintes marcadores: *sei* (expressando noção de tempo futuro e de aspecto prospectivo), *tiha ona* (denotando noção de tempo passado e de aspecto perfectivo e ingressivo), *ona* (expressando noção de tempo passado), *liubá* (denotando noção de tempo passado), *atu* (dando noção de aspecto iminentiva) e *hodi* (apresentando noção aspectual contínua). Assim, verificamos que, em tétum-praça, os marcadores parecem acumular noções de tempo e de aspecto em alguns casos. Em outros, denotam somente uma noção.

Todos os marcadores, exceto o *tiha ona* e *ona*, estão localizados à esquerda do verbo. *Tiha ona* e *ona* estão à direita. Portanto, parece haver uma restrição na localização sintática de tais marcadores. Mas nem todos estão à esquerda, o que poderia comprovar a hipótese de advérbios na posição de especificador de núcleos funcionais, tal como propõe Cinque (1999). Se isso não pode ser, de fato, comprovado, o fato de marcadores e advérbios serem aqueles responsáveis pela designação de tempo e de aspecto, além de outras noções que não estudamos nesta pesquisa, como modo, podemos verificar que advérbios fazem às vezes de categorias funcionais na língua tétum-praça. Só que, em alguns casos, tais constituintes sintáticos adjungem-se à esquerda do SV e, em outros casos, à direita, o que vai ao encontro da proposta das autoras Rocha & e Lopes (2015).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. Psych Verbs and Theta Theory. *Natural Language and Linguistic Theory* 6. 1988.

BORER, Hagit. *The projection of arguments*. Umass, Amherst. University of Massachusetts Occasional Papers 17, 1994.

CORRÊA, L. M. S. (2006) Conciliando processamento lingüístico e teoria de língua no estudo da aquisição da linguagem: habilidades discriminatórias de bebês, categorias funcionais e a disponibilidade de um sistema computacional lingüístico. In: Corrêa, L.M.S. (org.). *Aquisição da Linguagem e Problemas do Desenvolvimento Lingüístico*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RJ.

COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

_____. *Tense*. 8ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

COSTA, Luís. *Dicionário Tétum-português*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

COSTA, Luís. *Língua Tétum: contributos para uma gramática*. Lisboa: Edições Colibri, 2015.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola, 2005.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague, Netherlands: Mouton Publishers, 1957.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e Pensamento*. Tradução de Francisco M. Guimarães. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da Sintaxe*. Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Arménio Amado. 1975.

CHOMSKY, Noam. *Sobre natureza e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CINQUE, Guglielmo. *Types of A-bar Dependencies*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.

CINQUE, Guglielmo. On the Evidence for Partial N-movement in the Romance DP. In G. Cinque, J.Koster, J.-Y.Pollock, L.Rizzi and R.Zanuttini (eds.) *Paths Towards Universal Grammar. Studies in Honor of Richard S. Kayne*. 85-110. Washington (D.C.): Georgetown University Press, 1994.

CINQUE, Guglielmo. 1999. Adverbs and Functional Heads. A Cross-linguistic Perspective. New York: Oxford University Press
Cinque, Guglielmo, ed., 2002. Functional Structure in DP and IP. *The Cartography of Syntactic Structures*, vol.1, New York: Oxford University Press, 1999.

- CINQUE, Guglielmo. *Issues in adverbial syntax*. *Lingua* 114.683-710, 2004.
- CINQUE, Guglielmo. Restructuring and Functional Heads. *The Cartography of Syntactic Structures*, vol.4, New York: Oxford University Press, 2006.
- CROFT, William; CRUSE, D.Alan. *Cognitive linguistics. Cambridge textbooks in Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 59-87.
- GREIMAS, A. J. *Semântica Estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- HALLIDAY, Mark Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh. The Faculty of Language: What is it, Who has it, and How did it evolve?. *SCIENCE*, New York, v. 298, p. 1569-1579, nov. 2002.
- HERMONT, Arabie Bezri. *Aquisição de Tempo e Aspecto no Déficit Especificamente Lingüístico*. 2005. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. 2005.
- HERMONT, Arabie Bezri; LIMA Ricardo Joseh. Gramática Gerativa: aspectos históricos e perspectivas atuais. IN: HERMONT, Arabie Bezri; ESPÍRITO SANTO, Rosana Silva do; CAVALCANTE, Sandra Maria Silva (Org.) *Linguagem e cognição: Diferentes Perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. BH: PUC Minas, 2010.
- HERMONT, A. B. XAVIER, G. C. [et. al]. *Gerativa: (inter)faces de uma teoria*. Florianópolis: Beconn, Produção de Conteúdo, 2014.
- HULL, Geoffrey & Eccles, Lance. *Gramática da Língua Tétum*. Lisboa: Editora Lidel, 2001.
- HULL, Geoffrey. *Timor-Leste, Identidade, Língua e Política Educacional*. Instituto Camões, Lisboa, 2005.
- HULL, G. The Basic Lexical Affinities of Timor's Austronesian Languages: A Preliminary Investigation. *SLCET* 1, p. 97-202, 1998. apud ENGELENHOVEN, A. Ita-nia Nasaun Oin-Ida, Ita-nia Dalen Sira Oin-seluk "Our Nation is One, our Languages are Different" Language Policy in East Timor. In: SEIXAS, P. C. e ENGELENHOVEN, A. *Diversidade cultural na construção da nação e do estado em Timor-Leste*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.
- JACKENDOFF, R. Semantic structure and conceptual structure. In: *Semantics and Cognition*. Cambridge, Mass. The MIT Press, 1999.
- KATO, M. A. *Raízes não finitas na criança a construção do sujeito*. *Cad.Est.ling.*, Campinas, (29): 119-136, jul./Dez.1995.

KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do. *Gramática do português culto falado no Brasil: A construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015.

KENEDY, Eduardo. *Curso Básico de Linguística Gerativa*. SP: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução a linguística textual*. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KOSTER, Dietrich. *Política linguística de Timor-Leste: a reintrodução do português como língua oficial e de ensino*. Lusorama, p.172-179, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Lucerna, 2007.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3, p. 365-425, 1989.

RADFORD, Andrew. *Minimalism Syntax: Exploring the Structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: Dover, 1975.

ROCHA, Maura A. Freitas; LOPES, Ruth E. Vasconcellos. *Adjunção*. In KATO, Mary A. NASCIMENTO, Milton do. *Gramática do português culto falado no Brasil: A construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015.

SANT'ANA, Mauro Simões. *Sintaxe e processamento de advérbios no português brasileiro*. 2010. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2010.

SMITH, Carlota. *A Theory of Aspectual Choice*. *Language* 59, 1983.

SMITH, Carlota. *The parameter of aspect*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1997.

SMITH, Carlota; PERKINS, Ellavina; FERNALD, Theodore. *Time in Navajo: Direct and Indirect Interpretation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

THOMAZ, Luís Filipe F.R. 'The formation of Tetun-Praça, vehicular language of East Timor'. In N Phillips & A Khaidir (eds.) *Papers on Indonesian languages and literatures Cahier d'Archipel Paris*, 1981.

THOMAZ, Luís Filipe F.R. *Babel Lorosa'e, O Problema Linguístico de Timor-Leste*. Coleção Cadernos Camões, Instituto Camões, Lisboa, 2002.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4.ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

TINOCO, Jacinto. *Não haverá unidade nacional sem unidade linguística* em: Boletim de Notícias, Associação Cultural Luso-Timorense, n.3, p. 1, Díli, abril de 2002.

VENDLER, Zeno. Verb and Times. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

Williams-van Klinken, Catharina. *A Grammar of the Fehan Dialect of Tetun, an Austronesian Language of West Timor*. Pacific Linguistics Canberra, 1999.

Williams-van Klinken, C, J Hajek and R Nordlinger forthcoming *A Grammar of Tetun Dili, East Timor*. Pacific Linguistics Canberra, 1999.

GUSMÃO, Xanana & MORUK, Mauk. *Debate RTTL*. <Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aFV9iqzrvul>> . Acesso em: 04 de ago. 2016.